

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE TEOLOGIA DO UNASP DE 2002 A 2004

Alex Gonsalves de Oliveira

Bacharel em Teologia e Comunicação Social pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em novembro de 2005
Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.
alexgonsalves@gmail.com

RESUMO: Essa pesquisa pretendeu avaliar a prática de evangelismo público vivenciada pelos alunos de teologia do Unasp em 2004, e compará-la ao mesmo estágio realizado nos anos de 2002 e 2003. A percepção dos alunos entrevistados aponta para uma avaliação geral positiva do programa de estágio. Boa parte dos estagiários reconhece a importância dessa prática para a própria formação pastoral. Porém, como pontos a melhorar na realização das séries evangelísticas estão o trabalho de envolvimento da membresia local na campanha e a assistência pós-batistal aos recém-convertidos.

PALAVRAS-CHAVE: evangelismo público, prática pastoral, projeto de continuidade.

The public evangelism training program: its perception by the Unasp theology students from 2002 to 2004

ABSTRACT: This research pretended to evaluate the practice of public evangelism experienced by the theology students of UNASP in the year of 2004, and to compare it with experience of the students of 2002 and 2003. The perception of the students interviewed points generally to a positive evaluation of this training program. A good number of students recognized its relevance to their own pastoral formation. Nevertheless, they pinpointed to the need to improve the involvement of the local members in these evangelistic series, and the post-baptismal follow-up of the new converted members.

KEYWORDS: public evangelism, pastoral practice, project for continuity.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE TEOLOGIA
DO UNASP DE 2002 A 2004

por

Alex Gonsalves de Oliveira

Novembro de 2005

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE TEOLOGIA
DO UNASP DE 2002 A 2004

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Alex Gonsalves de Oliveira

Novembro de 2005

ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE TEOLOGIA
DO UNASP DE 2002 A 2004

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Alex Gonsalves de Oliveira

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
José Miranda Rocha
Professor de Teologia Aplicada

Avaliação

Natanael Bernardo Pereira Moraes
Professor de Teologia Aplicada

Data da Aprovação

Amim Américo Rodor
Coordenador do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Definição do Problema	02
Propósitos da Pesquisa	02
Delimitação do Estudo	02
Metodologia	03
Sumário dos Capítulos	03
CAPÍTULO I - HISTÓRICO DO ESTÁGIO DE EVANGELIZAÇÃO PÚBLICA	05
Missão IAense	07
Ampliação do Plano de Estágio	08
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
A Bíblia e o Evangelismo	10
Ellen G. White e o Evangelismo	12
Pregar no Contexto do Grande Conflito	14
Uma Tarefa Para os Jovens	16
Características Básicas da Equipe Evangelística	17
O Desafio da Etapa de Continuidade	20
Outros Autores e o Evangelismo	24
Entendendo Evangelismo	25
Focalizando o Início do Processo	26
Continuidade, Consolidação e Acompanhamento	28
CAPÍTULO III - ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRÊS UNIÕES	32
Expectativas Anteriores	33
Pontos Fortes e Fracos	34
Desempenho dos Envolvidos	34
Prioridades Estabelecidas	39
Avaliação do Programa	44
Percepção do Evangelismo	51
CONCLUSÃO	56
BIBLIOGRAFIA	60
ANEXOS	63
ANEXO A - CONFERÊNCIAS DA UCB	64

Expectativas Anteriores	64
Pontos Fortes e Fracos	65
Desempenho dos Envolvidos	65
Prioridades Estabelecidas	68
Avaliação do Programa	71
Percepção do Evangelismo	75
ANEXO B - CONFERÊNCIAS DA UCOB	77
Expectativas Anteriores	77
Pontos Fortes e Fracos	78
Desempenho dos Envolvidos	78
Prioridades Estabelecidas	80
Avaliação do Programa	83
Percepção do Evangelismo	87
ANEXO C - CONFERÊNCIAS DA USB	89
Expectativas Anteriores	89
Pontos Fortes e Fracos	90
Desempenho dos Envolvidos	90
Prioridades Estabelecidas	93
Avaliação do Programa	96
Percepção do Evangelismo	100
ANEXO D – QUESTIONÁRIO SOBRE O ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO	
2004	102
ANEXO E – RESPOSTAS DAS QUESTÕES SUBJETIVAS DO QUESTIONÁRIO	105
Anexo E1 – Respostas dos Estagiários da UCB	106
Anexo E2 – Respostas dos Estagiários da UCOB	111
Anexo E3 – Respostas dos Estagiários da USB	113

GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS

Segue uma lista de termos utilizados no contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia e que são mencionados neste trabalho:

Membros – pessoas que foram batizadas na igreja e que tem o seu nome no livro de registro da secretaria da igreja.

Obreiros – pessoas que trabalham em prol da igreja, contratados pela administração da mesma. Geralmente têm a função de auxiliar em séries evangelísticas públicas e de ministrar estudos bíblicos para as pessoas na igreja ou em suas casas.

Evangelismo Público – programa em que são ministradas palestras de cunho evangelístico aberto para a comunidade com o envolvimento de pastores, membros e obreiros.

Conferências Públicas – geralmente equivalente a Evangelismo Público.

Evangelista – pastor que dirige Conferências Evangelísticas Públicas.

Distrito – órgão administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administra uma região que engloba várias igrejas.

Associação – órgão administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administra uma região que engloba vários distritos.

União – órgão administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administra uma região que engloba várias associações.

Divisão – órgão administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administra uma região que engloba várias Uniões.

UCB – União Central Brasileira.

UCOB – União Centro-Oeste Brasileira.

USB – União Sul Brasileira.

DSA – Divisão Sul-Americana

IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia

IAE-C1 – Instituto Adventista de Ensino – Campus 1 (São Paulo)

IAE-C2 - Instituto Adventista de Ensino – Campus 2 (Engenheiro Coelho)

Unasp – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Missão IAEnse – departamento do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia do IAE/Unasp responsável por administrar os estágios dos alunos.

INTRODUÇÃO

Levar as boas novas de salvação para o mundo é tarefa de todos os crentes. Embora todos devam exercer parte ativa nesse processo, os líderes têm a função especial de treinar a igreja para que tenha êxito em tal missão. Esse treinamento se torna eficaz quando os treinadores contam com uma experiência positiva desde o início de seu próprio processo formativo.

Tal início se dá, geralmente, quando estes treinadores-pastores estão ainda no curso de teologia, principalmente quando conciliam a teoria com a prática no estágio de evangelismo público. Na proposta educacional do curso de teologia do UNASP, no segundo semestre do terceiro ano do curso, os alunos são preparados e participam de conferências públicas em alguma parte situada nos territórios das Uniões do Brasil. Os alunos são distribuídos conforme as propostas de estágio das Associações e o planejamento de equipes pelo professor de evangelismo.

Sobre tal experiência os alunos emitem declarações e considerações sobre problemas que enfrentaram e críticas quanto à estrutura. Torna-se imprescindível assim coletar estas informações para se fazer uma avaliação criteriosa, a fim de que esta contribua para a continuidade de tal projeto que tão útil tem se mostrado. Tudo o que se realiza, para que permaneça, precisa ser avaliado e, nos devidos aspectos, reestruturado.

Nas considerações ao professor da prática de evangelismo público, os alunos colocam os resultados e as leituras que fizeram da situação, mas não se chega muitas vezes às causas. Diagnosticar cada caso e compará-lo com outros, levantando diferenças e semelhanças, a partir dos contextos respectivos é o que vai delinear o desfecho desta pesquisa.

Definição do Problema

Findo o período do estágio de evangelismo público com os alunos do terceiro ano do curso de teologia, estes prestam relatório e avaliações simples que são entregues e analisados pelo professor. Mas não se tem um momento específico e suficiente para que as informações relatadas sejam objeto de análise, onde os resultados sejam compartilhados com os alunos que estagiaram, a fim de que juntos com o professor levantem forças e fraquezas das campanhas evangelísticas das quais participaram.

Propósitos da Pesquisa

Os propósitos da pesquisa foram: Identificar os pontos fracos e fortes nas práticas de estágio de evangelismo público ocorridas nas diferentes associações; comparar esses pontos, separando os mais freqüentes e a partir destes diagnosticar as possíveis forças e fraquezas do projeto de estágio; coletar declarações avaliativas dos alunos a fim de que pudessem ajudar tanto no diagnóstico e solução dos problemas, quanto na identificação dos aspectos positivos.

Delimitação do Estudo

Esta pesquisa objetivou apenas levantar dados sobre o estágio de evangelismo público, como praticado pelos alunos do curso de teologia do UNASP Campus Engenheiro Coelho de 2004, com acréscimo de alguns que participaram em anos anteriores (2002 e 2003). Não foi intenção estender a pesquisa a todos os anos desta prática, desde seu início em 1987. Quem aplicou o questionário foi o aluno que assina como autor este projeto.

Metodologia

A metodologia usada no presente estudo contemplou, em primeiro lugar, a leitura atenta das obras e documentos sobre o tema em questão. Em seguida, buscou-se obter informações dos alunos do curso de teologia, que fornecessem dados suficientes e pertinentes, com a maior fidelidade possível, a fim de se conseguir realizar um estudo aprofundado dos mesmos e assim chegar a um resultado satisfatório.

Assim, realizou-se uma pesquisa exploratória quantitativa, através de um questionário predominantemente objetivo, que foi aplicado aos alunos que participaram do estágio em 2004, e alguns que participaram em anos anteriores (2002 e 2003), que tornou possível levantar os primeiros indicativos por parte dos alunos, relativos às suas percepções da prática de evangelismo público. Tal questionário possibilitou uma tabulação de resultados que mostraram uma visão geral da turma. Isso foi viável devido ao universo limitado de aproximadamente setenta e cinco (75) alunos.

O projeto objetivou resultados indicativos ou prováveis, devido ao tempo limitado e às técnicas disponíveis. O método de coleta de dados foi através de fontes primárias, com aplicação do referido questionário objetivo. Algumas questões que exigiram respostas subjetivas estiveram presentes no questionário com o propósito de, unidas às respostas objetivas, permitirem uma análise mais abrangente, diminuindo as possibilidades de resultados indicativos não procedentes.

Sumário dos Capítulos

No capítulo um, foram estudados os fundamentos filosóficos do treinamento evangelístico oferecido pelo curso de teologia. Deu-se destaque para o ideal proposto nestes referenciais, com ênfase no preparo antecedente à campanha, e na continuidade, que sucede à campanha.

No capítulo dois, foi levantado um breve histórico do estágio de evangelismo público para o preparo ministerial, praticado desde o início do curso de teologia em 1915, em Santo Amaro, São Paulo.

O capítulo três focaliza os resultados da pesquisa quantitativa, tendo em vista a análise da estrutura, objetivos, resultados, pontos fracos, pontos fortes e possíveis causas, das conferências nas quais participaram os alunos entrevistados. Após ter feito a análise, foram cruzadas as informações destacando os pontos fracos e os pontos fortes em comum.

O estudo não pretendeu desconsiderar o trabalho avaliativo sistemático, efetuado anualmente pelo professor de prática de evangelismo público, que tem sido feito até o presente, mas oferecer um referencial a mais, partindo da percepção dos alunos que participam ativamente no processo.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DO ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO

No início do curso de teologia em 1915, a formação ministerial era mais voltada para a prática.¹ O treinamento em evangelismo, ministrado aos estudantes, seguia o enfoque da abordagem pessoal. A colportagem e a visitação eram os métodos mais empregados. Nesses primórdios, pouco se desenvolvia o aluno em relação à prática de séries de conferências públicas em grandes dimensões. Segundo Wolter, as primeiras tentativas de grandes séries de conferências ocorreram em 1914, lideradas por John Lipke, em Santo Amaro-SP.² E Wolter acrescenta: “nessa época havia poucos evangelistas de carreira para organizar grandes ajuntamentos de pessoas no Brasil. Não havia treinamentos, nem muitas técnicas, mas atendia-se à ordem: ‘Ide e pregai...’ numa boa vontade dos pioneiros”.³

Na década de 20, Walter Shubert se destacou como o primeiro evangelista público de renome no âmbito da América do Sul. Além de realizar as séries de conferências, sua preocupação era treinar outros pastores, para que pudessem realizar suas próprias conferências

¹ Berndt Dietrich Wolter, “Uma Avaliação do Treinamento Ministerial nos Estágios de Evangelismo Público do SALT – Sede Brasil-Sul”. Dissertação de Mestrado (Engenheiro Coelho, SP: SALT-IAE, 2000), 22-32.

² João Rabelo, “Biografia de John Lipke” (manuscrito, cedido gentilmente antes da publicação, 1998, 31-32), citado em Wolter, 22.

³ Ibid.

em suas respectivas regiões de atuação. “Schubert, um gago, iniciou sua carreira de evangelista em 1923”.¹

Walter Schubert teve grande influência no desenvolvimento do evangelismo público no Brasil, pois ele utilizou suas próprias séries de evangelização para ensinar os pastores, futuramente, a realizarem outras. “Durante a série não se preocupava [apenas] em ministrar as palestras, mas também em treinar os pastores que com ele trabalhava, capacitando-os para que fizessem suas próprias campanhas onde depois estivessem [trabalhando]”.² No plano de “cada cruzada evangelística surgia uma escola de evangelismo, onde estudos relevantes eram feitos, geralmente de manhã, cinco dias por semana, sob direção do próprio Schubert”.³ Wolter ainda informa que “o tempo era também despendido para discutir e solucionar as situações difíceis” que periodicamente surgiam em função das dúvidas com as pessoas interessadas no estudo da Bíblia.⁴

O modelo de Schubert, afirma Wolter, é usado até hoje no treinamento dos estudantes do curso de teologia, levando em conta algumas variações e atualizações. A estratégia de treinamento era convidar experientes evangelistas “para ministrar aulas no seminário”.⁵ Os estudantes eram envolvidos pelo próprio professor evangelista em sua série de conferências no território da região metropolitana de São Paulo. A participação dos alunos variava desde o envolvimento completo no ciclo de palestras ou em apenas algumas destas, “o que era considerada boa contribuição para a formação pastoral do estudante de teologia”.⁶

¹ Salim Japas, “A Strategy for SDA Public Evangelism Within a Roman Catholic Society Context in Hispanic America”. Tese Doutoral (Berrien Springs, MI: Andrews University, 1978), 32. Citado em Wolter, 24.

² Murray, 17. Citado em Wolter, 25.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Wolter, 26.

⁶ Ibid.

Missão Iaense: Observação e/ou Participação

O modelo de Schubert foi, por muitos anos, praticado sempre que possível. O curso de teologia, ainda que não sistematicamente, procurou constantemente demonstrar preocupação quanto ao preparo dos seus estudantes para realizarem evangelismo público. O programa desenvolvia-se “de acordo com a iniciativa e capacidade organizacional do professor responsável ou do diretor do seminário. O professor de residência pastoral estimulava os alunos, por meio de palestras, convidados especiais e visitas esporádicas a uma série de conferências”.¹

A partir de 1968, os alunos de teologia começaram a participar em conferências públicas realizadas nas proximidades do então IAE². “Os estudantes iam normalmente às aulas no período da manhã, à tarde serviam às conferências como obreiros bíblicos e à noite assistiam às reuniões da mesma série”.³ Wolter informa que a parte teórica era dada por meio de evangelistas que “eram convidados a ministrar aulas separadas ou semestres inteiros, como foi o caso do Pr. Alcides Campolongo”.⁴

A Missão IAEnse teve um papel de destaque no campo da prática pastoral e desde 1976 passou a ter forte atuação na evangelização. Desde que assumiu a responsabilidade da prática pastoral e evangelística para os alunos do curso de teologia até 1981, o Pr. Joel Sarli⁵ dirigia os estágios por meio da “missão”, o que foi continuado pelo seu sucessor, Pr. Davi Bravo.⁶

1 Wolter, 27. “Residência Pastoral” é a nomenclatura até 2002 para designar a disciplina acadêmica hoje conhecida como “Prática Pastoral”.

² IAE é a sigla da entidade mantenedora dos três campi do UNASP. Na história desta instituição o campus 1, localizado em São Paulo, ainda é conhecido como IAE.

³ Entrevista com Aristarco Pinheiro de Mattos, então professor do SALT, Engenheiro Coelho, 7 de Julho de 1999, por telefone, citada em Wolter, 27.

⁴ Wolter, 27.

⁵ Entrevista com Joel Sarli, então coordenador da Missão IAEnse e dos estágios, Engenheiro Coelho, 1º de Julho de 1999, por telefone, citada em Wolter, 27.

⁶ Wolter, 28.

Ampliação do Plano de Estágio

Em 1987 houve uma mudança significativa no programa de treinamento dos futuros pastores. Nessa época a DSA, representada pelo Pr. Daniel Belvedere, evidenciou a preocupação de que os alunos do curso de teologia tivessem a oportunidade de estagiarem fora do território de responsabilidade da Missão IAEnse. O propósito era proporcionar aos alunos uma percepção mais ampla da realidade. Os esforços da organização superior para envolver os estudantes de teologia na prática evangelística ampla culminaram num voto do SALT – Divisão Sul-Americana, registrado naquele ano, que regulamentava o estágio de evangelismo público. Para assegurar “previsibilidade e controle, um professor, com formação acadêmica, deveria assumir a cadeira de evangelismo público. A finalidade era formar, como sempre havia se esperado, pastores distritais-evangelistas”.¹ O voto era extensivo a todas as sedes do SALT no território da DSA.

O professor de evangelismo público deveria dirigir uma série de conferências que seria financiada pela União, pela Associação, e pelo colégio que sediasse o Seminário. Os objetivos principais eram: Em primeiro lugar “atingir um número significativo de interessados, onde a União designasse”. Em segundo lugar “servir de sala de aulas e de laboratório prático para todos os alunos de teologia, quando cursassem o 3º ano”.²

No ano em que foi lavrado o voto pela Divisão Sul-Americana, 1987, foi chamado o Pr. Ricardo Cabero para implantar no curso de teologia do UNASP o novo programa de estágio. O Pr. Cabero coordenou o programa até 1991. A partir deste ano o Pr. José Miranda Rocha assumiu a coordenação do estágio e realizou séries de conferências em Ponta Grossa (1992) e em Campinas (1993).

1 Ibid.

2 Ibid., 29.

Em virtude do aumento do número de estagiários do terceiro ano de teologia, foi percebido que o professor de evangelismo ficava limitado à sua campanha evangelística sem poder dar atendimento aos alunos que haviam sido distribuídos nas demais frentes de trabalho.¹ Esta era razão suficiente para as uniões patrocinadoras do estágio tomarem consciência sobre as dificuldades para colocar em prática o plano sugerido pelo voto 87/493, como proposto originalmente. Um número muito maior de séries de conferências era capaz de atender a demanda de ofertas para todos os alunos. Elaborou-se então um plano modificado em relação ao original, proposto pelo voto 87/493, com decisões tomadas em conjunto com os campos das Uniões Sul e Central. A modificação recomenda que os alunos do terceiro ano de teologia sejam envolvidos nas séries de conferências que as próprias associações desenvolveriam normalmente; não haveria, assim, uma série projetada e liderada pelo professor de evangelismo.² Esta nova projeção do programa de estágio alterou a atuação do professor junto às uniões.

No sistema atualmente praticado, os alunos têm um mês (agosto) de aulas intensivas, para depois irem para o estágio em uma série de evangelização, iniciando-se em setembro e estendendo-se até ao final de novembro. O professor coordena os estagiários e visita em todas as frentes de prática de evangelismo no território das uniões mantenedoras do curso de teologia; isto é, nos territórios da USB, UCB e UCOB. Este plano está em vigência, sendo constantemente adaptado e melhorado em negociação amigável com os campos e uniões.

1 Ibid., 29-31.

2 Ibid., 31.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse capítulo oferece a base para a análise que segue o presente trabalho. Nele serão destacados algumas explicitações bíblicas, acompanhadas de escritos de Ellen G. White e de outros autores sobre evangelismo. Na Bíblia, com ênfase especial no Novo Testamento, o evangelho é a essência da vida cristã. Nos escritos de Ellen G. White a importância do evangelismo é muito enfatizada, principalmente no que se refere à evangelização pública. O mesmo aspecto foi procurado em outros autores. Os pontos de destaque se referem ao preparo, relacionamentos e continuidade, sendo que são estes os que mais deixam a desejar na maioria das atuais conferências. A execução em si não será analisada, pois, no geral, tem sido considerada satisfatória, e há abundância de material produzido.

A Bíblia e o Evangelismo

Jesus, no início de seu ministério, revelou sua missão de anunciar o Reino de Deus (Mr. 1:14; Lc. 4:43; 7:22). Desde então, Sua vida foi em prol de tal missão. A pregação das boas novas (Mt. 11:5) a todos, em especial aos pobres e oprimidos, era a meta de Jesus, acima das curas e milagres. Estes eram, na realidade, executados em prol de dar força à mensagem pregada.

Se o evangelho era prioridade do próprio Jesus, os filhos dEle deveriam priorizá-lo também. Cristo colocou que o amor ao evangelho está intimamente ligado ao amor a Cristo (Mt. 10:29-30). Os cristãos deverão, a exemplo de Cristo viver e anunciar com alegria o evangelho

que Ele lhes deixou. A Grande Comissão (Mt. 28:19-20) é o chamado a experimentar o que Cristo viveu, seguindo o seu exemplo, anunciando Suas boas novas, levando pessoas a Ele e ensinando o que Ele deixou.

Uma grande referência para a compreensão da profundidade do evangelho e a missão do crente em anunciá-lo são os escritos de Paulo. Ele considerava a si próprio como separado para anunciar o evangelho (Rm. 1:1-7). Segundo a compreensão do apóstolo, foi por meio do evangelho que ele e todos que aceitaram também receberam graça, salvação, poder para vencer e justiça (Rm. 1:5,16-17). Assim, além de evidenciar a importância do mesmo, deu sustentação suficiente para que nem ele nem outros tivessem motivos para se envergonhar e/ou se intimidar em anunciar tais boas novas.

Pedro, ao escrever sua segunda epístola declarou que o anúncio do evangelho deve ser constante, tendo também o caráter de lembrar o que já se conhece, como que assegurando a lembrança das verdades essenciais, que continuam vigorando no presente (II Pe. 1:12-15). Pregar a mensagem de salvação vinda de Deus ao homem no contexto atual, é explicitado pelos seguidores de Cristo do Novo Testamento, mas também é percebida nos crentes do Antigo Testamento, que tinham mensagens fortes de salvação vindas de Deus, a ser anunciadas nos seus próprios contextos. Exemplos: Noé, Abraão, Davi, os sacerdotes do santuário, Daniel, José, etc.

Dessa forma, a mensagem de salvação está sendo anunciada desde seus primórdios, passando pelos patriarcas e profetas, ficando explicitada e intensificada em Jesus, continuada pelos apóstolos e discípulos, chegando até nós por meio da igreja. Fica evidente assim, que os cristãos da atualidade devem, com o mesmo empenho, motivação e vigor passar a mensagem adiante, seguindo a dinâmica até o retorno de Jesus.

Aos convictos do evangelho, a atuação do Espírito Santo veio a dar segurança e certeza de vitória (At. 1:8). Sempre que há o chamado para a proclamação das verdades há a preparação

antes, como no caso de Moisés no deserto antes de liderar o povo; a capacitação durante, como no caso dos discípulos, e um plano de continuidade e sustentação depois, como no caso dos cristãos convertidos no pentecostes (At. 2: 42:46). Elementos diversos de um processo de evangelização comprometida são notados nas diversas experiências bíblicas. Uma que merece destaque é o envolvimento dos mais experientes com os novos, como no caso de Elias e Eliseu. Elias educou Eliseu, auxiliando-o no fortalecimento pessoal e capacitando-o para levar adiante a missão.

Essas evidências bíblicas tornam nítida a certeza da importância do evangelho e da missão dos cristãos, identificados com Cristo, em anunciá-lo. Várias outras passagens podem ser acrescentadas, mas para o presente trabalho estas são suficientes para dar o destaque proposto. O estudo da forma como o evangelho era levado por Jesus e seus discípulos torna evidente a seriedade com que tratavam, o preparo anterior, a ênfase e vigor com que levavam e o envolvimento e preocupação com a continuidade daqueles que aceitaram. As epístolas são evidências fortíssimas de que evangelismo na compreensão dos apóstolos não era só levar as pessoas à decisão, mas também trabalhar em prol de mantê-las firmes após tal decisão.

Ellen G. White e o Evangelismo

Evangelizar é missão de toda a igreja, incluindo líderes e membros. De graça todos receberam, de graça todos devem dar. É o partilhar multiplicador oferecido pela dinâmica de Jesus, apresentada à humanidade, quando veio à Terra. A seguir, declarações de Ellen G. White a respeito do tema em estudo serão citadas com comentários adicionais elucidativos.

O limite da Grande Comissão é a Terra com todos os seus habitantes. Isso foi enfatizado pelo próprio Jesus aos seus discípulos: “Portanto, ide, ensinai todas as nações”. Mat. 28:19. Juntamente com a missão veio a promessa: “E eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos

séculos”. Mat. 28:20. Ellen G. White, analisando esse contexto das últimas palavras de Cristo diz “Ide aos mais afastados limites do globo habitável, e sabeis que aonde quer que fordes Minha presença vos assistirá”.¹

É desejo de Deus que os que receberam a salvação prontamente oferecida por Ele, também sejam prontos a contribuir para que outros também por ela sejam agraciados. “Deus deseja que os que recebem Sua graça sejam testemunhas do poder da mesma. A igreja, inteiramente consagrada ao seu trabalho, deve levar a mensagem ao mundo”.² Cristo espera que Seus filhos que foram achados pelo Evangelho ajudem no trabalho de encontrar a outros. “A ovelha perdida deve ser conduzida de volta, em segurança, para o curral. Quem se unirá aos que vão buscá-la? Quem erguerá a luz aos que tateiam nas trevas do erro?”³

Deve o cristão dedicar tempo crescente no envolvimento evangelístico. “A obra evangelística, de abrir as Escrituras aos outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar, mais e mais, o tempo dos servos de Deus”.⁴ Ellen White convoca os adventistas do sétimo dia a assumirem a responsabilidade: “Assumamos agora o trabalho que nos é designado, e proclamemos a mensagem que há de despertar homens e mulheres, levando-os a reconhecer seu perigo”.⁵ O crescimento da igreja depende desse envolvimento. “Se cada adventista do sétimo dia houvesse feito o trabalho que lhe foi confiado, o número de crentes seria hoje muito maior do que é”.⁶

¹Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 15.

²Ibid. 15-16.

³Ibid.

⁴Ibid., 17.

⁵Idem, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, 293.

⁶Ibid.

Pregar no Contexto do Grande Conflito

A forma de lutar contra os poderes das trevas é por meio da proclamação da mensagem. Esta é a estratégia divina. “O Senhor determinou que a proclamação desta mensagem fosse a maior e mais importante obra no mundo, para o presente tempo”.¹ É exatamente assim que deve o povo de Deus enxergar a proclamação do evangelho, como uma arma contra Satanás e seus aliados. O exército de Satanás é numeroso, por isso os seguidores de Cristo devem se espalhar pelo mundo e lutar “erguendo o estandarte da verdade nos lugares entenebrecidos da Terra e fazendo tudo quanto for possível para destruir o reino do demônio”.²

A obra missionária deve avançar de forma a fazer surgir novas igrejas, constantemente, expandindo a dimensão territorial de alcance. “Igrejas devem ser organizadas e planos formulados para o trabalho que se realizará pelos membros das recém-organizadas igrejas”.³ É evidente que a intenção é o crescimento significativo e contínuo onde a “obra missionária do evangelho precisa manter-se atingindo e anexando novos territórios, ampliando as porções cultivadas da vinha. O círculo deve ser estendido até que rodeie o mundo”.⁴

Lugares e pessoas novas devem ter prioridade no recebimento da mensagem. Ao mesmo tempo a mensagem a ser proclamada é solene e difícil, por isso é preciso otimizar a propagação da mesma. Ao invés de insistir em levá-la àqueles que já tiveram várias oportunidades de conhecê-la, o conselho é ir aonde o povo nunca ouviu, realizando “reuniões campais em cidades em que a verdade não foi proclamada. Alguns assistirão às reuniões e aceitarão a mensagem”.⁵ Essas devem ser as regiões mais procuradas para a proclamação, pois os lugares em que a verdade nunca foi proclamada

¹ Idem, *Evangelismo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959), 18.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid., 20-21.

são os melhores para trabalhar. O efeito será muito mais eficaz. Aqueles que nunca ouviram a verdade “verão a maldade do pecado, e seu arrependimento será completo e sincero. O Senhor atuará nos corações que, no passado, poucas vezes receberam apelos, corações que antigamente não haviam visto a enormidade do pecado”.¹

Todos os segmentos sociais precisam ser focalizados. O priorizar uma classe em detrimento a outra é atrapalhar o processo da abrangência universal, em que se busca levar a mensagem. Ellen White conclama: “Entrai nas grandes cidades e criai interesse entre os grandes e os pequenos. Tornai vosso trabalho o pregar o evangelho ao pobre, mas não pareis aí. Procurai alcançar também as classes mais elevadas. Estudai vossa localidade tendo em vista deixar a luz irradiar para outros”.²

Há muitas cidades que se encontram em situação de impenitência por falta de advertências. “Se tivesse havido diligente esforço na obra de tornar a verdade para este tempo conhecida nas cidades que não estão advertidas, elas não estariam agora impenitentes como se encontram”.³ Ellen White tem uma afirmação forte a respeito: “Da luz que me foi concedida, sei que poderíamos ter hoje milhares mais se regozijando na verdade, se o trabalho tivesse sido realizado conforme exige a situação, de muitas maneiras intensivas”.⁴

Quanto mais evidente for o Juízo Iminente, maior a dedicação. Ellen White exorta inclusive os pastores, líderes que estão à frente deste trabalho:

“Se nossos pastores considerassem quão brevemente os habitantes do mundo serão congregados diante do trono do juízo de Deus, a fim de responder pelos atos praticados no corpo, com que fervor não trabalhariam eles juntamente com Deus, no sentido de apresentar a verdade! Quão ardentemente não se esforçariam a guiar os homens a aceitarem a verdade! Quão incansavelmente não trabalhariam para desenvolver a causa

¹ Ibid., 21.

² Idem, *Testemunhos Para Ministros* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984), 400.

³ Idem, *Evangelismo*, 21.

⁴ Ibid.

de Deus no mundo, proclamando, por palavras e atos, que ‘já está próximo o fim de todas as coisas.’ I Ped. 4:7”.¹

A comodidade deve ser eliminada. O tempo para o juízo está se esgotando. Todo esforço precisa ser feito. O máximo de pessoas deve se empenhar no trabalho missionário, “em toda parte há necessidade de obreiros para Cristo. Deveria haver cem trabalhadores diligentes e fiéis nos campos missionários nacionais e estrangeiros onde agora há só um”.²

Uma Tarefa Para os Jovens

O Senhor quer muitas pessoas trabalhando em proclamar o evangelho. E uma classe especial é a dos jovens. Deus os chama para serem sentinelas nos postos avançados. “O Senhor pede mais obreiros para trabalharem em Sua vinha. Foram ditas as palavras: ‘Fortalecei os postos avançados; mantende fiéis sentinelas em todas as partes do mundo.’ Deus vos chama, jovens”.³ Ele convoca os que têm “coração generoso e largueza de vistas, e que se achem possuídos de profundo amor a Cristo e à verdade”.⁴

Numa espécie de santa convocação, Deus está chamando os jovens a trabalharem. “O Senhor está atualmente pedindo jovens de ambos os sexos, que sejam fortes e ativos de mente e de corpo”.⁵ Eles estão no vigor da vida, e o melhor dela deve ser dedicado ao anúncio do evangelho. “Deseja que tragam para o conflito contra os principados e potestades e os exércitos espirituais da maldade nos lugares celestiais, as forças frescas e sãs de seu cérebro e corpo”.⁶

¹ Ibid., 17-18.

² Idem, *Fundamentos da Educação Cristã* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975), 488.

³ Idem, *Obreiros Evangélicos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969), 63.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid., 70.

⁶ Ibid.

Mas a necessidade e a urgência não são razões para realizar a obra com desdém. A educação e o preparo são elementares. “Eles precisam receber o necessário preparo. Estão-se esforçando por ter entrada na obra alguns jovens, que não têm para ela nenhuma aptidão. Não compreendem que precisam ser ensinados antes de poderem ensinar”.¹ Alguns argumentam que homens com pouco preparo têm tido sucesso no trabalho. Quanto a essa posição Ellen White adverte que “se esses foram bem-sucedidos, foi porque puseram na obra alma e coração. E quão mais eficientes haviam de ser seus esforços, se tivessem recebido primeiramente o devido preparo!”²

Características Básicas da Equipe Evangelística

Consagração ao Senhor. “Deus pede homens que se entreguem a Ele para serem possuídos por Seu Espírito... Que sejam fortes, valentes, aptos para toda boa obra, e façam com Deus um concerto com sacrifício”.³ O máximo, e não o mínimo, é o que se espera daqueles que trabalham na obra de Deus. “O ministério não é lugar para preguiçosos. Os servos de Deus têm de ser bem provados para seu ministério. Não serão indolentes, mas, como expositores de Sua palavra, desenvolverão a máxima energia para serem fiéis. Nunca devem deixar de aprender”.⁴ Santificação, que envolva determinado estudo e oração é o que deve ser buscado diligentemente por essas pessoas “a fim de que, em tempo algum e em nenhum lugar apresentem a Deus um sacrifício defeituoso, uma obra que não lhes tenha custado estudo ou oração”.⁵

Desenvolvimento Pleno. A busca pelo desenvolvimento das faculdades mentais e morais deve ocorrer com afinco “mas seu êxito será proporcional ao grau de consagração e abnegação com

¹ Ibid.

² Ibid.

³ Ibid., 63-64.

⁴ Ibid, 64.

⁵ Ibid.

que o serviço for feito, de preferência aos dotes naturais ou adquiridos”.¹ Tal esforço, em hipótese alguma sobrepõe a atuação de Deus “A graça divina, eis o grande elemento do poder salvador; sem ela, todo o esforço humano é inútil”.²

Se o objetivo é tornar o jovem eficiente na causa de Deus, é mister um trabalho ativo para que isso seja alcançado. Para atingir um aceitável nível de eficiência, o jovem precisa estar em ação. A prática molda o perfil do obreiro eficaz. Se a educação e o preparo são considerados essenciais para determinar o sucesso para os negócios comuns, “mais essencial é o inteiro preparo para a obra de apresentar ao mundo a última mensagem de misericórdia. Esse não pode ser adquirido meramente por se sentar e ouvir pregações”.³ As escolas adventistas, e podemos considerar inclusive o curso de teologia dentro desse contexto, tem um papel importante nesse preparo, aliando o conhecimento teórico à sua aplicação prática. Nessas escolas, professores de experiência devem trabalhar em prol de despertar nos jovens a responsabilidade para com o serviço de Deus. Esses jovens devem “fazer o melhor emprego possível de seu tempo no estudo, e pôr em prática os conhecimentos adquiridos. Estudo e trabalho árduos são exigidos para tornar um pastor bem-sucedido, ou dar a um obreiro êxito em qualquer ramo da causa de Deus”.⁴ A prática em evangelismo público, conforme o projeto de estágio oferecido pelo curso de teologia do UNASP, está adequadamente inserido na grade curricular e oferece a oportunidade para que o estudante use conhecimentos teológicos e gerais adquiridos durante dois anos e meio de estudos.

Diferentes Habilidades. “Conjuntamente com a proclamação da mensagem em cidades grandes, há muitas espécies de trabalho a ser efetuado por obreiros de vários dons. Uns devem trabalhar de um modo, outros de outro. O Senhor deseja que as cidades sejam trabalhadas mediante

¹ Ibid., 70.

² Ibid.

³ Ibid., 70-71.

⁴ Ibid.

os esforços unidos de obreiros de diferentes habilidades”.¹ Sempre que o esforço humano é destacado, vem junto um alerta para a soberania da atuação de Deus. “Todos devem buscar em Jesus a direção, não confiando na sabedoria dos homens, a fim de que não se extraviem”.² Cooperação é a palavra-chave e a atitude esperada. “Como cooperadores de Deus devem procurar estar em harmonia uns com os outros. Deve haver freqüentes concílios e fervorosa, sincera cooperação. Contudo, todos devem buscar em Jesus sabedoria, não dependendo só da direção de homens”.³

Reunir e Reter Grandes Auditórios. É muito necessário realizar trabalhos evangelísticos com multidões. Para isso, Deus dotou alguns pastores com habilidades especiais, seja por dom ou pela habilidade adquirida no exercício da função. “Que os nossos pastores e presidentes de associações exerçam seu tato e sua habilidade no sentido de apresentar a verdade diante de grande número de pessoas em nossas cidades”.⁴ Mais uma vez, ao deparar-se com a magnitude do serviço, o homem pode e deve contar com a capacitação e o êxito que vem de Deus. “Quando estiverdes diante de multidões nas cidades, lembrai-vos de que Deus é vosso ajudador, e que, com a Sua bênção, podeis apresentar uma mensagem de tal natureza que alcance o coração dos ouvintes”.⁵

Os esforços dos pastores que tem habilidade de reunir e conservar grandes congregações devem ser concentrados, com tato e habilidade, a fim de que chamem atenção das pessoas para aquilo que tem real valor, diante do emaranhado de atrações que oferece o mundo. “Os pastores designados por Deus hão de achar necessário empenhar esforços extraordinários para atrair a atenção das multidões”.⁶ Mas tal empenho não se limita apenas à atração, mas também na manutenção do interesse. Sendo assim, “quando conseguem reunir grande número de pessoas, têm

¹ Ibid., 345.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Idem, *Evangelismo*, 71.

⁵ Ibid.

⁶ Idem, *Obreiros Evangélicos*, 345.

de apresentar mensagens de caráter tão fora da ordem comum que o povo fique desperto e advertido”.¹

Isentos de Sensacionalismo. Um equívoco ocorre entre alguns pastores, ao pensar que para despertar a atenção do público é preciso fazer uso de sensacionalismo. A simplicidade e dignidade trazem resultados muito mais impressionantes. Esses homens devem trabalhar com afinco na busca de despertar e conservar interesse nos ouvintes, mas sempre precavendo-se do sensacionalismo. Os escolhidos de Deus devem trabalhar em oposição à extravagância e ostentação, que muitos julgam necessário para conseguir êxito. “Ao trabalharem com simplicidade, humildade e gentil dignidade, evitando tudo que seja de natureza teatral, sua obra fará duradoura impressão para bem”.²

O Desafio da Etapa de Continuidade

A continuidade constitui-se um dos maiores problemas enfrentados por aqueles que lideram evangelismo público não só na IASD, mas em toda a comunidade protestante e evangélica. Assim, deve-se enfatizar a importância desta parte que é essencial no trabalho. Como o próprio nome indica, não é um complemento, nem é um anexo ao trabalho de evangelismo público. É sim a continuação. Se ela não figurar no planejamento, ou não satisfizer o objetivo do projeto da campanha de evangelização, o trabalho estará incompleto.

Ellen G. White deixa claro a importância da continuidade no evangelismo público, terminadas as conferências públicas. Ela orienta de forma prática os métodos que asseguram a continuidade. A seguir são apresentados algumas das ênfases que aparecem em seus escritos.

A Segunda Série De Reuniões. Deve fazer parte do planejamento das conferências uma segunda série de reuniões que dê continuidade de relacionamento com os novos conversos já

¹ Ibid.

² Ibid.

batizados e outros ainda indecisos quanto ao batismo. Essa segunda série visa o aprofundamento doutrinário ao trabalho realizado. É difícil guardar na mente aquilo que se ouve apenas uma vez e “se bem que alguns vejam suficientemente para tomar uma decisão, apesar de tudo isto, há necessidade de repassar tudo outra vez, e fazer outra série de reuniões”.¹ Fixar os pontos destacados na série de conferências é elementar para que a continuidade da jornada cristã se dê com êxito. “A verdade é nova e surpreendente, e o povo necessita de que as mesmas coisas lhes sejam apresentadas pela segunda vez a fim de tornar os pontos distintos, e fixar as idéias na mente”.²

Instrução dos Novos Conversos. Para o crescimento dos novos conversos é preciso prover a eles instrução adequada, propiciando um ambiente adequado para o desenvolvimento espiritual dos mesmos. “Os novos conversos precisam ser instruídos por fiéis instrutores da Palavra de Deus, para que cresçam no conhecimento e no amor da verdade, e se desenvolvam até à estatura completa de homens e mulheres em Cristo Jesus”.³

Visitar Repetidamente Novos Membros. Quando termina a série de conferências não acaba o trabalho com os novos membros. “A obra não deve ser abandonada prematuramente. Vede que todos estejam esclarecidos na verdade, firmados na fé, e interessados em todo ramo da obra, antes de os deixar para ir a outro campo”.⁴ Não é só a instrução que é cabida nessa assistência, mas em especial a visitação. Visitação aos novos membros é tarefa tanto do pastor como dos membros mais experientes na fé. “E então, como o apóstolo Paulo, visitai-os com freqüência para ver como vão. Oh, a obra negligente que é feita por muitos que pretendem ser comissionados por Deus para pregar Sua Palavra, faz com que os anjos chorem!”.⁵

¹ Idem, *Evangelismo*, 334.

² Ibid.

³ Ibid., 337.

⁴ Ibid., 337-338.

⁵ Ibid.

A responsabilidade de auxílio dos membros antigos para com os novos na fé vai além da visitação apenas; estende-se também à instrução doutrinária. “Os crentes novos devem ser instruídos cuidadosamente, de modo a terem uma clara percepção dos vários ramos da obra confiada à igreja de Cristo. Um ou dois não devem ser deixados sozinhos com a responsabilidade de tal obra”.¹

A participação dos membros da igreja na série de conferências, apoiando os novos na fé, encoraja e ajuda a consolidar o interesse. O sucesso do programa em “muito depende da obra feita pelos membros da igreja em ligação com as reuniões da tenda a serem feitas em nossas cidades, e acompanhando-as”.² No transcurso da série de conferências, muitos são os que são tocados pelo Espírito Santo a iniciar uma nova vida com Cristo, “mas a menos que haja contínua vigilância por parte dos obreiros que permanecem para atender o interesse, as boas impressões causadas na mente do povo tornar-se-ão indistintas”.³

Quando os membros se envolvem com os novos conversos, passam a se ver como responsáveis por eles. E é este o sentimento que se espera de todos os membros. “Quando homens e mulheres aceitam a verdade, não devemos retirar-nos e deixá-los, sem sentir mais nenhuma responsabilidade por eles. Eles devem ser velados”.⁴ Deve haver preocupação por eles. Os membros mais antigos devem sentir que devem cuidar dos novos “como mordomos que por eles têm de prestar contas. Então, ao falardes ao povo, dai a cada homem sua devida porção de alimento ao tempo devido”.⁵

Tratados com Paciência. A paciência é um dos pontos mais importantes no trato das pessoas por ocasião do término de uma série de conferências, visto que há muita incompreensão dos

¹ Ibid., 338.

² Ibid., 338-339.

³ Ibid.

⁴ Ibid., 345.

⁵ Ibid.

membros mais antigos na fé a respeito do crescimento gradativo na prática do viver cristão por parte dos novos na fé. Estabelecem-se padrões de comportamentos rígidos e os novos na igreja são julgados como desobedientes por não aceitarem. A fé nascente dos recém-conversos é avaliada injustamente por pessoas espiritualmente despreparadas. No entanto, a atitude deve ser o extremo oposto. Paciência e bondade devem ser constantemente explicitadas pelos membros mais antigos e é dever destes “cogitar meios e modos para prover auxílio, simpatia e instrução para os que se retiraram conscienciosamente de outras igrejas por amor da verdade, separando-se assim dos cuidados pastorais a que estavam habituados”.¹ A igreja deve estar consciente de sua “responsabilidade especial quanto a atender essas almas que seguiram os primeiros raios de luz recebidos; e caso os membros da igreja negligenciem este dever, serão infiéis ao depósito a eles confiado por Deus”.²

Vigilante Atenção e Animação. Como os filhos dependem do zelo dos pais para que a própria inexperiência não lhes prejudique, assim os novos conversos precisam dos membros. Essa consciência deve estar presente especialmente nos líderes, mas “o zelo de muitos pastores esmorece assim que alcançam certa medida de êxito em seus esforços. Não compreendem que os novos conversos necessitam ser atendidos - vigilante atenção, auxílio, animação”.³ Deve haver uma relação de proximidade, onde os recém-conversos sejam instruídos, bondosamente tratados, conduzidos e visitados, recendo orações. Os que não forem submetidos a esses cuidados e atenções estarão vulneráveis aos ataques sendo que “Satanás se acha no encaço de todos. Envia seus agentes para levarem de volta a suas fileiras as almas que perdeu. Deve haver mais pais e mães para tomarem ao colo esses infantes na verdade, e animá-los e orar com eles, para que sua fé não se

¹ Ibid., 351.

² Ibid.

³ Ibid.

confunda”.¹ Esse conceito de pais e mães espirituais tem sido desenvolvido com razoável êxito através do plano de guardiões espirituais que hoje se implanta no término de muitas séries de conferências.

Ensinando-os a Trabalhar por Outros. Na medida em que vão desenvolvendo um relacionamento com Cristo e uma vida de comunhão, os novos membros, se bem instruídos, vão tornar-se ganhadores de almas, trazendo outros para o maravilhoso caminho que passou a seguir. “A graça divina nos recém-conversos é progressiva. É uma graça crescente, que é recebida, não para ser oculta sob o alqueire, mas comunicada para que outros sejam beneficiados”.² Trabalhar para salvar outros que se encontram em trevas é a meta. “Uma alma realmente convertida esforçar-se-á com fé para converter outra e ainda outra. Os que isto fazem são instrumentos de Deus, Seus filhos e filhas”.³ A orientação é que tão logo uma pessoa se converta, seja ela colocada imediatamente para trabalhar em favor da conversão de outros. Na medida em que trabalharem, se tornarão mais fortes. “É enfrentando as influências oponentes que somos confirmados na fé. Ao brilhar a luz em seu coração, difunda ela os seus raios. Ensinai aos recém-conversos que devem entrar em comunhão com Cristo, a serem suas testemunhas, e tornarem-nO conhecido ao mundo”.⁴

Outros Autores e o Evangelismo

Nessa seção serão destacadas considerações de autores de proeminência no assunto de evangelismo na Igreja Adventista do Sétimo Dia, a fim de somar seus conceitos e conselhos aos destaques feitos a partir dos escritos de Ellen G. White.

¹ Ibid., 351-352.

² Ibid., 355.

³ Ibid.

⁴ Ibid., 355-356.

Entendendo Evangelismo

Para uma análise de qualquer aspecto do evangelismo, é preciso primeiramente entender o que ele é, o seu porquê e como funciona. Evangelho “εὐαγγέλιον” significa “boas novas”. Os principais personagens do Novo Testamento, Jesus e Seus discípulos, aplicaram esse significado à salvação revelada e oferecida por Ele.¹ Assim, biblicamente o sentido primário de evangelizar é levar as boas novas de salvação em Jesus Cristo.

Evangelizar é trabalhar em prol dos outros a fim de que conheçam a Jesus como Salvador e Sua obra em favor do ser humano. Aeschlimann explicita este conceito ao dizer que todos devem trabalhar para resgatar os perdidos, “levá-los aos pés do Salvador, ensinar-lhes como podem receber o perdão de seus pecados, fazê-los seguir as pisadas do Mestre Divino e preparar um povo para o regresso do Senhor, isso é verdadeiro evangelismo”.² Assim, este mesmo autor conclui que “fica claro então que evangelizar não é privilégio ou tarefa de uns poucos, mas de todo aquele que aceita as boas novas de salvação, que é convertido. A tarefa de evangelizar é responsabilidade da igreja de Cristo e de cada um de seus membros”.³ A conceituação genérica de Aeschlimann apóia-se na Bíblia e não invalida a existência de diferentes abordagens de evangelização. A metodologia de evangelização pública que destaca a exposição das boas novas de Cristo pela pregação de um orador, biblicamente chamado de evangelista (Efésios 4:11), se desenvolve plenamente com a participação de todos os que já ouviram e aceitaram a mensagem da salvação.

A mesma ênfase é dada por Salim Japas ao afirmar que “Evangelismo é provavelmente o melhor dom de Deus dado à igreja relacionado com o seu crescimento. Este dom se fortalece quando

¹ Mt. 4:23; Mr. 16:15

² Carlos E Aeschlimann, *Evangelização Metropolitana*, (São Paulo, SP: SALT, 1982), 4.

³ Aeschlimann, *Evangelização Metropolitana*, 1.

é usado”.¹ Deve-se concordar que evangelizar “não é uma atividade própria apenas para ministros. Todos são chamados à tarefa de evangelizar quando se convertem ao Senhor. A Bíblia desconhece dicotomia entre clero e laicado desde que há um só ministério – o sacerdócio universal de todos os crentes”.²

Focalizando o Início do Processo

Lourenço e Estefânia Kraft salientam a importância do planejamento de uma campanha evangelística desde os primeiros passos, ao afirmarem que todo empreendimento de real importância precisa ser devidamente planejado. “Uma campanha de evangelismo público não pode ser diferente”, afirmam. E pontuam que “o primeiro passo de um planejamento consiste em buscar informações sócio-político-econômico-sociais do local e do público-alvo”.³ Como há muita produção literária a respeito desta parte inicial e também se tem realizado isso de forma satisfatória nas conferências da IASD, não serão considerados o como fazer o recenseamento, a coleta de dados, o conhecimento da igreja e da sociedade. Mas uma das partes iniciais do planejamento de uma campanha de evangelização pública precisa ser salientada. Esta diz respeito à preparação da igreja. “A marca do sucesso de uma campanha evangelística é o envolvimento e participação ativa dos membros da igreja onde o projeto se realiza”.⁴ Ellen G. White observa que a “obra de Deus nesta Terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja”.⁵

¹ Salim Japas, citado em Aeschlimann, *Evangelização Metropolitana*, 13-14.

² José Miranda Rocha, *Evangelização II – Métodos de Evangelização: notas de sala de aula* (Engenheiro Coelho, SP: SALT, 2002), 49.

³ Lourenço e Estefânia Kraft, *Espiando a Terra: como entender sua cidade* (São Paulo, SP: Sepal, 1995), 13.

⁴ Arteaga citado em Rocha, *Evangelização II – Métodos de Evangelização: notas de sala de aula*, 73.

⁵ White, *Obreiros Evangélicos*, 352.

Horne P. Silva compara o preparo da igreja para a obra da evangelização pública ao adestramento dos soldados para grandes batalhas. Silva ainda usa a símile da igreja de Deus semelhante a um exército que “tem uma batalha real a pelear contra o grande enganador e usurpador do homem, Satanás”.¹ Na visão deste autor, “a igreja não deve ser composta de soldados reformados, inativos, e nem espectadores”,² o que implica em sério planejamento dentro do qual todos estejam envolvidos.

Há freqüentes casos de campanhas evangelísticas onde, aparentemente, tudo foi executado com precisão, de acordo com o planejado. Mas frustração ocorre ao perceber os resultados em termos de permanência das pessoas batizadas como membros da igreja. Isso é conseqüência, em grande medida, do baixo envolvimento dos membros na campanha. Silva ainda observa que “nos esforços evangelísticos em que se pode contar com os membros da igreja, são maiores os resultados”.³ E continua dizendo que “uma igreja missionária é um fator decisivo no êxito de uma campanha evangelística. Por esta razão é preciso tomar algum tempo para preparar os membros da igreja a fim de que todos, se possível, participem eficientemente com a equipe evangelística”.⁴

Os que lideram a evangelização precisam envolver-se no preparo consistente da igreja antes de começar a campanha evangelística. Silva aponta a solução dos problemas internos da igreja como foco na fase de preparação. Ele assegura que tal cuidado é necessário para “levantar a temperatura espiritual da igreja”.⁵ Os problemas precisam ser identificados através de visitas pessoais aos envolvidos, prática esta que abre espaço para pregações de reavivamento, endereçados a toda comunidade. Silva recomenda até a remoção de alguns resistentes à reconciliação e reforma de estilo

¹ Horne P Silva, *Evangelismo Público* (Belém de Maria, PE: Educandário Nordestino Adventista, 1975), 49.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

de vida, para que a igreja esteja devidamente preparada para a campanha de evangelização. E conclui: “Depois de estudos, orações e jejuns por algum tempo apropriado, os membros compreenderão a sua responsabilidade e passarão por uma experiência que nunca esquecerão”.¹

Continuidade, Consolidação e Acompanhamento

Ao focalizar o plano de continuidade, consolidação e acompanhamento dos novos membros da igreja agregados através do trabalho de evangelização pública, Aeschlimann exorta que “a continuidade não é um apêndice do processo de evangelização. Não é um plano destinado a dar garantia ao êxito de um programa evangelístico em particular”. Para ele, esta parte final “é sim um plano de trabalho espiritual cuja meta principal é que todos os objetivos da evangelização sejam alcançados na vida de um crente”.²

Assim como planejar o envolvimento de toda a igreja no processo de continuidade da evangelização opera como uma força para todo o projeto, a negligência deste cuidado antecipado enfraquece a campanha no tocante à permanência dos resultados. A força do envolvimento opera no crescimento espiritual dos membros da igreja. Não existe neutralidade neste aspecto. Ou se está envolvido e cresce ou não se envolve e definha. “Quando a continuidade não cumpre seus objetivos, muitos filhos de Deus se esfriam, deixam de colher e não amadurecem espiritualmente”.³

¹ Ibid., 49-50.

² Aeschlimann, *Evangelização Metropolitana*, 52-53.

³ Ibid., 54-55.

O evangelista precisa se envolver com a consolidação. “O evangelista deve planejar a consolidação como parte integral da campanha. Outrossim, antes de ir embora, deve assegurar de que há um bom plano de consolidação e insistir no assunto”.¹

O pastor local deve se envolver com o evangelista no sentido de planejar a continuidade do projeto e assegurar os resultados alcançados. O pastor local é o líder desta fase, pois “durante vários meses depois de uma campanha, a principal preocupação do pastor deve ser a consolidação dos novos membros”. Uma das estratégias dele é a de “traçar um plano definitivo de visitação dos novos conversos e cada semana os visitantes devem dar um relatório ao pastor ou aos anciãos ajudantes”.²

Como é um aspecto que deve abranger toda a esfera de envolvidos, a administração da associação deve assumir compromisso de apoiar o pastor local na consolidação dos resultados. O administrador do campo local precisa atuar como supervisor, certificando se “realmente está sendo levado avante o plano de consolidação no lugar em que houve a série de conferências. Por nenhum motivo deve ser transferido o pastor, até que os resultados da campanha tenham ficado firmemente estabelecidos”.³

Outro elemento que reclama o envolvimento do evangelista é a avaliação da execução do projeto de evangelização. Aeschlimann observa que avaliar “consiste em regressar ao lugar onde se realizou a campanha e fazer uma pesquisa muito objetiva dos resultados”⁴. O conselho de Aeschlimann é que o evangelista pessoalmente retorne e realize in loco a avaliação um ano após o encerramento da fase intensiva da campanha. Ele sugere outra boa prática que consiste em “fazer um relatório da avaliação da campanha no qual se informem clara e objetivamente: os pontos altos da

¹ Ibid., 206.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid., 206-207.

campanha; aqueles métodos e coisas que deram bom resultado; os assuntos que não funcionaram bem; os métodos que resultaram num fracasso”.¹ Isto inclui uma “avaliação do pessoal que colaborou com a campanha, com recomendações sobre como melhorar no futuro”.²

Muito se tem discursado sobre a importância do envolvimento dos membros antigos no recebimento dos novos, mas pouco se tem vivenciado tal ideal. Robert E. Coleman afirma que “na realidade, o problema inteiro da dedicação de atenção pessoal a cada crente individual, só pode ser resolvido mediante a compreensão completa da natureza e da missão da igreja”.³ Coleman lembra os princípios de envolvimento que Jesus empregou para mobilizar os doze, “mediante os quais cada crente é posto em comunhão permanente com todos os demais”, são os mesmos que mobilizam toda a igreja.⁴

Muitos evangelistas têm buscado incentivar os membros das igrejas onde realizam séries de conferências a “adotarem” os novos conversos. Mas, muitas vezes a intenção e iniciativa não passa de ideal. Coleman indica como “mister que se descubra algum sistema mediante o qual cada convertido tenha um amigo crente a seguir, até o tempo em que, por sua vez, possa guiar a outrem”. Coleman orienta que “o conselheiro deve permanecer junto ao novo convertido tanto quanto lhe for possível, estudando a Bíblia e orando com ele, ao mesmo tempo em que responde às suas perguntas, esclarece a verdade que, juntamente conselheiro e liderado procurem ajudar a outros”. Quando uma igreja local não dispõe de conselheiros para realizar esse serviço, deve-se treinar novos conselheiros.⁵

¹ Ibid.

² Ibid.

³ Robert E Coleman, *O Plano Mestre de Evangelismo* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2000), 49-50.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

As considerações deste capítulo não intencionaram tratar de todos os aspectos do evangelismo, nem tão pouco descer à profundidade do tema. A intenção é apenas colocar em destaque pontos que, em geral, tem se constituído as maiores dificuldades na prática da evangelização pública, no Brasil. A exposição desses pontos que figuram negativo no planejamento dos projetos evangelísticos é suficiente para servir de embasamento teórico para a avaliação quantitativa que se descreve no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRÊS UNIÕES

Para esta pesquisa foram entrevistados, por meio de questionário objetivo/subjetivo, setenta e cinco (75) alunos do curso de teologia do UNASP que já participaram do estágio de evangelismo público. A maioria deles, cinquenta e nove (59) alunos, participou em 2004, mas também estão inseridos nesta pesquisa dezesseis (16) alunos que participaram do estágio de evangelismo público em anos anteriores (2002 e 2003).

Ao todo foram onze (11) associações que receberam esses alunos para suas práticas evangelísticas. Houve uma oscilação considerável no número de participantes em cada uma delas, ou seja, enquanto uma associação recebeu um (1) teologando, outra recebeu vinte e um (21), por exemplo. Por isso, é mais pertinente que a divisão para a análise não se dê por série de conferências ou campanhas de evangelização ou por associações, mas por divisões macro, ou seja, por uniões. Assim, os alunos estão divididos entre os que participaram de projetos evangelísticos na UCB, trinta e seis (36) alunos; os que participaram na UCOB¹, sete (7) alunos; e os que participaram na USB, trinta e dois (32) alunos.

¹ A UCOB já existia, mas ainda não operava oficialmente na ocasião em que se realizaram as séries de conferências analisadas neste trabalho, pois seu território ainda fazia parte da UCB e da USB. Decidiu-se considerar a UCOB para este trabalho porque: 1) facilita a distribuição geográfica dos alunos da pesquisa; 2) não interfere em aspectos administrativos dos respectivos campos; 3) este trabalho visa contribuir para as conferências que ocorrerão nos próximos anos levando em conta as atuais uniões.

Estes alunos trabalharam com vinte e cinco (25) pastores. Não é intenção nesta pesquisa fazer análise comparativa da atuação evangelística dos pastores-evangelistas ou evangelistas, isto para preservá-los. O que se pretende é avaliar o programa do estágio como um todo. Além do mais, considerando-se as implicações geográficas físicas e humanas, étnicas e religiosas em que cada um dos evangelistas operou, alinha-se outra razão para não compará-los.

A avaliação que se faz é baseada nas respostas dos alunos egressos do estágio nos referidos anos, conforme modelo de questionário em anexo.¹ Em anexo a este trabalho, também, são apresentados e analisados os dados das avaliações de cada uma das três Uniões separadamente, mas o que este capítulo propõe é uma análise comparada das mesmas. Assim, o universo amostral passa a ser de todos os alunos da pesquisa, setenta e cinco (75) alunos do curso de teologia do UNASP que já participaram do estágio de evangelismo público.

Expectativas Anteriores

Nas avaliações dos alunos, respondendo a questão referente às expectativas que tinham em relação ao estágio de evangelismo², a maioria absoluta afirmou que estas eram cultivadas positivamente. Destaques foram dados à grandeza do evento, ao desafio do novo, à experiência espiritual, ao desenvolvimento pessoal e profissional, à chance que a dinâmica de uma campanha de evangelização dá para o desenvolvimento de todos os envolvidos.

Os alunos que apresentaram expectativas negativas o fizeram destacando o medo e a ansiedade. Pode-se constatar isso nas respostas que deram à pergunta um (1) do questionário que responderam.³

¹ Ver questionário no anexo D.

² Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta um (1) do questionário.

³ Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta um (1) do questionário.

Pontos Fortes e Fracos

Quando compelidos a apontar um ponto forte no programa¹, a maioria destacou pontos referentes à organização e estrutura; e à participação da equipe; ao evangelista e sua mensagem; ao envolvimento dos membros; e à resposta do público.

Quando a resposta era relativa a um ponto fraco no programa², os destaques centrados nos mesmos aspectos destacados em relação aos pontos fortes.

Neste momento de avaliação geral e aberta, estas foram as impressões dos alunos, que explicitaram quais as ênfases que eles têm em relação ao evangelismo. Se em ambos, pontos fortes e fracos, o foco esteve em torno dos mesmos aspectos, significa que são estes que os teologandos percebem como relevantes em uma conferência.

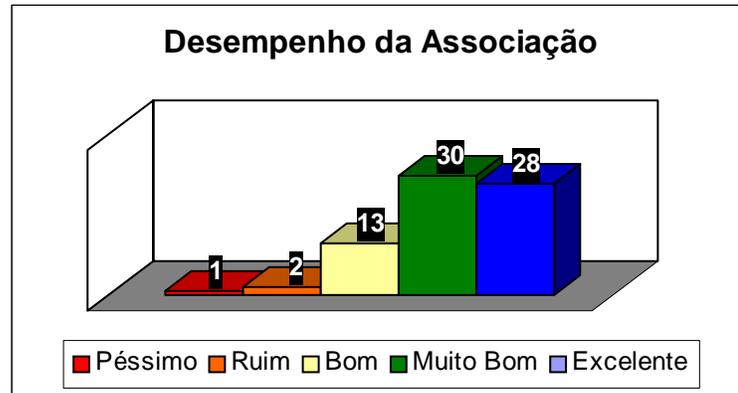
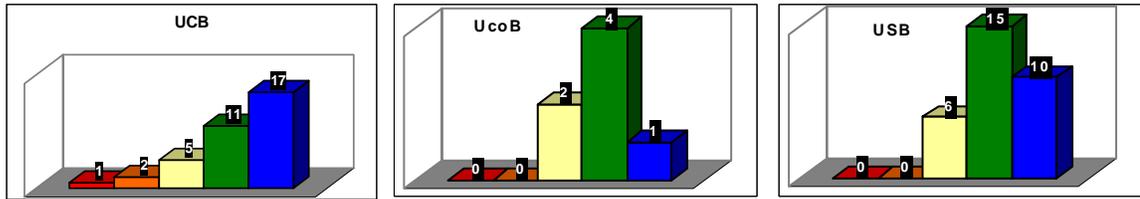
Desempenho dos Envolvidos

No momento seguinte, onde os alunos avaliam aspectos específicos, é possível um diagnóstico mais aprofundado relativo a tais aspectos. O primeiro deles é em relação ao desempenho das partes envolvidas. Os alunos avaliam o desempenho da associação, do evangelista, deles mesmos, enquanto teologandos, e dos membros da igreja. Cada um desses foi classificado entre péssimo, ruim, bom, muito bom e excelente.

Para maior compreensão do todo, os gráficos deste capítulo estão organizados da seguinte forma: gráficos das três Uniões colocados em paralelo, seguido por gráficos da média resultante deles. Isso permite com que se tenha idéia do todo e de cada parte em relação ao todo. Para fins de uma análise comparada esta disposição facilita.

¹ Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

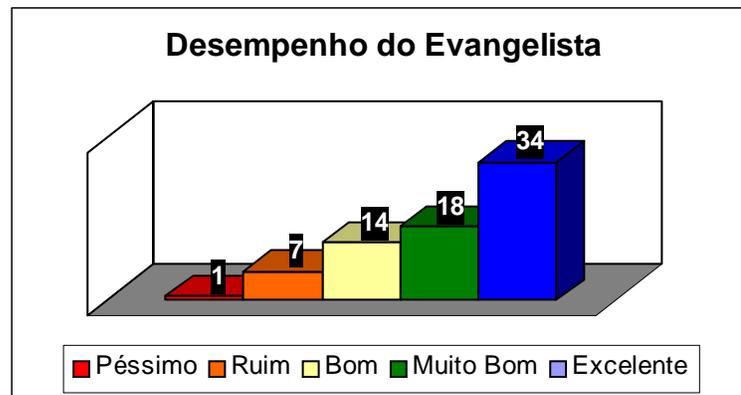
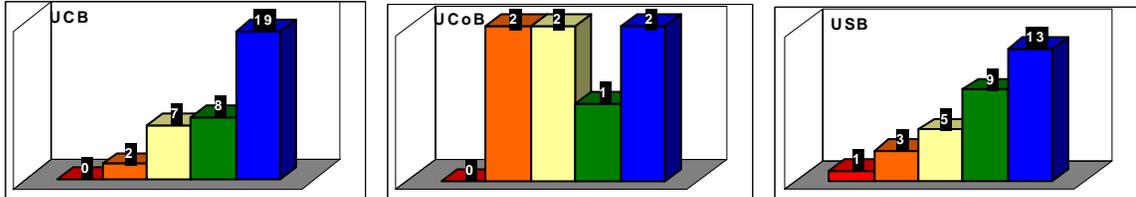
² Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta três (3) do questionário.



O desempenho da associação foi excelente para vinte e oito (28) alunos, 37,84%; muito bom para trinta (30) alunos, 40,54%; bom para treze (13) alunos, 17,33%; ruim para dois (2) alunos, 2,70%; péssimo para um (1) aluno, 1,75%.

Assim, os que avaliaram o desempenho entre excelente e muito bom somam cinquenta e oito (58) alunos, equivalente a 78,38% dos que responderam. Os que avaliaram como bom, péssimo e ruim somam três (3) alunos que representam 21,62%. Por este resultado, o desempenho da associação foi muito bom.

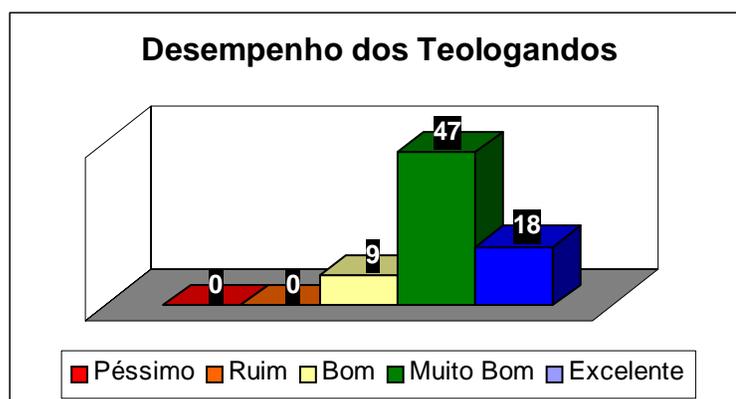
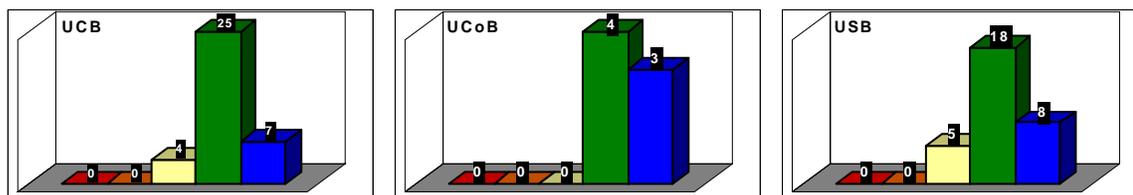
O desempenho do evangelista foi avaliado da seguinte forma:



O desempenho do evangelista foi excelente para trinta e quatro (34) alunos, 45,95%; muito bom, dezoito (18), 24,32%; bom para quatorze (14) alunos; ruim para sete (7) alunos, 9,46%; péssimo para um (1) aluno, 1,35%.

O evangelista, na percepção dos respondentes, teve um desempenho muito bom, uma vez que os que avaliaram como excelente, trinta e quatro (34), com os que avaliaram como muito bom, dezoito (18), somam cinquenta e dois (52) alunos, equivalendo a 70,27%.

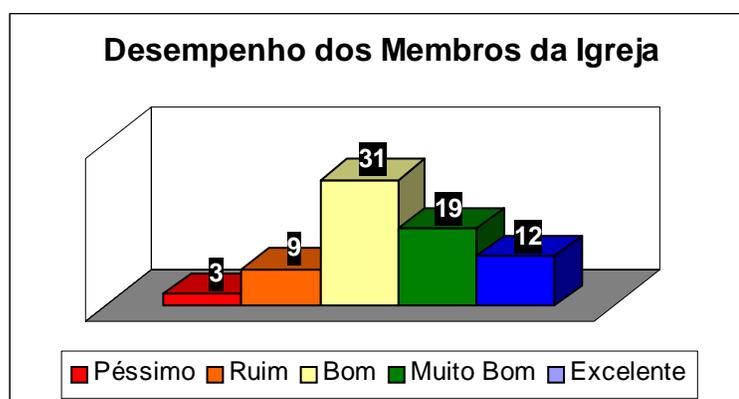
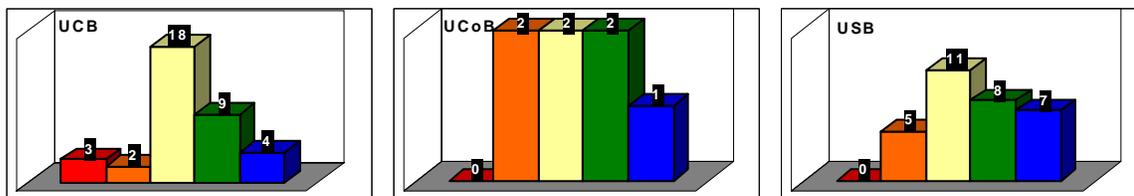
O desempenho a seguir na avaliação dos teologandos foi o relativo a eles próprios, ou seja, uma auto-avaliação. O resultado foi o seguinte:



O desempenho dos teologandos foi excelente para dezoito (18) alunos, 24,32%; muito bom para quarenta e sete (47) alunos, 63,51%; bom para nove (9) alunos, 12,16%. Nenhum aluno avaliou como ruim ou péssimo.

O desempenho dos teologandos, na visão deles próprios, foi muito bom. Somando os dezoito (18) alunos que avaliaram o desempenho dos teologandos como excelente com os quarenta e sete (47) que avaliaram como muito são sessenta e cinco (65), que representam 87,84%. Se for adicionar os nove (9) alunos que avaliaram como bom chega-se a 100%, pois nenhum avaliou como péssimo ou ruim.

A avaliação seguinte foi quanto ao desempenho dos membros da igreja.



O desempenho dos membros da igreja foi excelente para doze (12) alunos, 16,22%; muito bom para dezenove (19) alunos, 25,68%; bom para trinta e um (31) alunos; ruim para nove (9) alunos, 12,16%; péssimo para três (3) alunos, 4,05%.

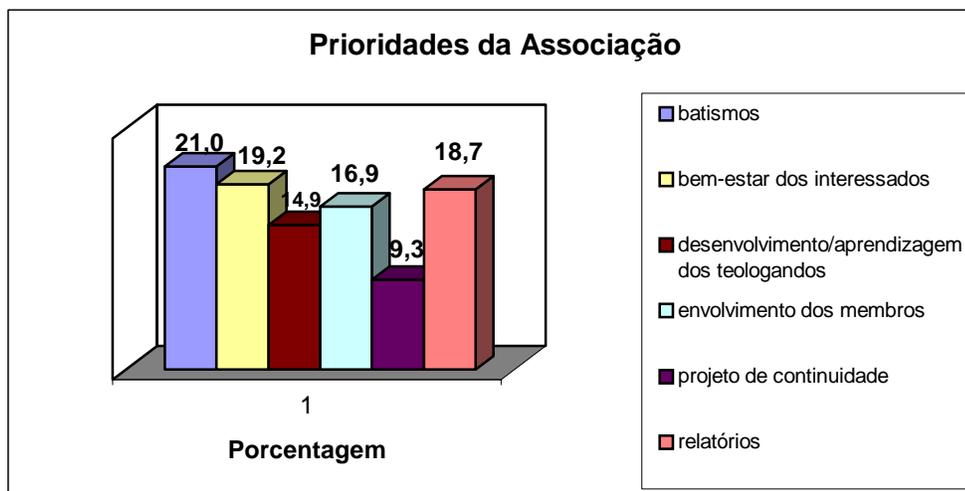
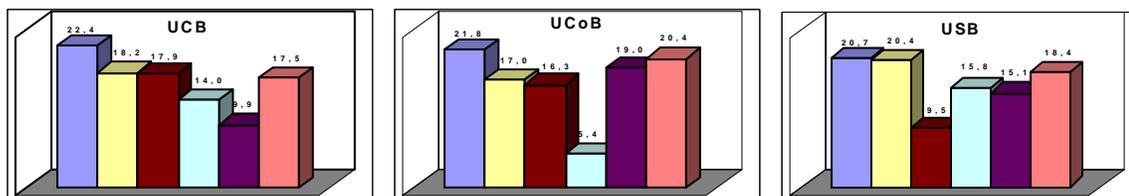
O desempenho dos membros da igreja, comparado ao desempenho das outras partes referidas foi o pior. Enquanto relativo ao desempenho da associação, do evangelista e dos teologandos, a avaliação ficou em muito bom, o desempenho dos membros da igreja foi bom. Trinta e um (31) alunos, equivalentes a 41,89% avaliaram o desempenho dos membros da igreja como bom. Foi a maior concentração de votos no bom de todas as avaliações de desempenho desta pesquisa

Prioridades Estabelecidas

Foi pedido que os teologandos classificassem por ordem de importância [1 a 6] o que é priorizado pela associação, pelo evangelista, pelos teologandos e pelos membros da igreja. Os elementos para a classificação foram: batismo; bem-estar dos interessados; desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos; envolvimento dos membros; projeto de continuidade; relatórios. Estes números: um (1), dois (2), três (3), quatro (4), cinco (5) e seis (6), foram colocados em relação para o cálculo estatístico.

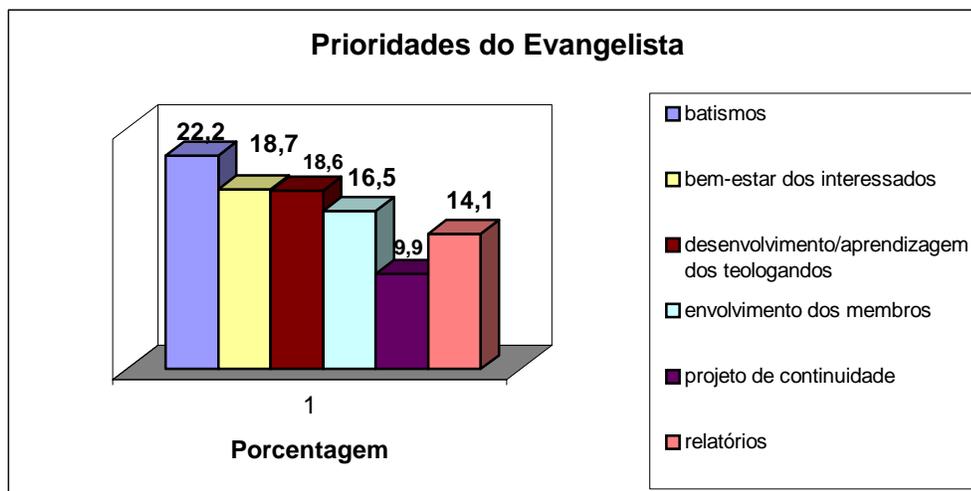
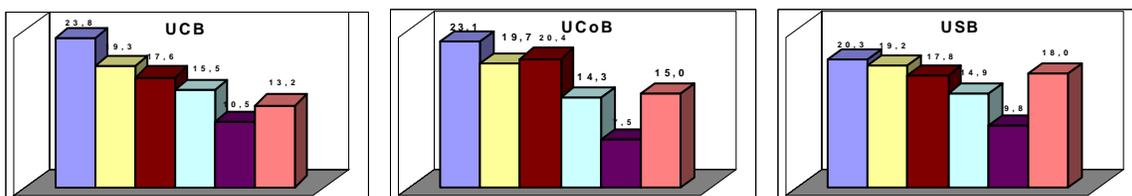
Para tabular os resultados desta parte do questionário foi necessário somar as notas classificatórias de cada elemento em separado, ou seja, somar os pontos dos questionários de todos os teologandos dados a cada elemento, em seguida fazer uma relação inversamente proporcional, uma vez que quanto maior o resultado da soma, menor a nota classificatória. A nota um (1) é a melhor e a nota seis (6) a pior. Feito isso, transformou-se o resultado em porcentagem.

Isso torna evidente que nesta seção de prioridades estabelecidas as questões não foram respondidas marcando uma alternativa, como nas questões das demais seções. Por estes fatores, a demonstração numérica que se faz nos textos explicativos que acompanham os gráficos não é feita por números de teologandos que responderam, mas por porcentagem de pontos de cada elemento. E o resultado foi:



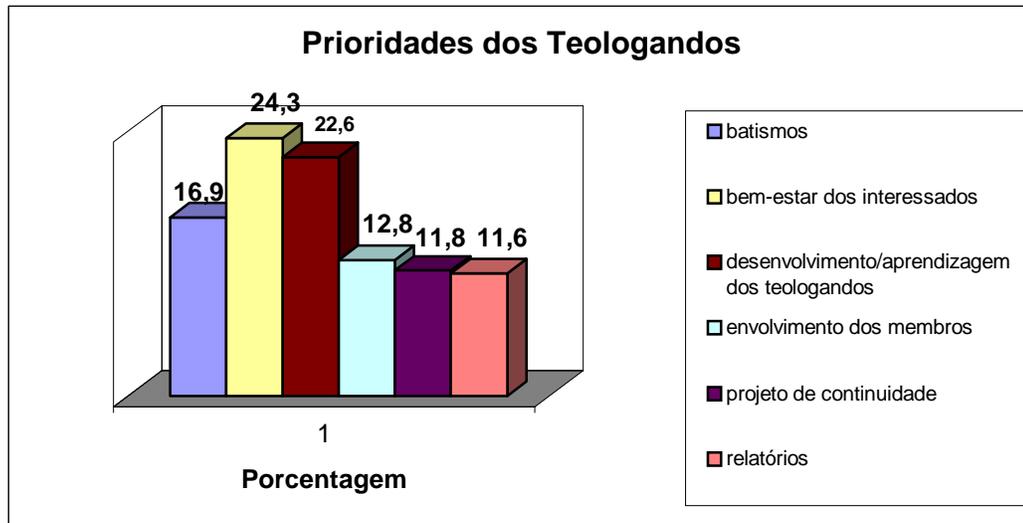
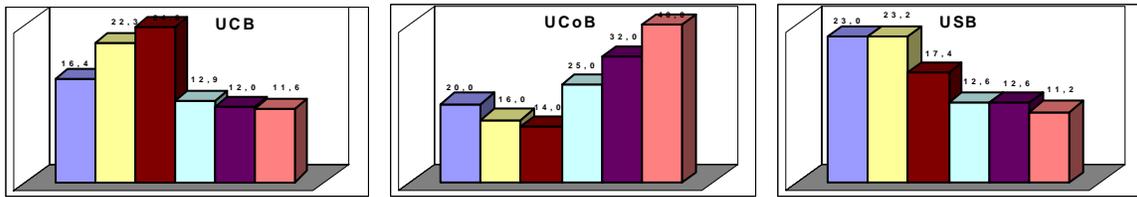
Na ordem de importância, a associação priorizou: 1º batismos 21%; 2º bem-estar dos interessados 19,2%; 3º relatórios 18,7%; 4º envolvimento dos membros 16,9%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 14,9%; 6º projeto de continuidade 9,3%.

Para a associação os batismos e o bem estar dos interessados são as prioridades máximas. Depois destas vem a preocupação com os relatórios, isso é compreendido pelo fato da associação ser o segmento administrativo, cujos resultados são mensurados por números. Mas chama atenção o fato de esta preocupação estar acima da preocupação com o envolvimento dos membros, do desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos e do projeto de continuidade.



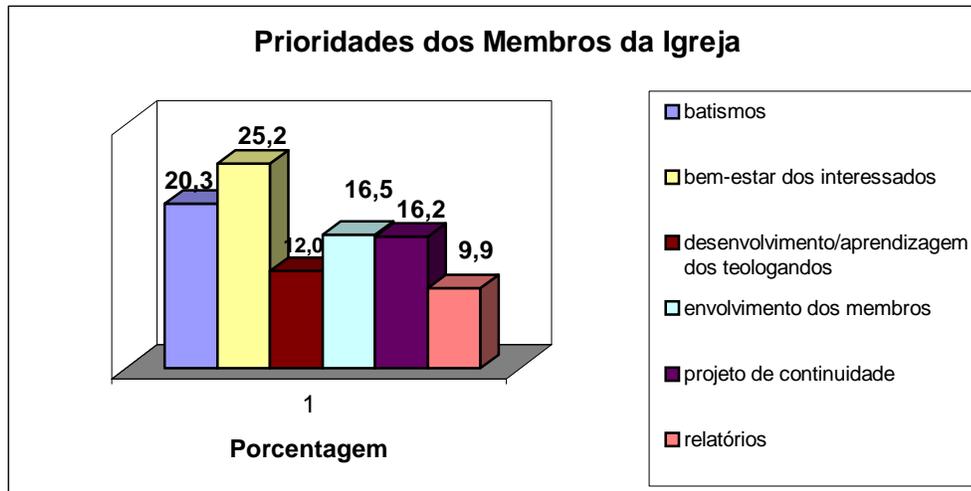
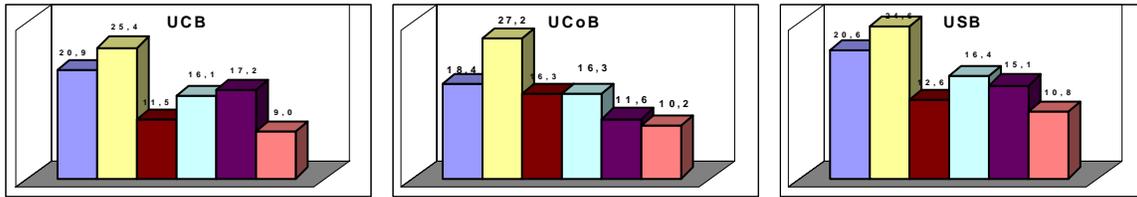
O evangelista priorizou: 1º batismos 22,2%; 2º bem-estar dos interessados 18,7%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 18,6%; 4º envolvimento dos membros 16,5%; 5º relatórios 14,1%; 6º projeto de continuidade 9,9%.

Como a associação, o evangelista também priorizou os batismos e o bem-estar dos interessados. Mas diferente da mesma, o evangelista esteve mais preocupado com o desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos e com o envolvimento dos membros do que com os relatórios. No entanto, o projeto de continuidade também ficou em último lugar.



Os teologandos priorizaram, na auto-avaliação que fizeram: 1º bem-estar dos interessados 24,3%; 2º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 22,6%; 3º batismos 16,9%; 4º envolvimento dos membros 12,8%; 5º projeto de continuidade 11,8%; 6º relatórios 11,6%.

O bem-estar dos interessados está em primeiro lugar na lista de prioridades dos teologandos. Em seguida vem a preocupação com eles mesmos e seu desenvolvimento/aprendizagem. Só então vem a preocupação com os batismos, contrastando com a associação e o evangelista, que colocam este elemento em primeiro. O envolvimento dos membros, o projeto de continuidade e os relatórios são colocados quase que no mesmo patamar de importância.

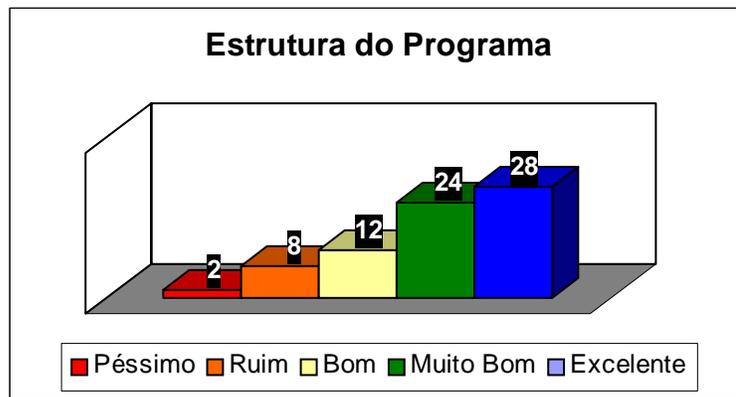
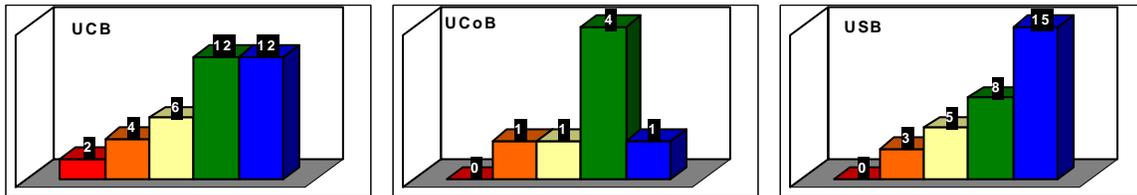


Os membros da igreja priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 25,2%; 2º batismos 20,3%; 3º envolvimento dos membros 16,5%; 4º projeto de continuidade 16,2%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 12%; 6º relatórios 9,9%.

Na priorização dos membros da igreja, como os teologandos, estes colocam no topo o bem-estar dos interessados, e os batismos vêm a seguir. O envolvimento dos membros e o projeto de continuidade são as preocupações seguintes, estando acima do desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos. Juntamente com a associação, os membros da igreja não se preocupam tanto com os teologandos. Mas, embora se assemelhem nesse aspecto, se diferenciam em destaque na priorização dos relatórios. Enquanto para a associação os relatórios estão num percentual bem próximo do topo, os membros da igreja os colocam bem abaixo.

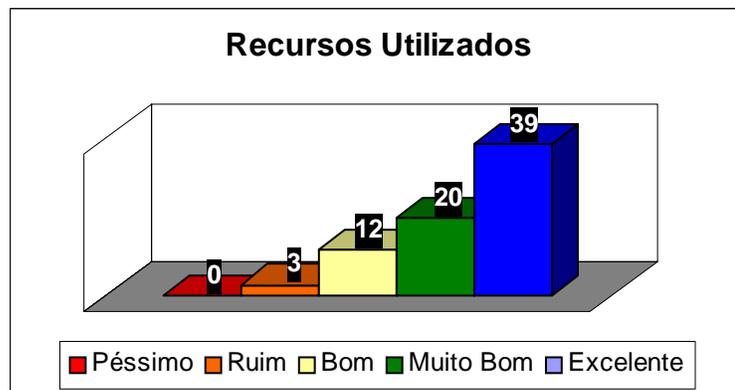
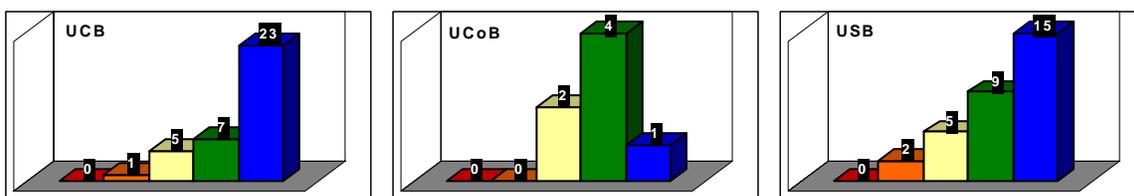
Avaliação do Programa

O programa foi avaliado nos diversos aspectos: sua estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público, a resposta dos membros da igreja, a realização do programa, o projeto de preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Os resultados foram:



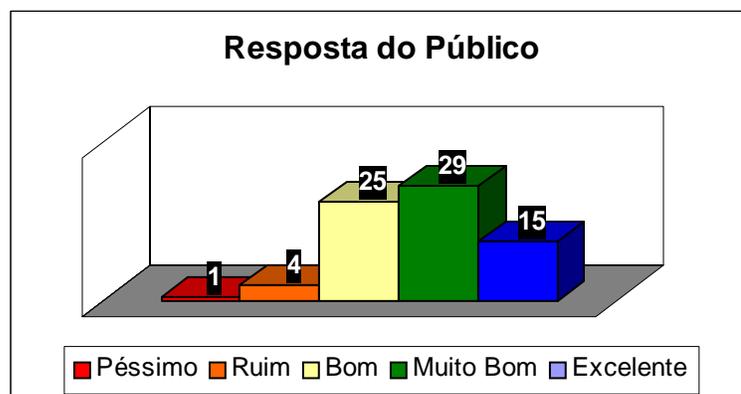
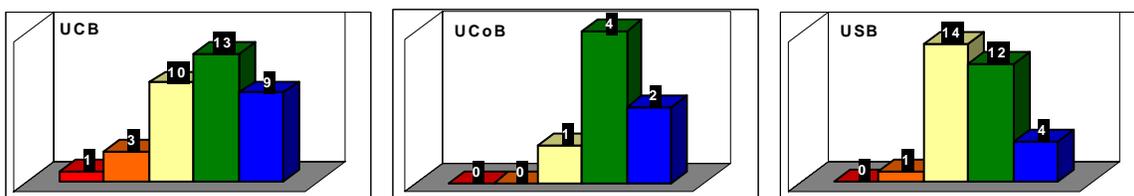
A estrutura do programa foi excelente para vinte e oito (28) alunos, 37,84%; muito bom para vinte e quatro (24) alunos, 32,43%; bom para doze (12) alunos, 16,21%; ruim para oito (8) alunos, 10,81%; péssimo para dois (2) alunos, 2,70%.

Na classificação da estrutura do programa, vinte e oito (28) alunos a classificaram como excelente e vinte e quatro (24) como muito bom, ou seja, juntos equivalem a 70,27%. Por isso pode-se perceber que a estrutura do programa foi muito boa.



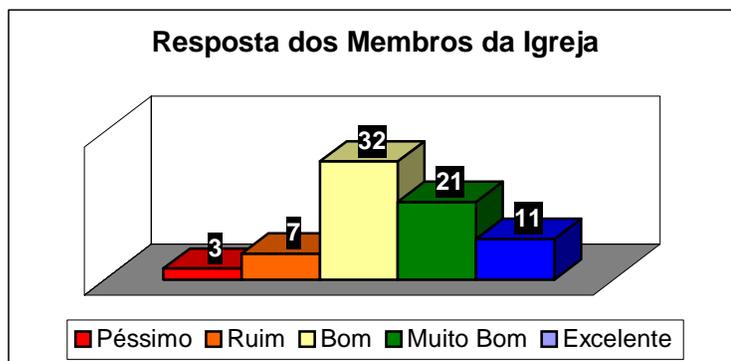
Os recursos utilizados, na avaliação dos teologandos, foi excelente para trinta e nove (39) alunos, 52,70%; muito bom para vinte (20) alunos, 27,02%; bom para doze (12) alunos, 16,21%; ruim para três (3) alunos, 4,05%. Nenhum aluno avaliou os recursos como péssimo.

Quanto aos recursos utilizados, na avaliação dos alunos, a classificação foi excelente. Mais da metade do total de alunos, trinta e nove (39), 52,7% apontaram como excelente. Dos demais vinte (20) alunos apontaram como muito bom e doze (12) como bom. Apenas três (3) classificaram como ruim e nenhum como péssimo. Isso aponta para a satisfação por parte dos teologandos relativa aos recursos utilizados.



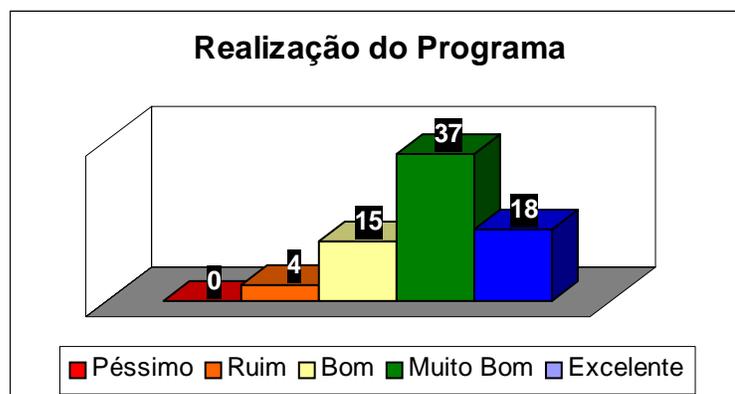
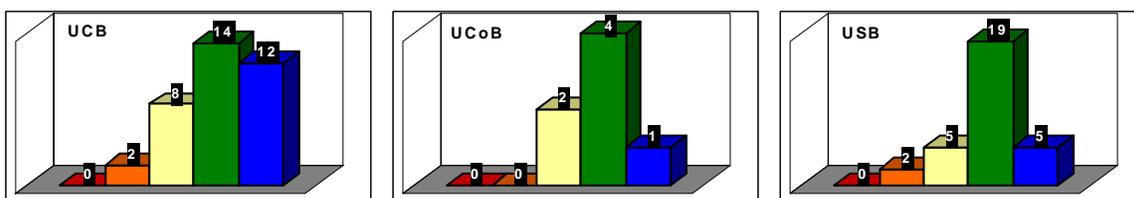
A resposta do público foi excelente para quinze (15) alunos, 20,27%; muito bom para vinte e nove (29) alunos, 39,19%; bom para vinte e cinco (25) alunos, 33,78%; ruim para quatro (4) alunos, 5,40%; péssimo para um (1) aluno, 1,35%.

Referente à resposta do público a avaliação a apontou como muito boa. Somando os que apontaram como muito bom, vinte e nove (29), e os como excelente, quinze (15), têm-se 59,46%. Se a soma considerar também os que classificaram como bom a porcentagem sobe para 93,24%. Um (1) aluno avaliou como péssimo e quatro (4) avaliaram como ruim. A soma destes dois é de 6,75%.



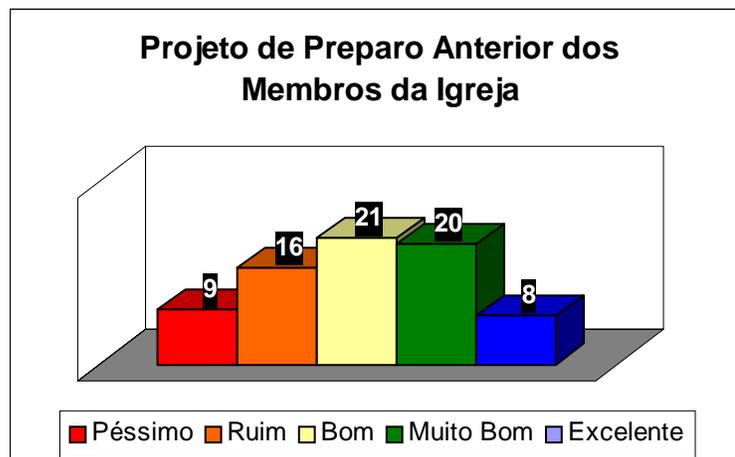
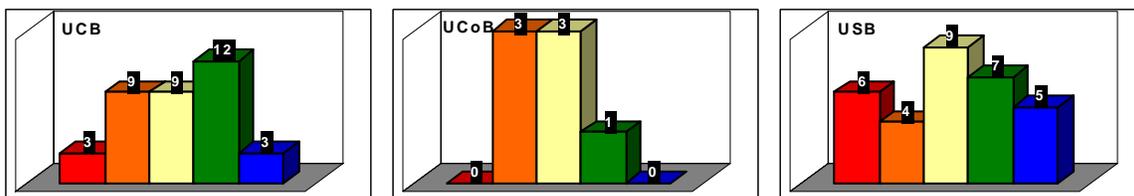
A resposta dos membros da igreja foi excelente para onze (11) alunos, 14,86%; muito bom para vinte e um (21) alunos, 28,38%; bom para trinta e dois (32) alunos, 43,24%; ruim para sete (7) alunos, 9,46%; péssimo para três (3) alunos, 4,05%.

Sobre a resposta dos membros da igreja onde a conferência se realizou, a avaliação foi boa, mas não tanto quanto a da estrutura do programa e a dos recursos utilizados. Os que avaliaram como bom somam 43,24%. Assim, não houve tanta concentração entre o excelente e o muito bom, que juntos equivaleram aos que avaliaram como bom.



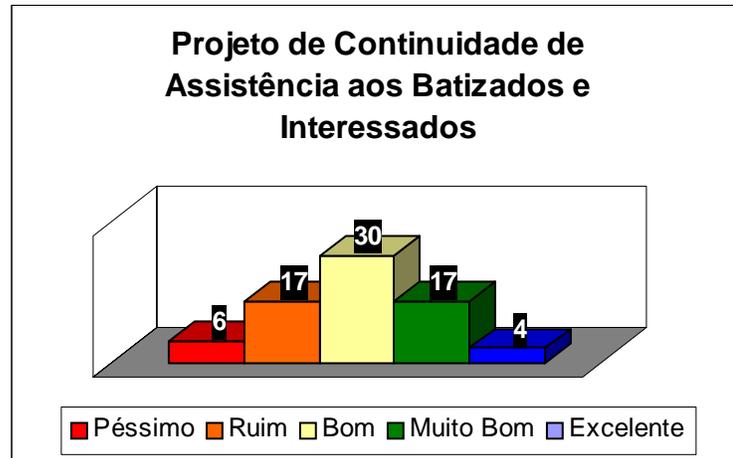
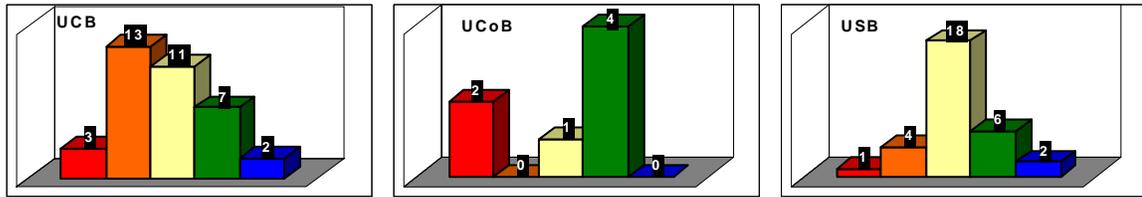
A realização do programa foi excelente para dezoito (18) alunos, 24,32%; muito bom para trinta e sete (37) alunos, 50%; bom para quinze (15) alunos, 20,27%; ruim para quatro (4) alunos, 5,40%. Nenhum aluno avaliou a realização do programa como péssimo.

A realização do programa também foi muito boa. Metade dos alunos, trinta e sete (37) classificaram como muito bom. Somando estes aos que avaliaram como excelente, dezoito (18), têm-se 74,32% contra 25,68% dos que avaliaram como bom, quinze (15), e ruim, quatro (4).



O projeto de preparo anterior dos membros da igreja foi excelente para oito (8) alunos, 10,81%; muito bom para vinte (20) alunos, 27,03%; bom para vinte e um (21) alunos, 28,38%; ruim para dezesseis (16) alunos, 21,62%; péssimo para nove (9) alunos, 12,16%.

O projeto de preparo anterior dos membros da igreja não teve um resultado tão satisfatório, uma vez que somando os que acharam bom, vinte e um (21) alunos, ruim, dezesseis (16) alunos, e péssimo, nove (9) alunos, temos 62,16% contra 37,84% dos que avaliaram como muito bom, vinte (20) alunos, e excelente, oito (8) alunos.



O projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi excelente para quatro (4) alunos, 5,40%; muito bom para dezessete (17) alunos, 22,97%; bom para trinta (30) alunos, 40,54%; ruim para dezessete (17) alunos, 22,97%; péssimo para oito (8) alunos, 10,81%.

Na avaliação dos alunos, o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi o pior, com o maior índice de desaprovação. Somando os que acharam ruim, dezessete (17) alunos, e os que acharam péssimo, seis (6) alunos, são vinte e três (23) alunos, 31,08%. Isso é mais do que a junção dos que acharam excelente, quatro (4) alunos com os que acharam muito bom, dezessete (17), que somam vinte e um (21) alunos, 28,38%. Trinta (30) alunos, 40,54%, estão na linha divisória do bom.

Assim, reunindo todas essas informações relativas à avaliação do programa e suas respectivas partes, para os alunos, a estrutura do programa, os recursos utilizados, a resposta do

público e a realização do programa foram muito bons. A resposta dos membros da igreja foi boa. Os projetos, tanto de preparo anterior da igreja quanto o de assistência aos batizados e interessados foram bons também, mas numa intensidade menor. Estes projetos, na avaliação dos alunos, deveriam ter sido melhores.

Percepção do Evangelismo

Assim como no início foi perguntado aos alunos que participaram da conferência quais eram suas expectativas, no final do questionário se perguntou como eles percebem o evangelismo depois dessa experiência.¹

A maioria das respostas foi positiva quanto à percepção do evangelismo depois dessa experiência. Algumas foram negativas ou mostraram pontos positivos e negativos na percepção. Das respostas positivas, destacou-se que o evangelismo é um trabalho útil para o crescimento dos teologandos, tanto no aspecto espiritual como na experiência para exercer a função de pastor. Esse estágio é essencial para o preparo do teologando, tanto que alguns alunos afirmaram que é a melhor parte do curso de teologia. Colabora também para o crescimento tanto dos pastores, como dos membros e dos interessados, ou seja, da igreja como um todo. Uma força do evangelismo é o envolvimento. É um instrumento para atrair os que não conhecem, os que conheceram, mas abandonaram, e para reavivar os que conhecem a Jesus e Suas verdades.

Os que destacaram aspectos negativos na percepção o fizeram em relação, principalmente, à experiência vivida por eles. Criticaram o método e a estratégia.

Os números quanto às expectativas positivas e negativas das respostas da questão um (1) são aproximados com relação às percepções positivas e negativas da questão sete (7).² A grande

¹ Ver respostas no anexo E, referentes à pergunta sete (7) do questionário.

² Ver respostas no anexo E, referentes às perguntas um (1) e sete (7) do questionário.

maioria tinha expectativas positivas no início e no final tiveram uma percepção positiva. Não há correlação entre os que tinham expectativas negativas, referentes ao programa de evangelismo antes de ser executado, com os que destacaram pontos negativos, referentes à percepção do evangelismo depois de terem participado do programa.

Colocando em alinhamento todos os pontos levantados na pesquisa, conclui-se que os alunos que participaram das conferências públicas na UCB, UCOB e USB, para cumprir o requisito de estágio, tinham expectativas positivas quanto à experiência que viveriam e estas expectativas foram saciadas. Na avaliação deles as partes envolvidas, associação, evangelista, teologandos e membros da igreja tiveram um desempenho muito bom. As prioridades dessas variaram. Para a associação e o evangelista os relatórios têm um grau de importância considerável. Para os teologandos um pouco menos, e para a igreja é o ponto de menor importância.

Todas as partes dão destaque para a prioridade dos batismos. Mas enquanto para a associação e para o evangelista, este é o ponto máximo nas prioridades, para os teologandos e os membros da igreja, acima dos batismos está o bem-estar dos interessados. Isso pode ser pela razão de que os membros e os teologandos se envolvem mais diretamente com os interessados do que a associação e o evangelista. O fato de estes últimos estarem tão preocupados com os relatórios que têm que prestar para a organização da IASD, também contribui para tal ênfase, que coloca a preocupação com o batismo acima do bem estar do interessado.

O desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos é valorizado por eles mesmos e pelo evangelista. Mas nem a associação nem os membros da igreja têm valorizado tal desenvolvimento. Isso é indicativo de que a organização da igreja como um todo não tem uma preocupação de se comprometer devidamente com a formação líderes da igreja para o futuro. Para os administradores da organização, aquilo que tem resultados imediatos é mais importante.

O programa das conferências foi avaliado como muito bom, com exceção dos planos de preparo dos membros da igreja antes das conferências e do de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Estes aspectos do projeto deixaram a desejar. Tiveram avaliação com ressalvas negativas de vários alunos. Isso também aponta para o imediatismo de resultados. É preciso refletir mais sobre os resultados de longo prazo. Não adianta crescer rápido, mas sem consistência. Preparar a igreja é imprescindível para se ter resultados positivos no final. Uma igreja com os membros devidamente preparados e envolvidos vão gerar resultados muito melhores. O benefício é para todos. O evangelista trabalha com mais facilidade, pois conta com uma grande equipe de colaboradores. Os membros das igrejas em si se fortalecem, pelo fato de estarem envolvidos e comprometidos. Sentem-se úteis e responsáveis pelos interessados. Entre eles a relação é mais positiva. Os interessados na mensagem que assistem ao programa das conferências são beneficiados também, pois sentem que não somente algumas pessoas estão interessadas neles por apenas um período de tempo, mas sentem-se aceitos por todos. Sentem-se inseridos na comunidade da igreja. Quando o evangelista e os teologandos vão embora, quando as conferências terminam, os interessados não vão embora também, pois terminou um programa, mas não terminaram os relacionamentos.

O plano de continuidade, consolidação e acompanhamento aos recém batizados e de atendimento aos candidatos interessados a participarem nos próximos batismos merece uma ênfase especial também. Primeiro porque os dois grupos permanecem abertos ao estudo da Bíblia e, em segundo lugar, porque o crescimento real da igreja é composto pelo resultado da relação entre os que são recebidos menos os que deixam a igreja. A fórmula do crescimento ideal pode ser assim enunciada: “Pessoas batizadas menos pessoas que apostatam (abandonam a fé e a igreja) é igual ao Crescimento Real”.

E para que o crescimento real aconteça não adianta agir apenas trazendo pessoas para a igreja. É preciso também agir para mantê-las. Uma pessoa que está freqüentando a igreja está em processo de familiarização, tanto ao conhecer melhor as pessoas, como ao conhecer melhor a mensagem. Quando uma pessoa conhece a igreja por meio das conferências, se ao terminar as reuniões, não perceber que a programação da igreja é uma continuação do programa que estava acontecendo, ela não se sente mais inserida. Com relação às dúvidas que ela têm, é preciso que sejam respondidas. É preciso ainda aprofundar-se naquilo que ela acaba de conhecer. Por isso uma classe bíblica forte, mantendo o nível de qualidade da conferência é imprescindível. É de pouco valor, nessas circunstâncias, ter uma classe bíblica em nível bem inferior de qualidade e totalmente descontinuada das conferências que acabaram de acontecer.

Um programa de visitação precisa ser executado e mantido por um bom tempo depois das conferências, pelo pastor local e os membros da igreja, pois a pessoa necessita continuar se sentindo aceita. O que acontece, muitas vezes, é que durante o programa das conferências as pessoas eram recebidas por uma equipe maravilhosa de recepção; o evangelista orava com elas e por elas; recebiam visitas dos obreiros, dos teologandos e até do evangelista; recebiam brindes. Depois, tudo isso desaparece quando a série de reuniões chega ao seu final.

Assim, é claramente percebida a ligação existente entre os dois planos, o de preparo anterior dos membros da igreja e o de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Se os membros da igreja não se sentem comprometidos e envolvidos para preparar as pessoas e trazê-las às reuniões programadas, não será quando terminar as conferências que esse compromisso com a salvação das pessoas ocorrerá.

Apesar das ressalvas no tocante a pontos frágeis que precisam ser reparados para as próximas conferências, todos os alunos que participaram do estágio em 2004 percebem o mesmo como indispensável para a formação pastoral a que se propõe o curso de teologia do UNASP. Tal

posição é constatada inclusive entre aqueles que tiveram percepções negativas quanto ao projeto de estágio específico no qual participaram. Estes alunos também informam que passaram a ter uma visão positiva do evangelismo público, ainda maior do que antes de participarem.

Muitos destacaram, ao final das reuniões de evangelização, a ansiedade por fazerem e/ou por participarem de outras conferências. Esse destaque é uma comprovação de que o estágio contribui grandemente para o espírito de missão dos futuros pastores que estão sendo formados, na visão deles mesmos.

CONCLUSÃO

As diversas conferências evangelísticas públicas que ocorreram na UCB, UCOB e USB tiveram um resultado positivo, o qual de maneira geral agradou aos teologandos que delas participaram. O desempenho dos administradores das Associações, dos evangelistas e dos teologandos foi considerado muito bom. O dos membros da igreja, por sua vez, apesar de bom, não esteve no nível dos demais. As prioridades secundárias de cada uma dessas partes envolvidas no projeto variaram, mas na média das respostas todos esses segmentos também deram destaque aos batismos e o bem-estar dos interessados, segundo a visão dos teologandos estagiários do ano de 2004.

Que há preocupação com os interessados, isso é constatado, mas o planejamento de uma sistemática que supere esta preocupação é o que não ocorreu. Ou seja, enquanto o bem-estar dos interessados esteve no topo das listas de prioridades de todas as partes envolvidas nos programas evangelísticos, o projeto de continuidade de assistência aos membros e interessados esteve no outro extremo, como um dos pontos menos priorizados nas campanhas evangelísticas.

A análise comparativa dos resultados evidenciou uma relação direta entre a não priorização do projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados e a não priorização do projeto de preparo anterior dos membros da igreja. Uma vez que são os membros os que mais terão contato com os batizados e interessados no final dos programas de conferências públicas, deveriam ser estes os mais envolvidos. Mas não é isso que ocorre. Geralmente, o evangelista e os teologandos se envolvem diretamente com os interessados e os membros ficam num patamar de serem servidos pelas conferências. Os membros da igreja não se sentem tão responsáveis pelos interessados. Para

eles, os que têm tal responsabilidade são os que estão à frente, representados pela oficialidade da associação, do evangelista e teologandos. Tal postura parece ser consequência do baixo preparo da conscientização, envolvimento e treinamento dos membros das igrejas antes da execução dos programas evangelísticos.

Se houvesse realmente um preparo que buscasse primeiramente conscientizar os membros da igreja acerca da missão de evangelizar, de responsabilidade de todos os crentes, haveria perspectivas de sucesso. O preparo deveria envolver também o treinamento dos membros para o trabalho, passando-lhes noções de envolvimento, relacionamento, evangelismo por amizade, com fundamentação bíblica, e estudos e estatísticas que apóiam a mesma, estariam abertas as portas para a execução de um projeto consistente de continuidade. Nenhum projeto de continuidade pode ter qualquer perspectiva positiva, se os membros da igreja não estiverem preparados, envolvidos e comprometidos.

Na parte central do projeto de evangelismo público, a IASD, em sua prática está ótima. Essa parte é a do planejamento e execução das conferências evangelísticas públicas. A avaliação dos teologandos mostrou que a estrutura do programa, os recursos utilizados, a resposta do público são pertinentes e positivos. A reação dos membros da igreja, se envolvendo, não é tão boa. E o início e o final deixam a desejar, ou seja, o preparo dos membros, antes, e a continuidade do acompanhamento aos batizados e interessados, depois, estão aquém do esperado. Se estas partes melhoram, a parte central também, pois a resposta dos membros da igreja é de acordo com o envolvimento deles.

Para que o quadro mude, estas partes do projeto de continuação precisam deixar de funcionar independentes ou separadas. O todo do planejamento precisa ser mais evidenciado: preparo e envolvimento dos membros, execução do programa de conferências e continuidade de assistência aos batizados. São aspectos diferentes de um todo.

O programa de estágio de evangelismo público oferecido pelo curso de teologia aos seus alunos no terceiro ano constitui um passo importante na sua formação pastoral, conforme eles mesmos declaram e enfatizam. Há contratemplos, problemas, dificuldades, mas ao pesar na balança, os aspectos agradáveis e benéficos do estágio superam e muito o que é negativo do projeto. A avaliação do processo é componente indispensável a qualquer aprendizado. Os alunos já fazem tal avaliação diante do seu professor, durante e no final da prática. Mas tal análise que acaba de se realizar sugere um momento mais sistematizado, onde os alunos se reúnam com o professor da prática evangelística e compartilhem entre si as experiências, dificuldades e soluções, pontos fortes e fracos. Tal situação potencializa o acréscimo que a prática oferece. Uma sugestão, talvez, fosse uma disciplina de um crédito no semestre consecutivo ao da prática, onde semanalmente todos se reúnam numa avaliação sistemática de tais experiências.

Outra sugestão, embora fuja da alçada acadêmica, talvez fosse provocar de alguma forma os pastores evangelistas a avaliarem as conferências, incluindo o preparo dos membros da igreja, antes, e o projeto de continuidade, depois. O fato de estar aumentando a demanda de teologandos para estagiarem nas conferências, poderia, quem sabe, ser usado como trunfo para se criar uma espécie de contrato, como outras instituições fazem com as empresas que vão receber estagiários das diversas áreas, onde nos deveres do contratante, a associação e o evangelista, fosse necessário responder a uma avaliação escrita que constasse análises sérias das respectivas partes e suas execuções.

Como pré-requisito, para que o professor analisasse o pedido para o envio de estagiários para o programa evangelístico, o evangelista em conjunto com a associação poderia apresentar na proposta enviada, um plano incluindo uma estratégia consistente para o preparo anterior da igreja e outra para a continuidade de assistência aos batizados e interessados.

E para que nos anos posteriores a associação pudesse continuar dispondo de alunos estagiários para seus programas de conferências, essa poderia enviar, quem sabe um ano depois, um relatório apresentando os resultados da estratégia de continuidade de assistência aos batizados e interessados.

Tendo em vista a relevância, a complexidade e a abrangência destes dois aspectos do evangelismo público – o preparo anterior dos membros da igreja e a continuidade de assistência batizados e interessados após as conferências públicas – sugere-se pesquisas, outros trabalhos de conclusão de curso, monografias ou até teses específicas sobre estes aspectos. Se este trabalho conseguir provocar tais iniciativas, terá cumprido um papel importante.

O que foi apresentado nesta conclusão é baseado na avaliação dos alunos. Tais sugestões se constituem relevantes a fim de contribuir para a prática. A intenção não foi, em nenhum momento, de desprezar ou menosprezar o trabalho que tem sido feito com a notória seriedade e competência pelas respectivas partes. Mas somar as considerações dos alunos com as do professor e dos pastores evangelistas.

Os aspectos mais relevantes levantados pelos alunos não estiveram voltados ao programa de estágio, mas às próprias conferências. Assim, pode-se congratular o curso de teologia do UNASP, por com tão grande competência e comprometimento, proporcionar aos seus alunos a oportunidade e privilégio de participarem do programa de estágio de evangelismo público.

BIBLIOGRAFIA

- Aeschlimann, Carlos E. *Evangelização Metropolitana*. São Paulo, SP: SALT, 1982.
- Aldrich, Joseph C. *Amizade, A Chave Para a Evangelização*. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987.
- Anderson, Roy Allan. *O Pastor Evangelista*. Santo André, SP: Casa, 1965.
- Casas, Alexandre L. Las. *Marketing*. São Paulo, SP: Atlas, 1997.
- César, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.
- Cervo, Amado L. *Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários*. 3Ed. São Paulo, SP: McGraw-Hill do Brasil, 1983. Cap. 3
- Coleman, Robert E. *O Plano Mestre de Evangelismo*. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2000. Conferência Internacional para Evangelistas Itinerantes (Amsterdã 83). *O Evangelista e o Mundo Atual*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1986.
- Cook, Guilherme. *Evangelização É Comunicação*. Campinas, SP: United Press, 1998.
- Ford, Leighton. *A Igreja Viva*. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1974.
- Hendricks, Howard G. *Aprenda a Mentorear*. Betânia, 1999.
- Howard, John A. *Mercadologia: comportamento do administrador e do comprador*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1969.

Kraft, Lourenço e Estefânia. *Espiando a Terra: como entender sua cidade*. São Paulo, SP: Sepal, 1995.

Lakatos, Eva M. & Marconi, Maria A. *Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 3 Ed. São Paulo, SP: Atlas, 1990. Cap. 2 e 4

Lima, Delcyr de Souza. *Doutrina e Prática de Evangelização*. Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1969.

Mattar, Fauze Najib. *Pesquisa de marketing*. 5 ed. São Paulo, SP: Atlas, 1993

Rocha, Angela & Christensen, Care. *Marketing – teoria e prática no Brasil*. São Paulo, SP: Atlas, 1995.

Rocha, José Miranda. *Evangelização II – métodos de evangelização: notas de sala de aula*. Engenheiro Coelho, SP: SALT, 2002.

Rodrigues, Samuel Eman. *Evangelismo Público no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Teologia do SALT-IAE, 1984.

Sarli, Joel. *Evangelismo: curso breve*. São Paulo, SP: SALT, 1982.

_____. *Evangelismo Dinâmico*. São Paulo, SP: IAE.

_____. *Um Curso Breve de Evangelismo Público*. São Paulo, SP: SALT, 1982.

Silva, Horne P. *Evangelismo Público*. Belém de Maria, PE: Educandário Nordestino Adventista, 1975.

White, Ellen G. *A Ciência do Bom Viver*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

_____. *Atos dos Apóstolos*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

_____. *Educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. *Evangelismo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959.

_____. *Fundamentos da Educação Cristã*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

_____. *Obreiros Evangélicos*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1969.

_____. *Testemunhos Para Ministros*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

Wolter, Berndt Dietrich. “Uma Avaliação do Treinamento Ministerial nos Estágios de Evangelismo Público do SALT – Sede Brasil-Sul”. Dissertação de Mestrado em Teologia do SALT-IAE, 2000.

ANEXOS

ANEXO A

CONFERÊNCIAS DA UCB

Do universo de alunos desta pesquisa, trinta e seis (36) participaram das conferências que ocorreram na região da UCB. Estes estudantes trabalharam com treze (13) pastores evangelistas.

A avaliação que se fez a partir de então foi baseada nas respostas que os alunos deram no questionário que responderam, conforme anexado neste trabalho.¹

Expectativas Anteriores

Dos que participaram das conferências nesta região, a maioria, vinte e nove (29) alunos, tinha expectativas positivas em relação ao estágio. Dentre estas destacaram-se a grandeza do evento, o desafio do novo, a experiência espiritual, o desenvolvimento pessoal e profissional. Quatro (4) alunos tinham expectativas negativas, relacionadas com o medo e a ansiedade. Dois (2) alunos tinham expectativas positivas e negativas ao mesmo tempo, ansiosos por uma experiência boa, mas com medo. Pode-se constatar isso nas respostas que deram à pergunta um (1) do questionário².

¹ Ver questionário no anexo D.

² Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta um (1) do questionário.

Pontos Fortes e Fracos

Quando solicitados a apontar um ponto forte no programa¹, a maioria destacou pontos referentes à organização e estrutura; e à participação da equipe. Outros apontamentos fizeram referência ao local, ao envolvimento dos membros e à resposta do público.

Com relação ao oposto, quando pedido para apontarem os pontos fracos no programa², os destaques também foram centrados em pontos referentes à organização e estrutura, com acréscimo de apontamentos referentes ao evangelista e mensagem. Houve referência ainda ao baixo envolvimento dos membros.

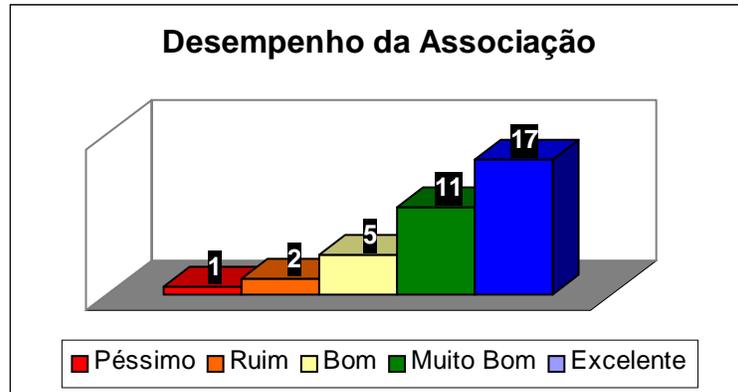
Neste primeiro momento de avaliação geral e aberta estas foram as impressões dos alunos. É percebida a ênfase referente à organização e estrutura, ao evangelista e mensagem, ao envolvimento dos membros e à resposta no público.

Desempenho dos Envolvidos

No momento seguinte, os estudantes avaliaram aspectos específicos. O primeiro deles foi o desempenho das partes envolvidas. Avaliaram o desempenho da associação, do evangelista, deles mesmos, teologandos, e dos membros da igreja. Cada um desses foi classificado entre péssimo, ruim, bom, muito bom e excelente.

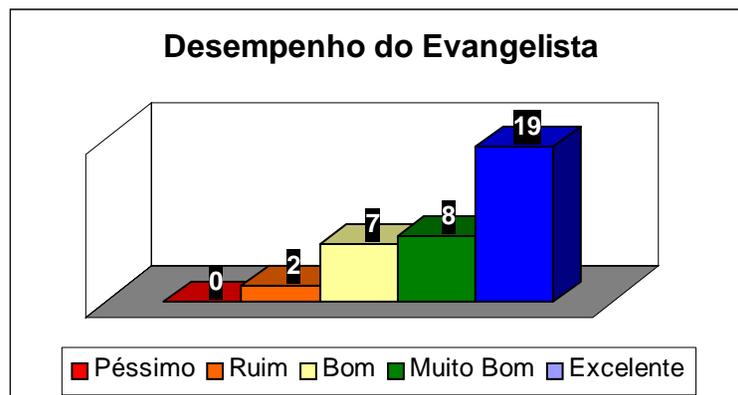
¹ Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

² Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta três (3) do questionário.



Como se pode ver, o desempenho da associação nas conferências foi excelente para dezessete (17) alunos, muito bom para onze (11), bom para cinco (5), ruim para dois (2), péssimo para um (1), e dois (2) não responderam. Assim, os que avaliaram o desempenho entre excelente e muito bom somam vinte e oito (28) alunos, equivalente a 77,78 % dos que responderam. Os que avaliaram entre péssimo, um (1), e ruim, dois (2), somam três (3) alunos que representam 8,33%.

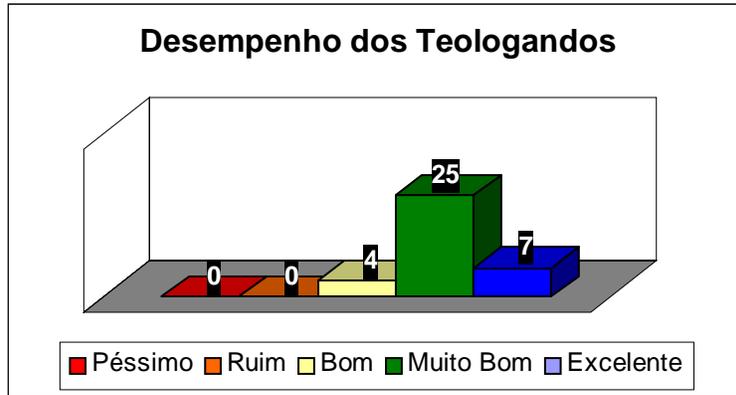
O desempenho do evangelista foi avaliado da seguinte forma:



O evangelista, na percepção dos teologandos teve um desempenho excelente, uma vez que os que avaliaram como excelente, dezenove (19), com os que avaliaram como muito bom, oito (8), somam vinte e sete (27) alunos que equivalem a 75%. Apenas dois (2) avaliaram como ruim, representando 5,5%.

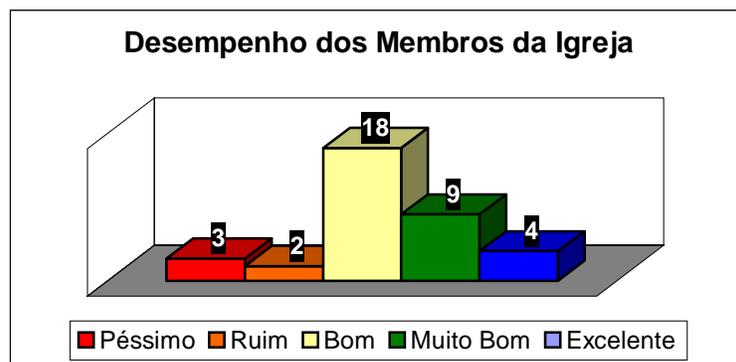
O desempenho a seguir na avaliação dos teologandos foi o relativo a eles próprios.

O resultado foi o seguinte:



O desempenho dos teologandos na visão deles próprios foi muito bom. Não tão bom como o desempenho da associação e do evangelista, pois a maioria apontou-os como excelente. Somando os vinte e cinco (25) alunos que avaliaram o desempenho dos teologandos como muito bom com os sete (7) que avaliaram como excelente somam trinta e dois (32), que representa 88,89%. Se adicionarmos os que avaliaram como bom totaliza-se 100%, pois nenhum avaliou como péssimo ou ruim.

A avaliação seguinte foi quanto ao desempenho dos membros da igreja.



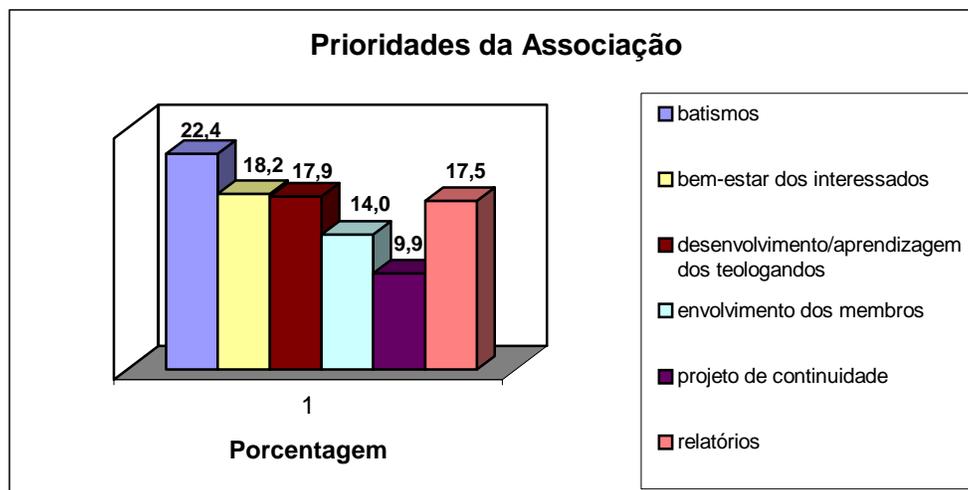
O desempenho dos membros da igreja, comparado ao desempenho das outras partes referidas foi menor. Enquanto o desempenho da associação, do evangelista e dos teologandos, na avaliação ficou entre excelente e muito bom, o desempenho dos membros

da igreja foi bom, conforme dezoito (18) alunos, 50%. Bom é a linha fronteira entre o muito bom e o ruim.

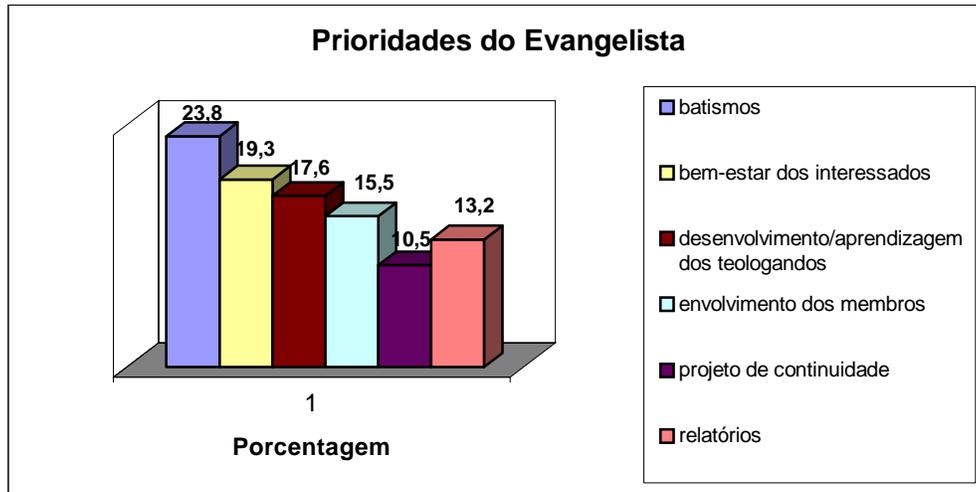
Prioridades Estabelecidas

Foi pedido que os alunos classificassem por ordem de importância [1 a 6] o que é priorizado pela associação, pelo evangelista, pelos teologandos e pelos membros da igreja. Os elementos para a classificação foram: batismo; bem-estar dos interessados; desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos; envolvimento dos membros; projeto de continuidade; relatórios.

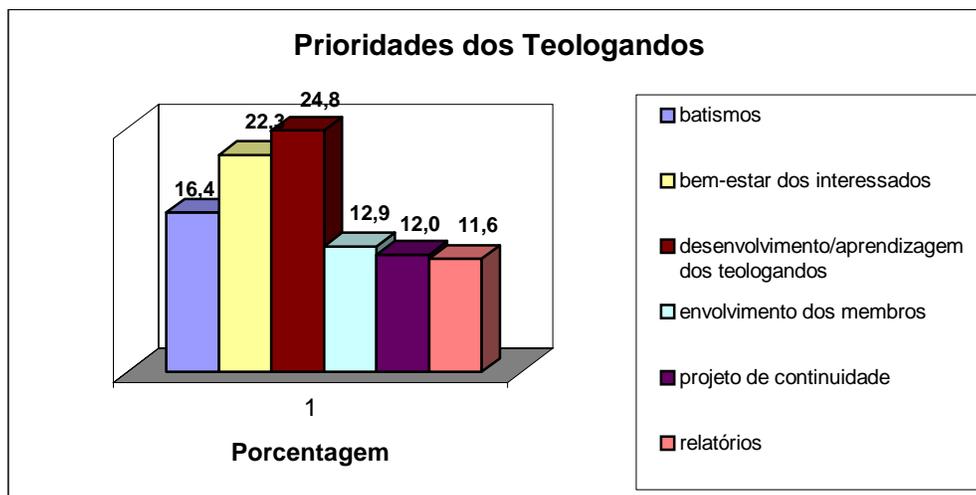
Para tabular os resultados desta parte do questionário foi necessário somar as notas classificatórias de cada elemento em separado, fazer uma relação inversamente proporcional, uma vez que quanto maior o resultado da soma, menor a nota classificatória. A nota um (1) é a melhor e a nota seis (6) a pior. Feito isso, transformou-se o resultado em porcentagem e o resultado foi:



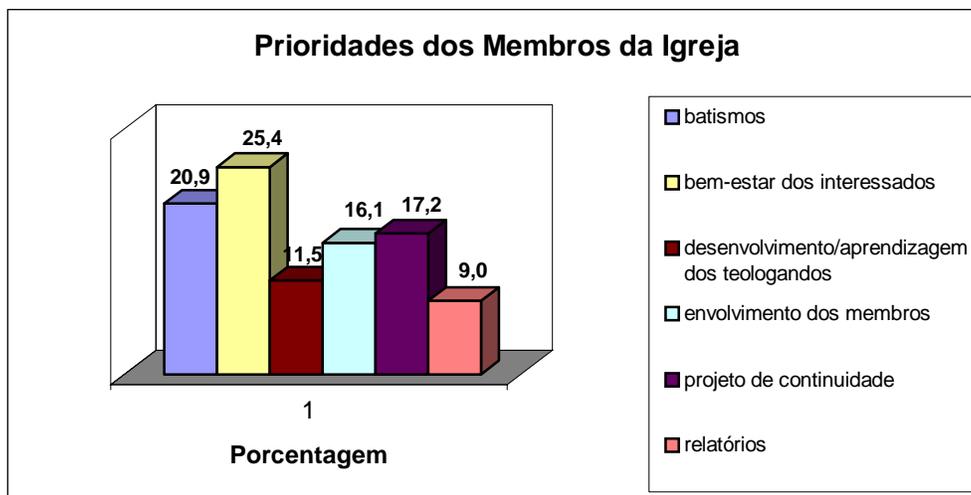
Na ordem de importância, a associação priorizou: 1º batismos 22,4%; 2º bem-estar dos interessados 18,2%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 17,9%; 4º relatórios 17,5%; 5º envolvimento dos membros 14 %; 6º projeto de continuidade 9,9%.



O evangelista priorizou: 1º batismos 23,8%; 2º bem-estar dos interessados 19,3%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 17,6%; 4º envolvimento dos membros 15,5%; 5º relatórios 13,2%; 6º projeto de continuidade 10,5%.



Os teologandos priorizaram: 1º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 24,8%; 2º bem-estar dos interessados 22,3%; 3º batismos 16,4%; 4º envolvimento dos membros 12,9%; 5º projeto de continuidade 12%; 6º relatórios 11,6%.



Os membros da igreja priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 25,4%; 2º batismos 20,9%; 3º projeto de continuidade 17,2%; 4º envolvimento dos membros 16,1%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 11,5%; 6º relatórios 9%.

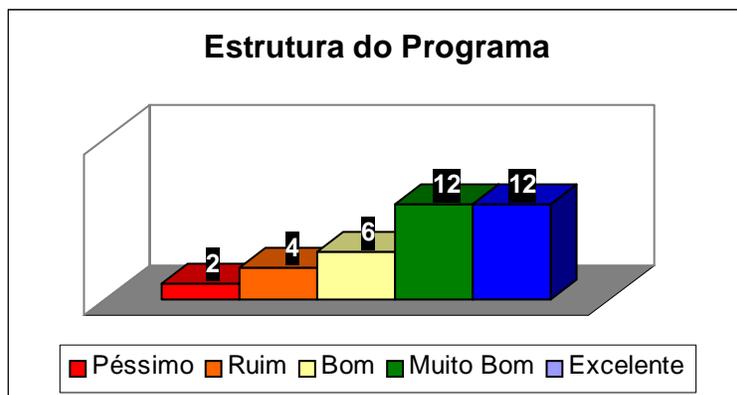
Referente a esta parte das prioridades foi percebido que a associação e o evangelista, até por estarem diretamente ligados, tiveram basicamente as mesmas prioridades.

Já os teologandos se diferenciaram, priorizando o próprio desenvolvimento. Para eles o bem estar dos interessados também foi prioridade máxima, e só então vieram os batismos.

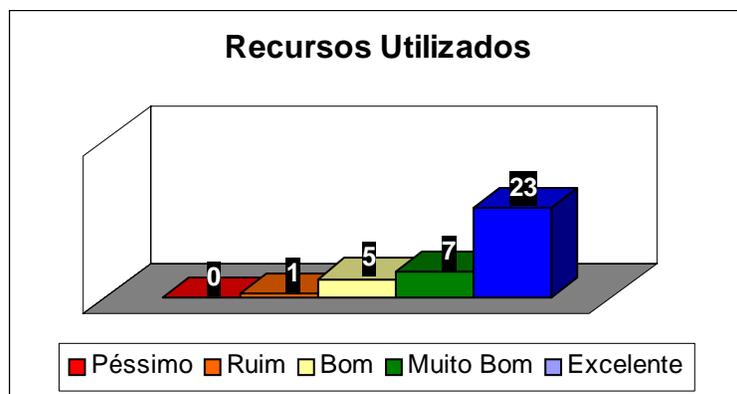
Quando vamos para as prioridades dos membros, uma terceira situação aparece. Para eles a prioridade máxima foi o bem-estar dos interessados, depois os batismos. Um aspecto também diferente dos demais é que para os membros da igreja o projeto de continuidade foi o terceiro mais importante. A preocupação dos membros foi com relação aos interessados, tanto durante como depois das conferências. Outra situação comparativa é que, diferente dos teologandos, os membros não priorizaram o seu próprio envolvimento ou desenvolvimento.

Avaliação do Programa

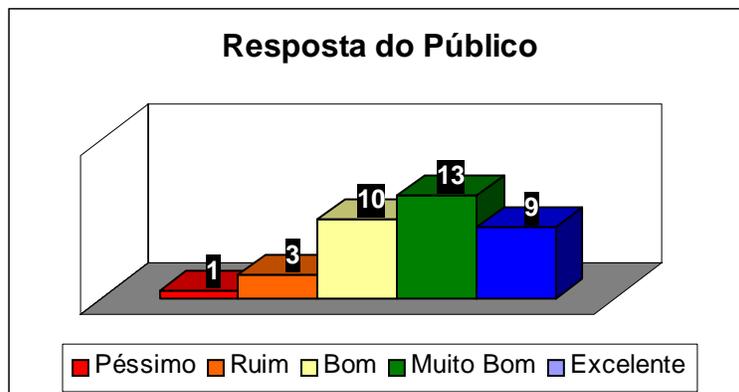
O programa foi avaliado nos diversos aspectos: sua estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público, a resposta dos membros da igreja, a realização do programa, o projeto de preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Os resultados foram:



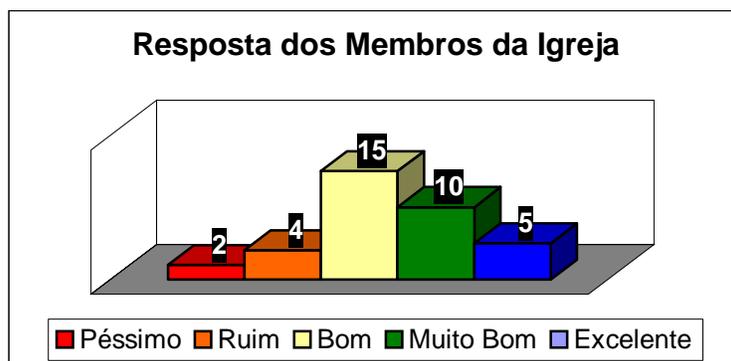
Na classificação da estrutura do programa, doze (12) alunos a classificaram como excelente e doze (12) como muito bom, ou seja, 66,67%. Pode-se perceber que a estrutura do programa foi muito boa.



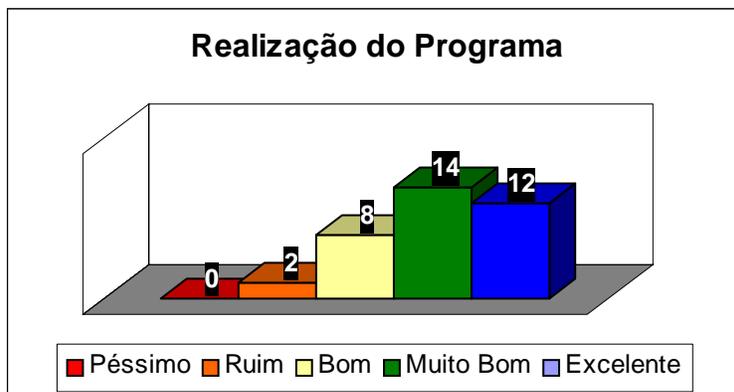
Quanto aos recursos utilizados, na avaliação dos alunos, a classificação foi excelente. Vinte e três (23) alunos, 66,89% apontaram como excelente. Apenas um (1) aluno classificou como ruim e nenhum como péssimo.



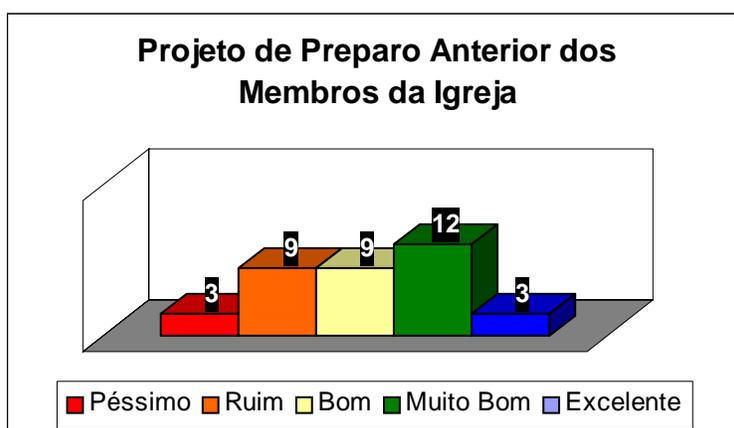
Referente à resposta do público a avaliação a apontou como muito boa. Somando os que apontaram como muito bom, treze (13), e os que apontaram como excelente, nove (9), têm-se 61,1 %. Se a soma considera os que classificaram como bom a porcentagem sobe para 88,89%. Um (1) aluno avaliou como péssimo e três (3) avaliaram como ruim, somando 11%.



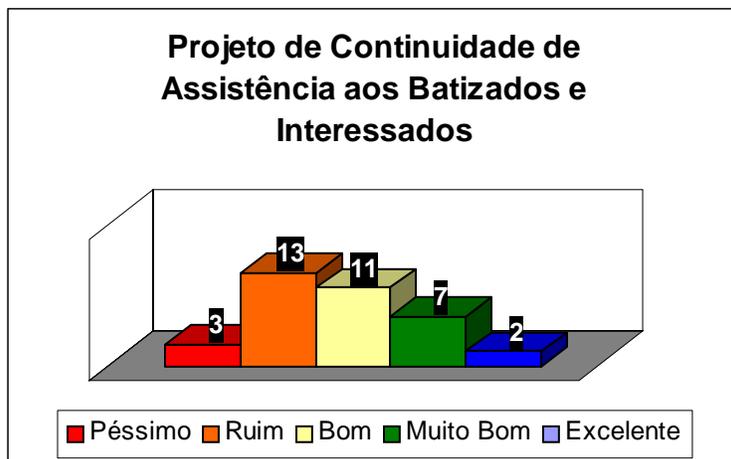
Quanto à resposta dos membros da igreja, 41,67% alunos classificaram tal resposta como excelente, cinco (5) alunos, ou muito bom, dez (10) alunos. 16,67% classificaram como ruim, quatro (4) alunos, ou péssimo, dois (2) alunos. Quinze (15) alunos, 41,67% classificaram na linha divisória do bom, a resposta dos membros da igreja. A avaliação foi boa, mas não tanto quanto a da estrutura do programa e a dos recursos utilizados.



A realização do programa também foi muito boa. Vinte e seis (26) alunos, 72,22% classificaram como excelente, doze (12) alunos, e muito bom, quatorze (14) alunos, a realização do programa. Apenas dois (2) alunos classificaram como ruim a realização do programa, 5,56%.



O projeto de preparo anterior dos membros da igreja não teve um resultado tão satisfatório, uma vez que somando os que acharam bom, nove (9) alunos, ruim, nove (9) alunos, e péssimo, três (3) alunos, temos 58,33% contra 41,67% dos que avaliaram como muito bom, doze (12) alunos, e excelente, três (3) alunos.



Na avaliação dos alunos, o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi o pior, foi ruim. Somando os que acharam ruim, treze (13) alunos, e os que acharam péssimo, três (3) alunos, são 44,44%. Se a estes números somarmos os que acharam bom, onze (11) alunos, teremos 75% contra 25% dos alunos que acharam muito bom, sete (7) alunos, e excelente, dois (2) alunos.

Assim, reunindo todas essas informações relativas à avaliação do programa e suas respectivas partes, para os alunos, a estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público e a realização foram excelentes. A resposta dos membros da igreja foi boa. Os projetos, tanto o de preparo anterior dos membros da igreja quanto o de continuidade na assistência aos novos batizados e interessados em continuar estudando a Bíblia, foram insatisfatórios, principalmente o último, que foi avaliado como ruim.

Percepção do Evangelismo

Assim como no início foi perguntado aos alunos que participaram da conferência quais eram suas expectativas, no final do questionário se perguntou como ele percebe o evangelismo depois dessa experiência.¹

Quanto à percepção do evangelismo depois dessa experiência, vinte e sete (27) respostas foram positivas, quatro (4) respostas foram negativas, quatro (4) respostas mostraram pontos positivos e negativos na percepção. Das respostas positivas, destacou-se que o evangelismo é um trabalho útil para o crescimento dos estagiários, tanto no aspecto espiritual como experiência para exercer a função de pastor. Foi uma experiência essencial para o preparo dos futuros pastores, tanto que alguns deles afirmaram que foi a melhor parte do curso de teologia. É uma experiência que colaborou também para o crescimento tanto dos pastores, como dos membros e dos interessados, ou seja, da igreja como um todo. Uma força do evangelismo é o envolvimento. É um instrumento para atrair os que não conhecem, os que conheceram, mas abandonaram, e para reavivar os que conhecem a Jesus e Suas verdades.

Os que destacaram aspectos negativos na percepção o fizeram em relação à experiência vivida por eles e não no evangelismo como um todo. Criticaram o método, a estratégia, a ênfase que na opinião deles foi errada, na experiência que vivenciaram.

Os números quanto às expectativas positivas e negativas das respostas da questão um (1)² foram aproximados com relação às percepções positivas e negativas da questão sete (7)³. A grande maioria teve expectativa positiva no início e no final teve uma

¹ Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta sete (7) do questionário.

² Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta um (1) do questionário.

³ Ver respostas no anexo E1, referentes à pergunta sete (7) do questionário.

percepção positiva. Na questão um (1), referente à expectativa antes das conferências, vinte e nove (29) alunos tinham expectativas positivas, quatro (4) expectativas negativas, duas (2) positivas e negativas, um (1) deixou em branco. Na questão sete (7), referente à percepção do evangelismo depois da experiência, vinte e sete (27) alunos perceberam o evangelismo público como positivo, quatro (4) como negativo, quatro (4) tem aspectos positivos e negativos na percepção e um (1) deixou em branco. Averiguados se coincidem os alunos que tinham expectativas negativas com os que perceberam o evangelismo público de forma negativa depois da experiência, constatou-se que não são os mesmos, ou seja, não há relação entre as respostas negativas.

Colocando em relação todos os pontos levantados na pesquisa, conclui-se que os alunos que participaram das conferências públicas na UCB, para cumprir o requisito de estágio, tinham expectativas positivas com relação à experiência que viveriam e estas expectativas foram saciadas. Na avaliação deles as partes envolvidas tiveram um desempenho muito bom. As prioridades dessas partes variaram. O programa das conferências foi muito bom, com exceção do projeto de preparo dos membros da igreja antes das conferências e do projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Esses projetos foram ruins. Tiveram avaliação negativa pelos alunos. Todos enxergaram o estágio como imprescindível para a formação pastoral a que se propõe o curso de teologia do UNASP.

ANEXO B

CONFERÊNCIAS DA UCOB

Do nosso universo de respondentes desta pesquisa, sete (7) participaram das conferências que ocorreram na região da UCOB¹. Estes alunos trabalharam com dois (2) pastores evangelistas. Não vamos relacionar uns com os outros a fim de preservá-los e porque o propósito deste trabalho não é avaliar indivíduos, mas o programa do estágio como um todo.

A avaliação que se fez a partir de então foi baseada nas respostas que estes estudantes deram no questionário que responderam, conforme anexado neste trabalho.²

Expectativas Anteriores

Dos alunos que participaram das conferências nesta região quatro (4) tinham expectativas positivas em relação ao estágio. Dentre estas se destacaram o desenvolvimento e o trabalhar na obra de Deus. Três (3) alunos tinham expectativas negativas relacionadas com dificuldades a serem enfrentadas e ansiedade³.

¹ A UCOB ainda não existia na ocasião em que se realizaram as conferências analisadas neste trabalho, pois seu território ainda fazia parte da UCB e da USB. Ela passou a atuar administrativamente em 2005. Mas, decidiu-se considera-la na divisão para este trabalho porque: 1) facilita a distribuição geográfica dos alunos da pesquisa; 2) não interfere em aspectos administrativos dos respectivos campos; 3) este trabalho visa contribuir para as conferências que ocorrerão após o período respectivo à ele, que acontecerá levando em conta a atual divisão.

² Ver questionário no anexo D.

³ Ver respostas no anexo E2, referentes à pergunta um (1) do questionário.

Pontos Fortes e Fracos

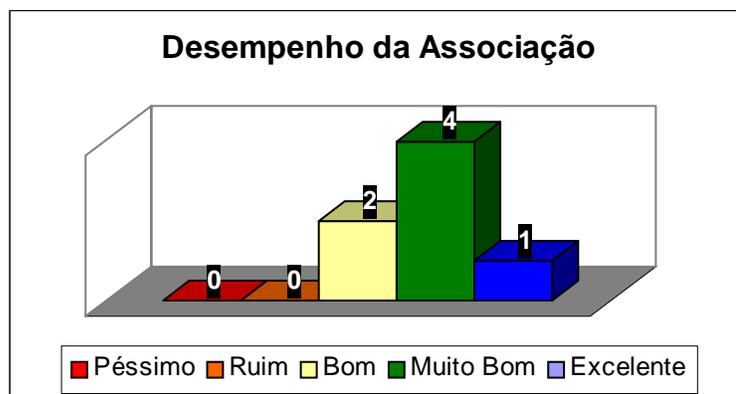
Quando pedido para apontar um ponto forte no programa¹, quatro (4) destacaram pontos referentes ao evangelista e o conteúdo de seu programa; três (3) destacaram pontos referentes à participação da equipe.

Sobre os pontos fracos no programa², os apontamentos dos alunos, referiram-se à organização e estrutura, ao evangelista e mensagem, ao envolvimento insuficiente dos membros.

Nesta avaliação geral e aberta estas foram as impressões dos alunos.

Desempenho dos Envolvidos

Na avaliação de aspectos específicos, o primeiro deles se referiu ao desempenho das partes envolvidas. Os alunos avaliaram o desempenho da Associação, do evangelista, deles mesmos, teologandos e dos membros da igreja. Cada um desses foi classificado entre péssimo, ruim, bom, muito bom e excelente.

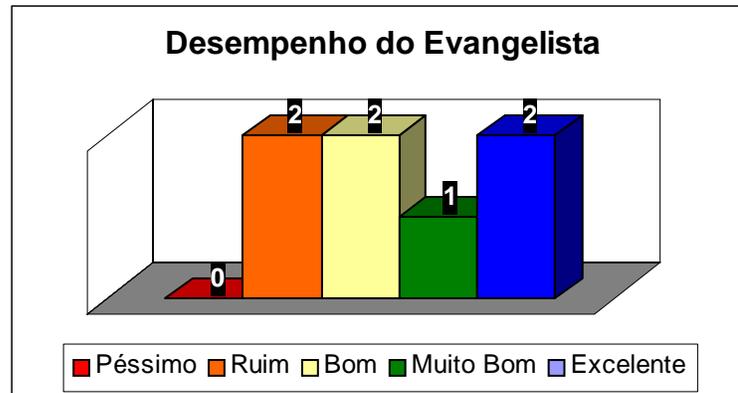


¹ Ver respostas no anexo E2, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

² Ver respostas no anexo E2, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

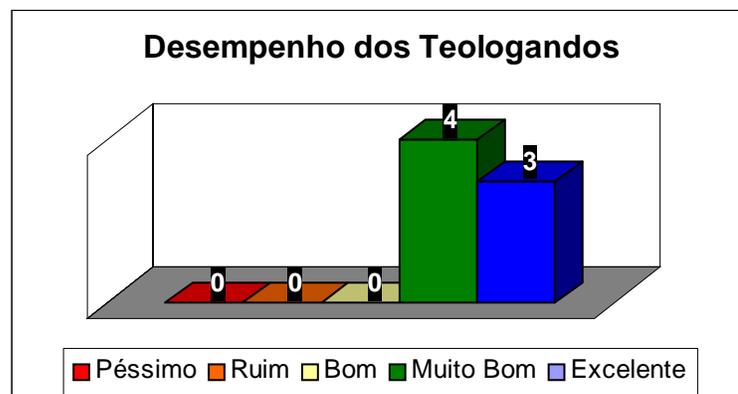
Conforme apresenta o gráfico acima, o desempenho da Associação nas conferências foi excelente para um (1) aluno, muito bom para quatro (4) e bom para dois (2). Notou-se, então que a Associação teve um desempenho muito bom na percepção dos estudantes.

O desempenho do evangelista foi avaliado da seguinte forma:



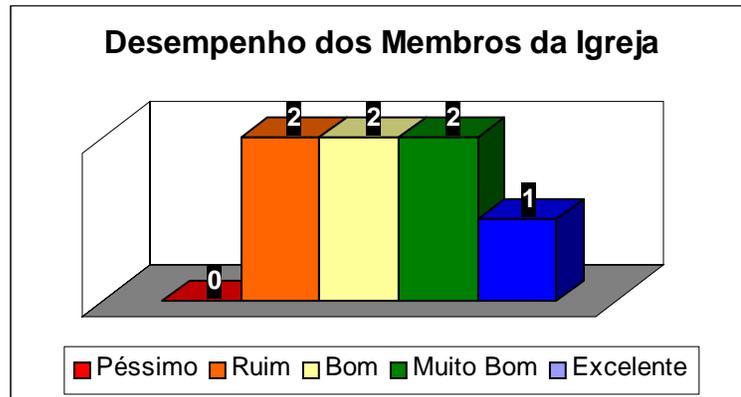
Sendo que dois (2) alunos avaliaram o desempenho do evangelista como excelente, um (1) como muito bom, dois (2) como bom e dois (2) como ruim, notou-se que não houve consenso na percepção dos alunos. Praticamente a metade avaliou o desempenho como ideal e a outra metade avaliou como deixando a desejar.

O desempenho a seguir, na avaliação dos teologandos, foi relativo a eles próprios. O resultado foi o seguinte:



O desempenho dos teologandos na visão deles próprios foi muito bom. Todos avaliaram como excelente, três (3) alunos, e muito bom, quatro (4) alunos.

A avaliação seguinte foi quanto ao desempenho dos membros da igreja.



Na avaliação do desempenho dos membros da igreja também não houve consenso. Um (1) avaliou como excelente, dois (2) como muito bom, dois (2) como bom e dois (2) como ruim.

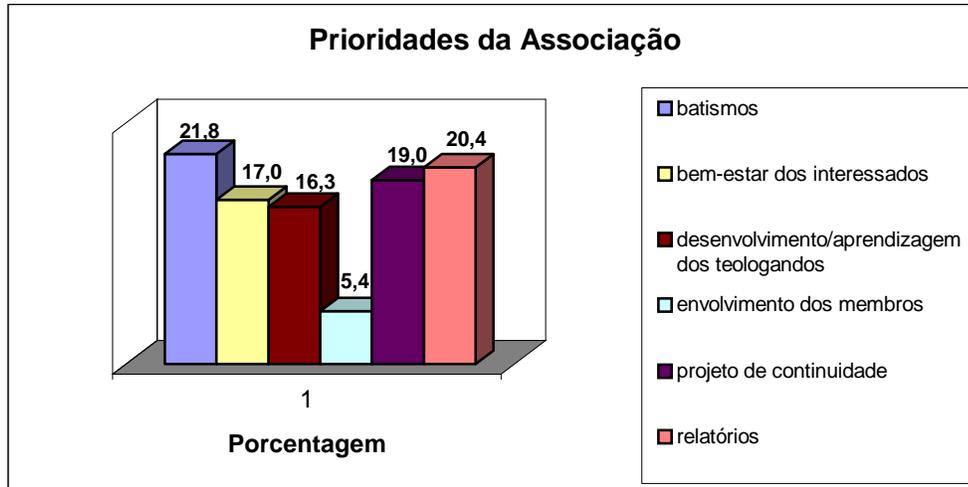
Pelos resultados da avaliação notamos um nível muito bom do desempenho da Associação e dos teologandos. Já o nível do desempenho do evangelista e dos membros da igreja não foi o mesmo, mas foi bom.

Prioridades Estabelecidas

Foi pedido que os respondentes classificassem por ordem de importância [1 a 6] o que foi priorizado pela Associação, pelo evangelista, pelos teologandos e pelos membros da igreja. Os elementos para a classificação foram: batismo; bem-estar dos interessados; desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos; envolvimento dos membros; projeto de continuidade; relatórios.

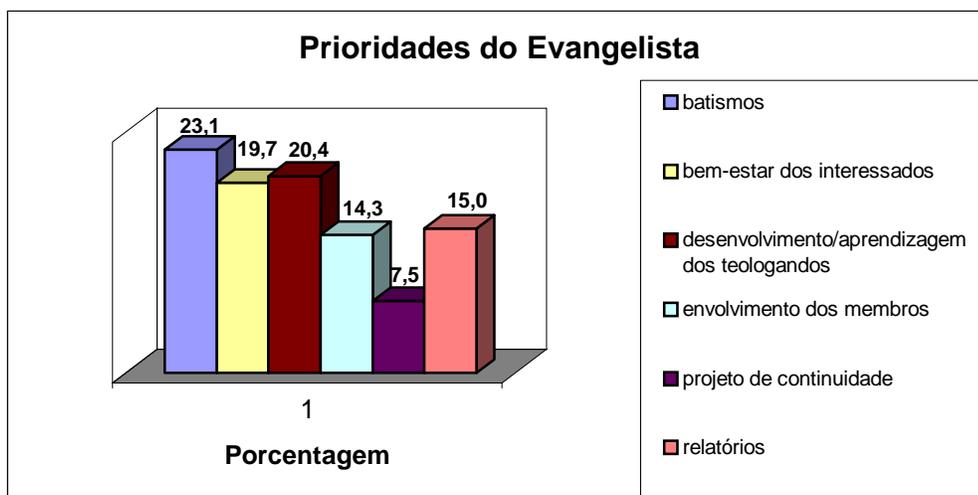
Para tabular os resultados desta parte do questionário foi necessário somar as notas classificatórias de cada elemento em separado, fazer uma relação inversamente proporcional, uma

vez que quanto maior o resultado da soma, menor a nota classificatória. A nota um (1) é a melhor e a nota (6) a pior. Feito isso, transformou-se o resultado em porcentagem e o resultado foi:



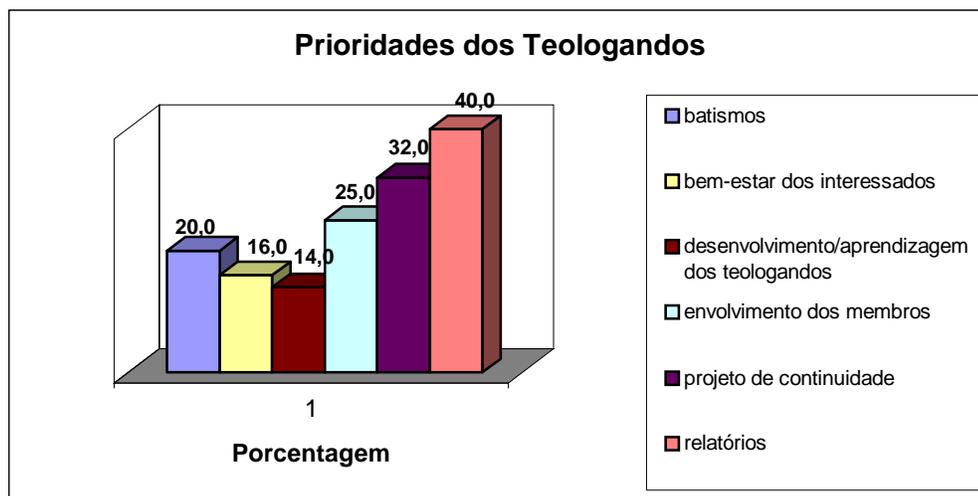
Na ordem de importância, a Associação priorizou: 1º batismos 21,8%; 2º relatórios 20,4%; 3º projeto de continuidade 19,0%; 4º bem-estar dos interessados 17%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 16,3%; 6º envolvimento dos membros 5,4%.

Nas prioridades da Associação, percebe-se uma proximidade entre elas, com exceção ao envolvimento dos membros, que mostrou ter sido o aspecto menos valorizado, 5,4%.



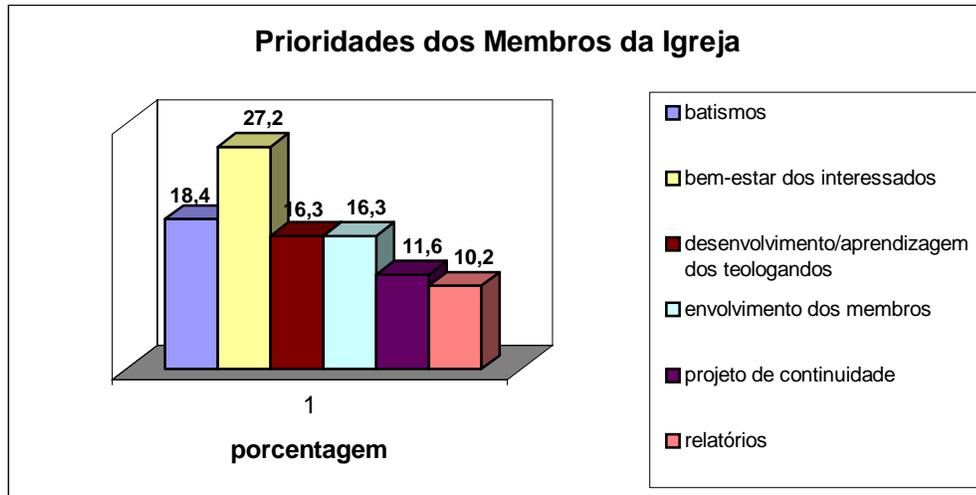
O evangelista priorizou: 1º batismos 23,1%; 2º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 20,4%; 3º bem-estar dos interessados 19,7%; 4º relatórios 15%; 5º envolvimento dos membros 14,3%; 6º projeto de continuidade 7,5%.

As prioridades do evangelista, apesar de trabalhar com a Associação, não foram as mesmas dela, com exceção do batismo. O menos priorizado foi o projeto de continuidade, com 7,5%.



Os teologandos priorizaram: 1º relatórios 40%; 2º projeto de continuidade 32%; 3º envolvimento dos membros 25%; 4º batismos 20%; 5º bem-estar dos interessados 16%; 6º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 14%.

Das prioridades dos estagiários destacaram-se preocupações intensas com os relatórios, 40%. Em evidência ficou também a baixa preocupação com o desenvolvimento/aprendizagem deles mesmos, 14%. Foi o menos priorizado.



Os membros da igreja priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 27,2%; 2º batismos 18,4%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 16,3%; 4º envolvimento dos membros 16,3%; 5º projeto de continuidade 11,6%; 6º relatórios 10,2%.

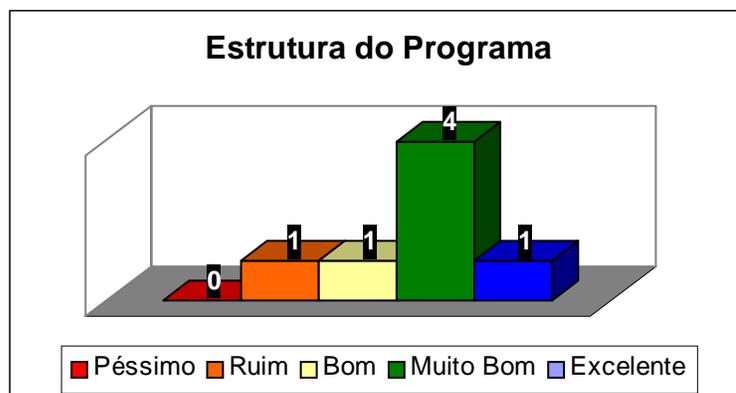
Este quadro mostrou uma situação esperada dos membros da igreja quanto às prioridades. A maior prioridade foi em relação ao bem-estar dos interessados, 27,2%.

O destaque na comparação entre as prioridades das partes foi do projeto de continuidade, que na UCOB foi foco de atenção para a Associação e para os teologandos. Mas para o pastor e os membros da igreja, que são realmente os que tratam diretamente com o assunto, não houve tal priorização. Para eles o grau de atenção ao projeto de continuidade foi de 7,5% e 11,6% respectivamente. Com relação ao envolvimento dos membros da igreja, os resultados mostram que não foi prioridade da Associação e do evangelista.

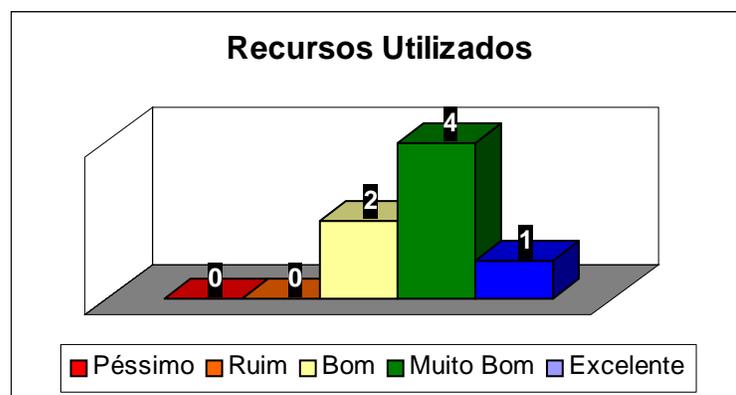
Avaliação do Programa

O programa foi avaliado nos diversos aspectos: sua estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público, a resposta dos membros da igreja, a realização do programa, o projeto de

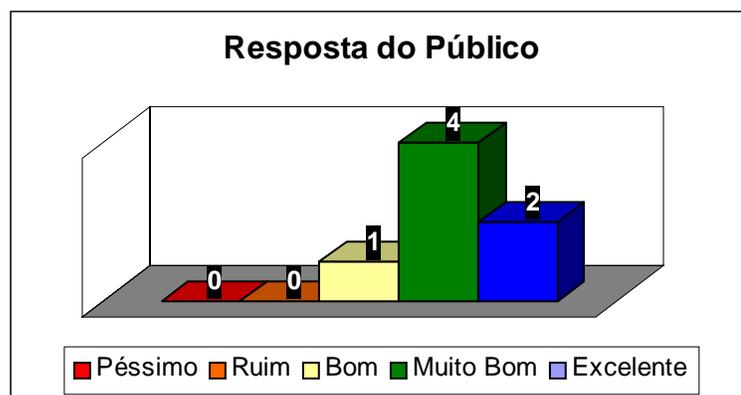
preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Os resultados foram:



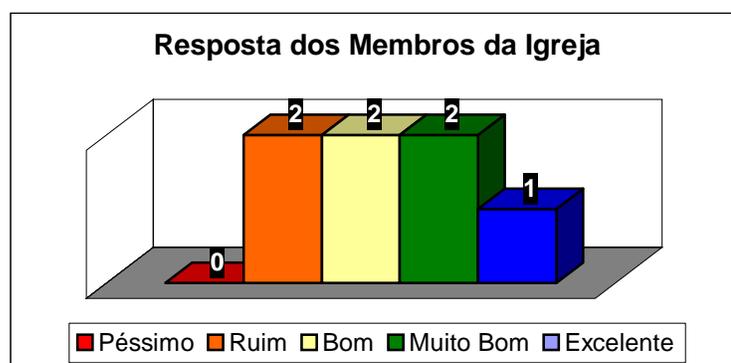
Na classificação da estrutura do programa, um (1) aluno classificou como excelente e três (3) como muito bom, um (1) como bom e um (1) como ruim. Por esse quadro pode-se perceber que a estrutura do programa foi muito boa.



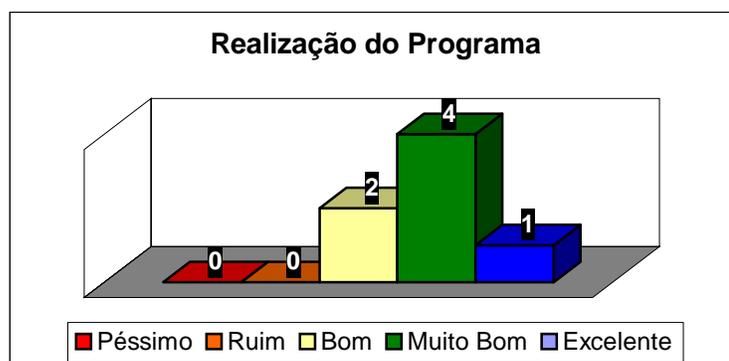
Quanto aos recursos utilizados, na avaliação dos alunos, a classificação foi muito boa. Um (1) aluno avaliou como excelente, quatro (4) como muito bom, dois (2) como bom. Ninguém avaliou com ruim ou péssimo.



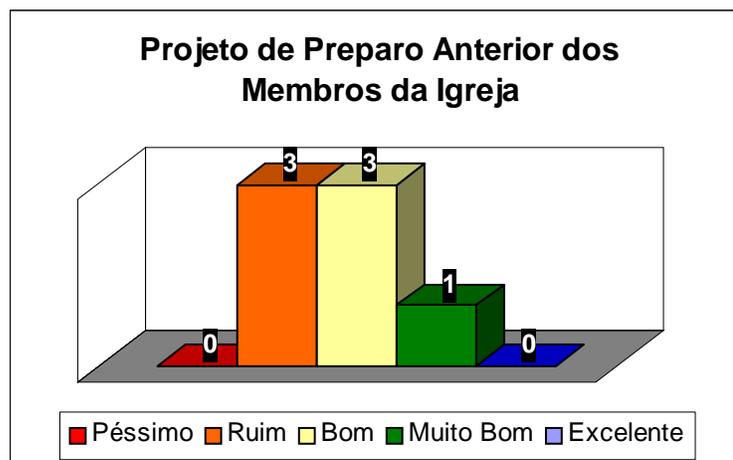
A avaliação também apontou a resposta do público como muito boa. Dois (2) apontaram como excelente, quatro (4) como muito bom, um (1) como bom. Não houve apontamento ruim nem péssimo.



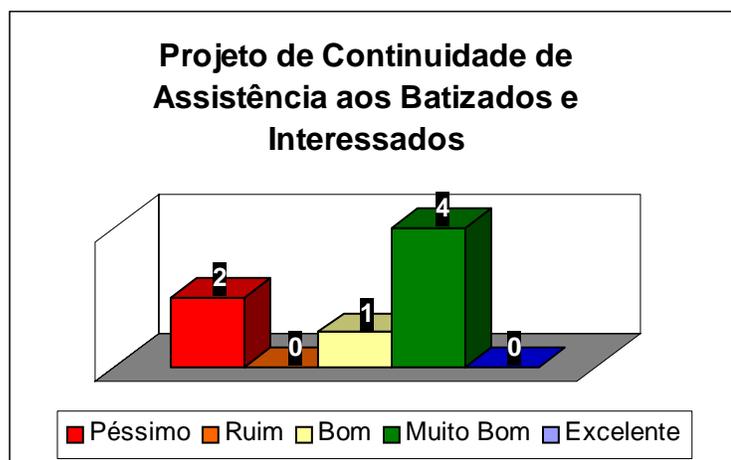
Quanto à resposta dos membros da igreja onde a conferência se realizou, um (1) classificou tal resposta como excelente, dois (2) como muito bom, dois (2) como bom e dois (2) como ruim. Essa parte não teve o mesmo desempenho das outras, embora tenha sido uma média boa.



A realização do programa também foi muito boa. Um (1) aluno classificou como excelente, quatro (4) como muito bom, dois (2) como bom, nenhum ruim e nenhum péssimo.



O projeto de preparo anterior dos membros da igreja recebeu uma avaliação negativa. Nenhum avaliou como excelente, um (1) como muito bom, três (3) como bom e três (3) como ruim. Isso aponta que provavelmente não houve tal projeto, tal preparo dos membros da igreja para as conferências.



Na avaliação dos estudantes, o projeto de continuidade recebeu nenhum excelente, quatro (4) muito bom, um (1) bom e dois (2) péssimo. Foi o único aspecto que teve péssimo marcado por alunos, mas por quatro (4) terem marcado muito bom, proporcionou um resultado médio de bom.

Assim, reunindo todas essas informações relativas à avaliação dos estudantes referente ao programa e suas respectivas partes, notou-se que a estrutura do programa, os recursos utilizados, a resposta do público, a realização do programa foram muito bons. A resposta dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foram bons. O projeto de preparo anterior dos membros da igreja foi insatisfatório, avaliado como ruim.

Percepção do Evangelismo

Assim como no início foi perguntado aos alunos que participaram da conferência quais eram suas expectativas, no final do questionário se perguntou como eles percebem o evangelismo depois dessa experiência.¹

¹ Ver respostas no anexo E2, referentes à pergunta sete (7) do questionário.

Todas as respostas foram positivas quanto à percepção do evangelismo depois dessa experiência. Dessas respostas destacou-se que o evangelismo é envolvente, que é muito importante, que é uma experiência realizadora. Os alunos ressaltaram que estão ansiosos para realizar outras conferências.

Comparando as expectativas apresentadas nas respostas da questão um do questionário, com a percepção do evangelismo após a realização das conferências, notou-se um contraste. Três (3) dos sete (7) alunos tinham expectativas negativas, enquanto todos perceberam as conferências como realizadoras, marcantes e que querem participar de outras.

Colocando em relação todos os pontos levantados na pesquisa, conclui-se que os alunos que participaram das conferências públicas na UCOB, para cumprir o requisito de estágio, tinham expectativas positivas e negativas com relação à experiência que viveriam e estas expectativas foram superadas. Na avaliação deles as partes envolvidas tiveram um desempenho muito bom.

As prioridades dessas partes variaram. Dessas variações chamou a atenção as diferenças entre a Associação e o evangelista. O programa das conferências foi muito bom, com exceção do projeto de preparo dos membros da igreja antes das conferências, que foi ruim. O projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi bom, mas recebeu avaliações de péssimo de dois (2) dos sete (7) alunos. Tal situação refletiu a não priorização dada por parte daqueles que estiveram diretamente envolvidos, evangelista e membros da igreja, com relação aos projetos de preparo e de continuidade.

Houve unanimidade quanto à percepção positiva do evangelismo depois dessa experiência, superando algumas expectativas negativas que haviam antes das conferências serem realizadas. Para os alunos, o estágio de evangelismo público para a formação pastoral a que se propõe o curso de teologia do UNASP é muito importante.

ANEXO C

CONFERÊNCIAS DA USB

Dos respondentes desta pesquisa, trinta e dois (32) participaram das conferências que ocorreram na região da UCB. Um (1) dos alunos não quis responder ao questionário, por isso o universo para os cálculos foi de trinta e um (31) alunos ao invés de trinta e dois (32). Estes estudantes trabalharam com dez (10) pastores evangelistas.

A avaliação que se fez a partir de então foi baseada nas respostas que estes alunos deram no questionário que responderam, conforme anexado neste trabalho.¹

Expectativas Anteriores

Dos alunos que participaram das conferências nesta região, a maioria, vinte e seis (26) alunos, tinham expectativas positivas em relação ao estágio. Dentre estas expectativas positivas, destacaram-se a experiência espiritual, o desenvolvimento pessoal e profissional, a experiência de levar pessoas à decisão do batismo. Quatro (4) alunos tinham expectativas negativas, relacionadas com medo, insegurança e cobrança. Um (1) aluno tinha expectativas positivas e negativas ao mesmo tempo, ansioso, mas expectativo por uma experiência boa. Pode-se constatar isso nas respostas que deram à pergunta um (1) do questionário que responderam.²

¹ Ver questionário no Anexo D.

² Ver respostas no anexo E3, referentes à pergunta um (1) do questionário.

Pontos Fortes e Fracos

Quando compelidos a apontar um ponto forte no programa¹, a maioria, vinte (20) alunos, destacou pontos referentes à organização e estrutura; outros destacaram pontos referentes ao evangelista e conteúdo, ao público, à participação da equipe, ao envolvimento dos membros.

Com relação aos pontos fracos no programa², os apontamentos destacaram pontos referentes a aspectos das mesmas linhas dos pontos fortes, ou seja, referentes ao evangelista e conteúdo, à estrutura e organização, ao público, ao envolvimento dos membros.

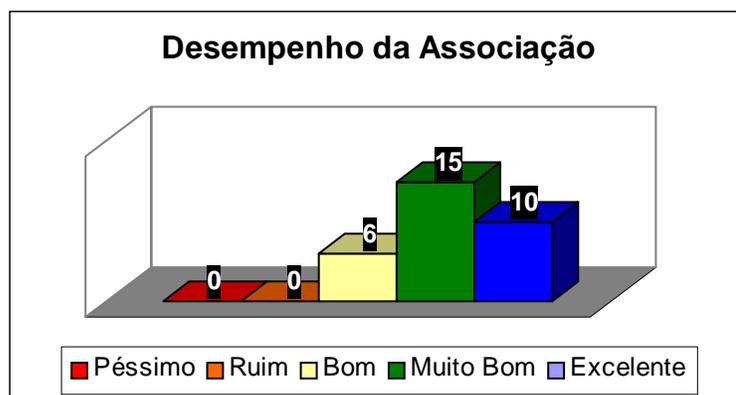
Neste primeiro momento de avaliação geral e aberta estas foram as impressões dos alunos. Percebeu-se ênfase principalmente na organização e estrutura, no evangelista e mensagem, tanto relativo a aspectos positivos quanto negativos.

Desempenho dos Envolvidos

No momento seguinte, os alunos avaliaram aspectos específicos. O primeiro deles foi o desempenho das partes envolvidas. Os alunos avaliaram o desempenho da Associação, do evangelista, deles mesmos, teologandos e dos membros da igreja. Cada um desses foi classificado entre péssimo, ruim, bom, muito bom e excelente.

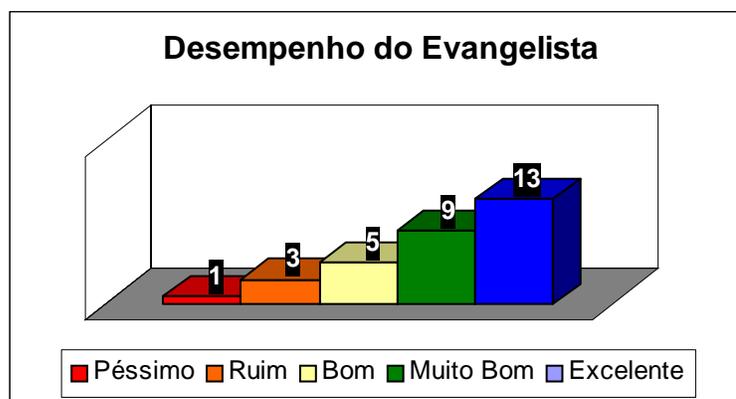
¹ Ver respostas no anexo E3, referentes à pergunta dois (2) do questionário.

² Ver respostas no anexo E3, referentes à pergunta três (3) do questionário.



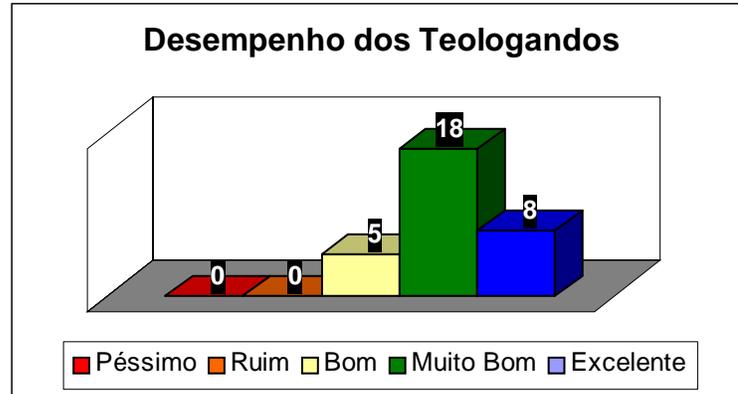
Como se pode ver, o desempenho da Associação nas conferências foi excelente para dez (10) alunos, muito bom para quinze (15) alunos, bom para seis (6) e nenhum aluno achou o desempenho da Associação ruim ou péssimo. Na média o desempenho da Associação nas conferências foi muito bom.

O desempenho do evangelista foi avaliado da seguinte forma:



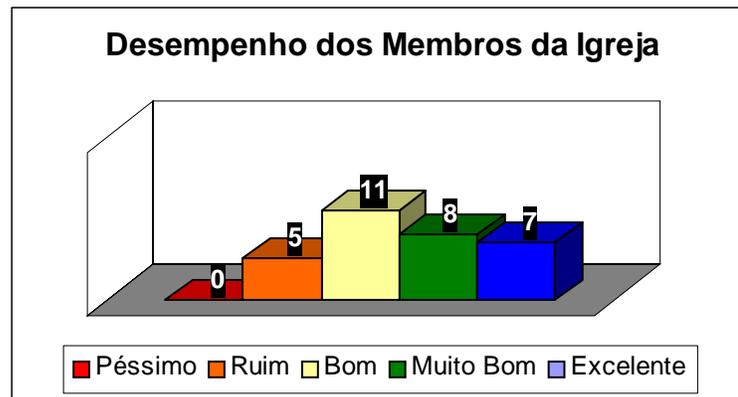
O evangelista, na percepção dos alunos, teve um desempenho muito bom, uma vez que os que avaliaram como excelente, treze (13), com os que avaliaram como muito bom, nove (9), somam vinte e dois (22) alunos que equivalem a 70,97%. Cinco (5) avaliaram como bom, se somarmos estes na porcentagem anterior teremos 87,1% contra 12,9% do quadro composto dos que avaliaram como ruim, três (3) alunos, e péssimo, um (1) aluno.

O desempenho a seguir na avaliação dos teologandos é o relativo a eles próprios. O resultado foi o seguinte:



O desempenho dos teologandos na visão deles próprios foi muito bom. Oito (8) avaliaram como excelente, dezoito (18) como muito bom. Os dois juntos 83,87%. Cinco (5) avaliaram como bom e nenhum aluno avaliou como ruim ou péssimo.

A avaliação seguinte foi quanto ao desempenho dos membros da igreja.



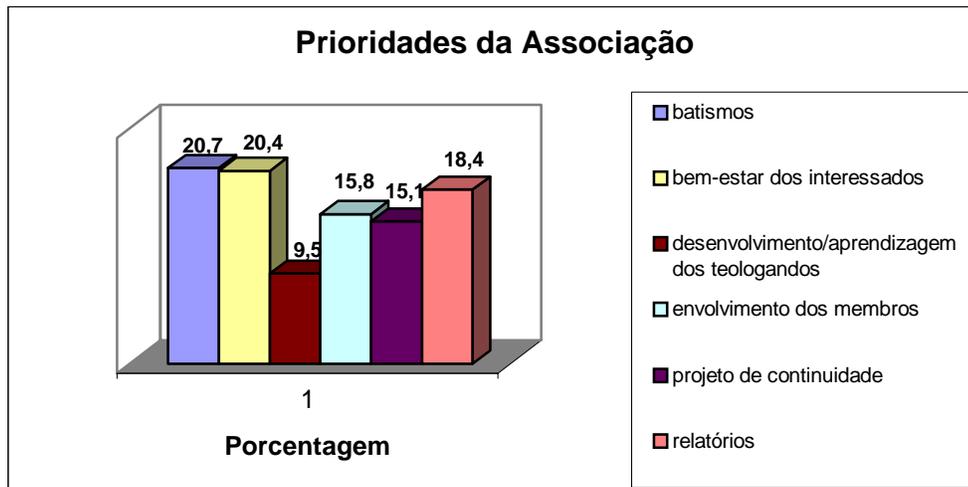
O desempenho dos membros da igreja, comparado ao desempenho das outras partes referidas foi menor. Enquanto relativo ao desempenho da Associação, do evangelista e dos teologandos, a avaliação ficou em muito bom, o desempenho dos membros da igreja foi bom. Sete (7) alunos avaliaram como excelente, oito (8) como muito bom, onze (11) como bom, cinco (5) como ruim.

Comparando o desempenho das diferentes partes na avaliação dos teologandos, o desempenho mais satisfatório foi o da Associação. Em seguida vem o dos teologandos e o do evangelista. Por último vem o dos membros da igreja, que teve um alto índice de bom e ruim na avaliação dos estudantes.

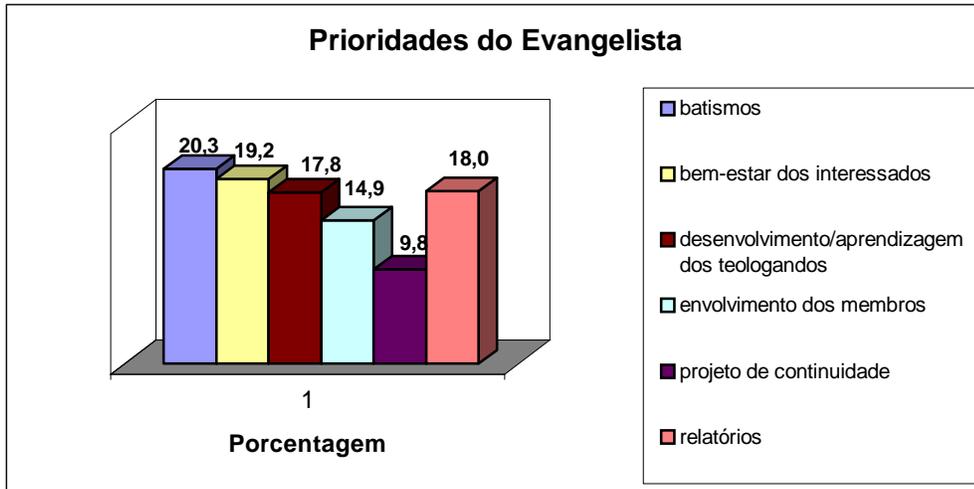
Prioridades Estabelecidas

Foi pedido que os teologandos classificassem por ordem de importância [1 a 6] o que foi priorizado pela Associação, pelo evangelista, pelos teologandos e pelos membros da igreja. Os elementos para a classificação foram: batismo; bem-estar dos interessados; desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos; envolvimento dos membros; projeto de continuidade; relatórios.

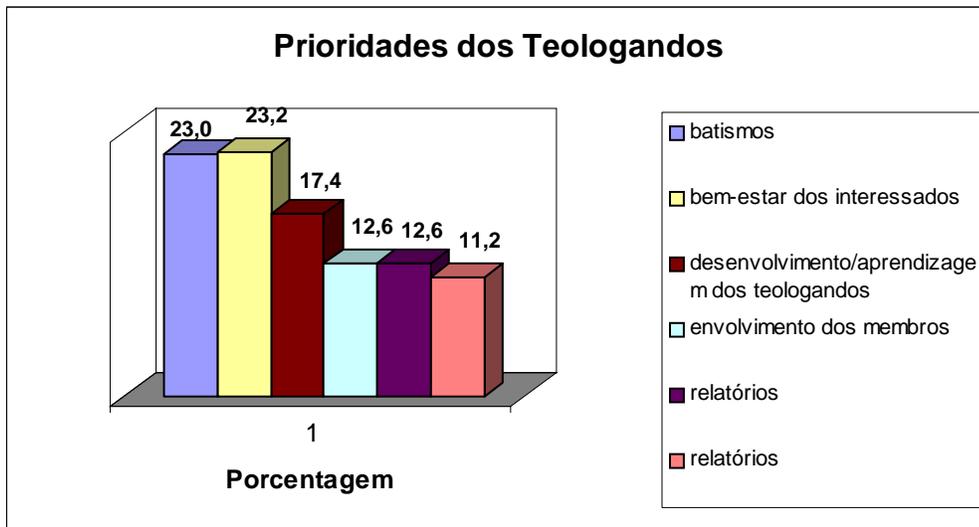
Para tabular os resultados desta parte do questionário foi necessário somar as notas classificatórias de cada elemento em separado, fazer uma relação inversamente proporcional, uma vez que quanto maior o resultado da soma, menor a nota classificatória. A nota um (1) é a melhor e a nota seis (6) a pior. Feito isso, transformou-se o resultado em porcentagem e o resultado foi:



Na ordem de importância, a Associação priorizou: 1º batismos 20,7%; 2º bem-estar dos interessados 20,4%; 3º relatórios 18,4%; 4º envolvimento dos membros 15,8 %; 5º projeto de continuidade 15,1%; 6º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 9,5%.

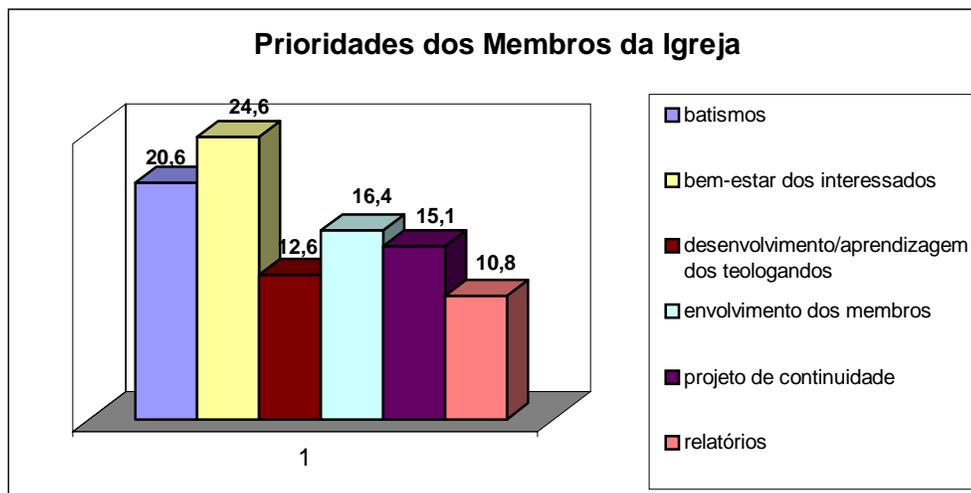


O evangelista priorizou: 1º batismos 20,3%; 2º bem-estar dos interessados 19,2%; 3º relatórios 18%; 4º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 17,8%; 5º envolvimento dos membros 14,9%; 6º projeto de continuidade 9,8%.



Os teologandos priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 23,2%; 2º batismos 23%; 3º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 17,4%; 4º envolvimento dos membros 12,6%;

5º projeto de continuidade 12,6%; 6º relatórios 11,2%.



Os membros da igreja priorizaram: 1º bem-estar dos interessados 24,6%; 2º batismos 20,6%; 3º envolvimento dos membros 16,4%; 4º projeto de continuidade 15,1%; 5º desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos 12,6%; 6º relatórios 10,8%.

Referente à parte das prioridades foi percebido que a Associação e o evangelista, até por estarem diretamente ligados no trabalho, tiveram basicamente as mesmas prioridades, com exceção a dois pontos que se inverteram nos gráficos deles, o desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos, que foi mais valorizado pelo evangelista e o projeto de continuidade que foi mais valorizado pela Associação.

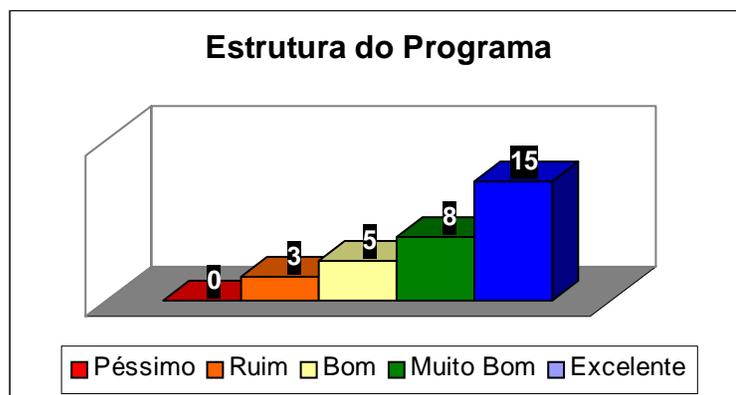
Os teologandos, como a Associação e o evangelista, priorizaram os batismos e o bem-estar dos interessados. Diferenciaram-se deles na prioridade dos relatórios. Para os teologandos foi a menor prioridade. Diferente da Associação, e como o evangelista, os teologandos colocaram o desenvolvimento/aprendizagem deles próprios em terceiro lugar nas prioridades.

Como a Associação, o evangelista e os teologandos, os membros da igreja também priorizaram mais o bem estar dos interessados e os batismos, mas numa ordem invertida. Como os teologandos, os membros da igreja também colocaram os relatórios no último lugar da lista de

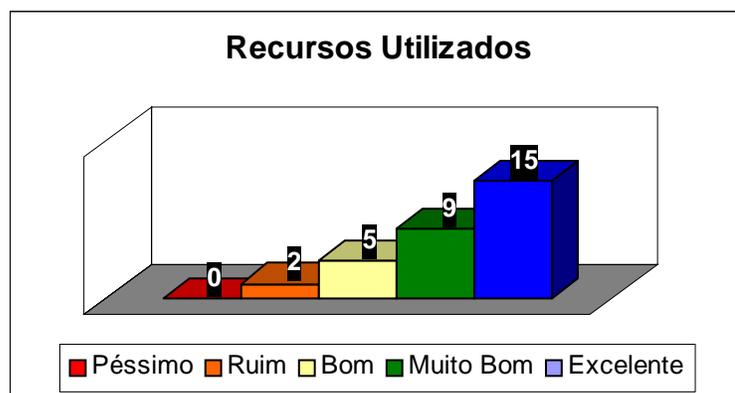
prioridades. Como o evangelista, os membros também não deram grande importância ao desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos.

Avaliação do Programa

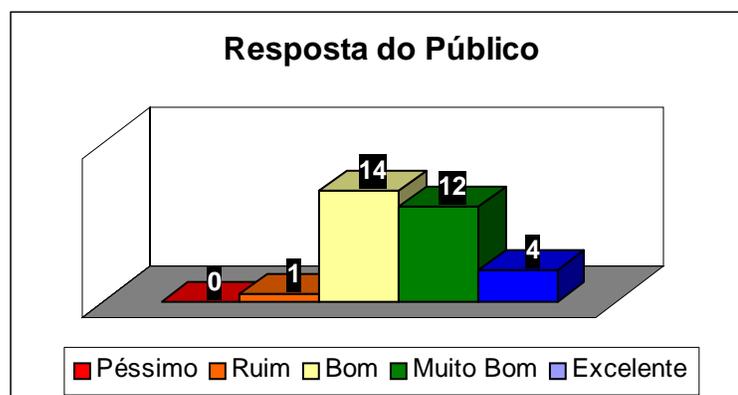
O programa foi avaliado nos diversos aspectos: sua estrutura, os recursos utilizados, a resposta do público, a resposta dos membros da igreja, a realização do programa, o projeto de preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Os resultados foram:



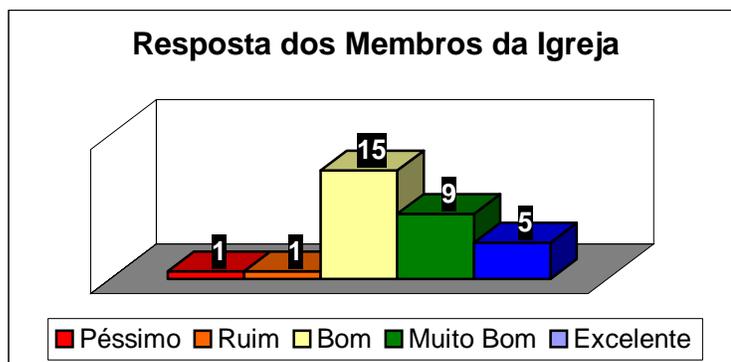
Na classificação da estrutura do programa, quinze (15) alunos a classificaram como excelente e oito (8) como muito bom, representando juntos 74,19%. Cinco (5) alunos avaliaram como bom, três (3) como ruim e nenhum como péssimo. Assim, a estrutura do programa pode ser considerada como muito boa.



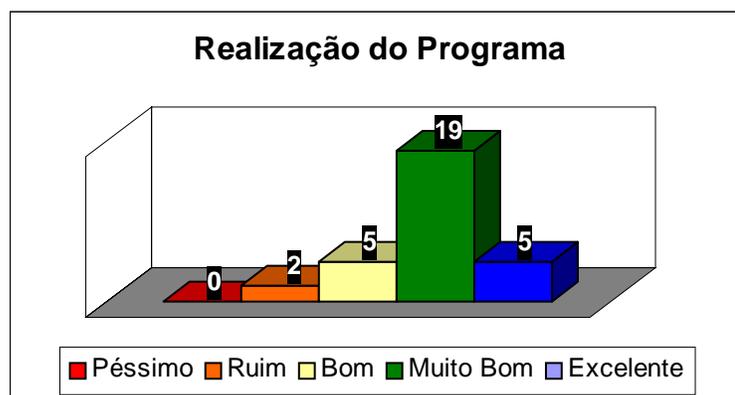
Quanto aos recursos utilizados, na avaliação dos alunos, a classificação foi muito boa. Quinze (15) alunos apontaram como excelente, nove (9) como muito bom, totalizando 77,42%. Cinco (5) alunos classificaram como bom, dois (2) como ruim e nenhum como péssimo.



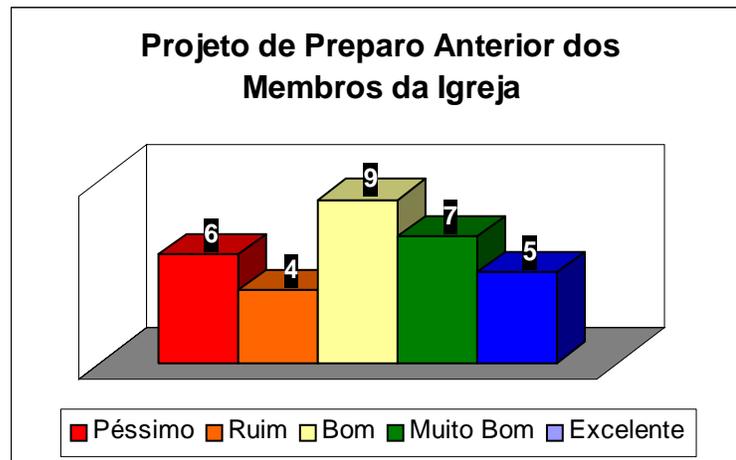
Referente à resposta do público a avaliação não foi tão positivamente intensa como nos aspectos anteriores, mas ainda assim pode ser considerada como muito bom. Quatro (4) alunos avaliaram como excelente, doze (12) alunos como muito bom, quatorze (14) como bom, um (1) como ruim e nenhum como péssimo.



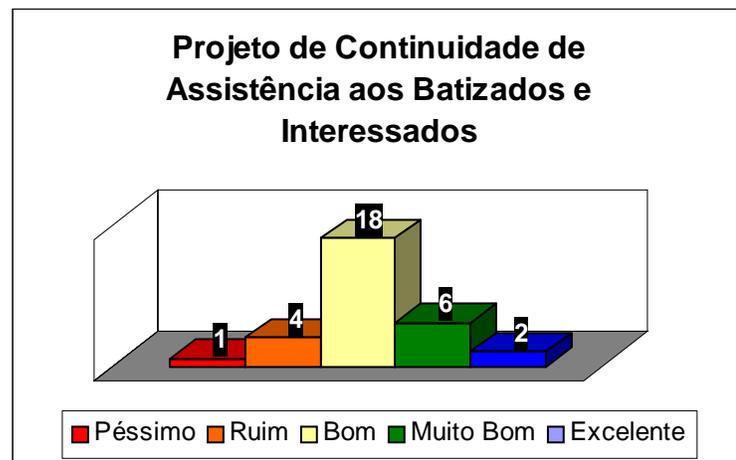
Cinco (5) alunos classificaram a resposta dos membros da igreja como excelente, nove (9) como muito bom, quinze (15) como bom, (1) como ruim, um como péssimo. Como a avaliação da resposta do público, a da resposta dos membros da igreja não foi tão positiva quanto a da estrutura do programa e a dos recursos utilizados. Na média, a classificação foi boa.



A realização do programa também foi muito boa. Cinco (5) alunos classificaram como excelente, dezenove (19) alunos como muito bom, montando 77,42%. Cinco (5) alunos classificaram como bom, dois (2) como ruim e nenhum como péssimo.



O projeto de preparo anterior dos membros da igreja não teve um resultado tão satisfatório, uma vez que somando os que acharam bom, nove (9) alunos, ruim, quatro (4) alunos, e péssimo, seis (6) alunos, temos 61,29% contra 38,71% dos que avaliaram como muito bom, sete (7) alunos, e excelente, cinco (5) alunos. Numa média geral podemos dizer que o desempenho foi bom.



Na avaliação dos alunos, o projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados foi bom. Dois (2) avaliaram como excelente, seis (6) como muito bom, dezoito (18) como bom, quatro (4) como ruim e um (1) como péssimo. A alta concentração de votos no nível bom equilibrou a situação, mas é uma situação de alerta porque bom é o limiar entre o muito bom e o ruim.

Assim, reunindo todas essas informações relativas à avaliação do programa e suas respectivas partes, para os alunos, a estrutura do programa, os recursos utilizados, a realização do programa e a resposta do público foram muito bons. A resposta dos membros da igreja, o projeto de preparo anterior dos membros da igreja e o projeto de continuidade de assistência ao batizados e interessados, ficaram na linha divisória da classificação, sendo considerados como bons.

Percepção do Evangelismo

Assim como no início foi perguntado aos alunos que participaram da conferência quais eram suas expectativas, no final do questionário se perguntou como ele percebe o evangelismo depois dessa experiência.¹

Vinte e seis (26) respostas foram positivas quanto à percepção do evangelismo depois dessa experiência. Quatro (4) respostas apontaram uma percepção positiva e negativa ao mesmo tempo. Diferente das outras duas Uniões, os alunos que participaram do evangelismo na USB, apesar de também terem percebido a experiência como positiva, foram mais intensos, mesmo nas colocações positivas, com relação a ressalvas. De modo geral perceberam a importância do evangelismo de forma positiva, essencial, como experiência espiritual extraordinária para todos os envolvidos, como oportunidade de desenvolvimento. Mas fizeram muitas referências à necessidade de planejamento, de maleabilidade de estratégias e métodos, de necessidade de preparo da igreja antes e de projetos de continuidade.

As expectativas positivas das respostas da questão um (1) foram supridas nas respostas à questão sete (7), referente à percepção de evangelismo após a experiência. A grande maioria tinha expectativas positivas no início e no final tiveram uma percepção positiva. Averiguados se

¹ Ver respostas no anexo E3, referentes à pergunta sete (sete) do questionário.

coincidem os alunos que tinham expectativas negativas com os que perceberam o evangelismo público com aspectos negativos depois da experiência, constatou-se que não são os mesmos, ou seja, não há relação entre as respostas negativas.

Colocando em relação todos os pontos levantados na pesquisa, concluiu-se que os alunos que participaram das conferências públicas na USB, para cumprir o requisito de estágio, tinham expectativas positivas com relação à experiência que viveriam e estas expectativas foram saciadas. Na avaliação deles as partes envolvidas tiveram um desempenho muito bom. As prioridades dessas partes variaram. O programa das conferências foi muito bom, com exceção do projeto de preparo dos membros da igreja antes das conferências, da resposta dos membros da igreja e do projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados. Esses projetos foram bons, mas com muitas ressalvas negativas. Tiveram avaliação relativamente negativa pelos alunos. Todos enxergam o estágio como imprescindível para a formação pastoral a que se propõe o SALT do Unasp, mas com aplicações, em muitos casos, de maneira diferente, em relação às estratégias, metodologias e prioridades.

ANEXO D

QUESTIONÁRIO SOBRE O ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO 2004

QUESTIONÁRIO SOBRE O ESTÁGIO DE EVANGELISMO PÚBLICO 2004

Conferência que você participou (local):

Nome do evangelista responsável:

1. Quais eram as suas expectativas com relação ao evangelismo antes de acontecer?

2. Destaque um ponto forte no programa.

3. Destaque um ponto fraco no programa.

4. Classifique o desempenho:

A) Da associação

Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

B) Do evangelista

Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

C) Dos teologandos

Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

D) Dos membros da igreja

Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

5. Classifique em ordem de importância [1 a 6] o que:

A) A associação prioriza:

batismos

bem-estar dos interessados

desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos

envolvimento dos membros

projeto de continuidade

relatórios

B) O evangelista prioriza:

batismos

bem-estar dos interessados

desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos

envolvimento dos membros

projeto de continuidade

relatórios

C) Os teologandos priorizam:

- batismos
- bem-estar dos interessados
- desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos
- envolvimento dos membros
- projeto de continuidade
- relatórios

D) Os membros da igreja priorizam:

- batismos
- bem-estar dos interessados
- desenvolvimento/aprendizagem dos teologandos
- envolvimento dos membros
- projeto de continuidade
- relatórios

6. Classifique:

A) Estrutura do programa

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

B) Recursos utilizados

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

C) Resposta do público

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

D) Resposta da igreja

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

E) Realização do programa

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

F) Projeto de preparo anterior dos membros da igreja

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

G) Projeto de continuidade de assistência aos batizados e interessados

- Péssimo Ruim Bom Muito Bom Excelente

7. Como você percebe o evangelismo depois dessa experiência?

ANEXO E

RESPOSTAS DAS QUESTÕES SUBJETIVAS DO QUESTIONÁRIO

Anexo E1 - Respostas dos Estagiários da UCB

Segue respostas dos alunos que participaram da prática do Estágio de Evangelismo Público na UCB, referentes às questões dissertativas do questionário. São elas: Questões 1, 2, 3 e 7.

Os números da coluna à esquerda se referem aos códigos em que são denominados os alunos nesta pesquisa a fim de preservar seus nomes.

1. Quais eram suas expectativas com relação ao evangelismo antes de acontecer?

Respostas:

1	Algo grande.
2	Muito boas.
3	Tinha um certo receio, medo de não me sair bem.
4	Que fosse a melhor parte do curso.
5	Ótimos, boas indicações, boa reputação.
6	Um enorme desafio. Um confronto com meus medos e inseguranças.
7	Alta experiência espiritual.
8	Estava motivado, ansioso e preocupado por ser uma experiência que eu não conhecia.
9	Que me permitisse ver o evangelismo como oportunidade para trabalhar as minhas próprias limitações.
10	Desenvolvimento pessoal, espiritual e acadêmico.
11	Já eram boas, pois conhecia o evangelista e sua equipe, mas esperava maiores resultados.
12	Crescimento espiritual. Envolvimento dos pastores e professores do UNASP. Conclusão dos estudos.
13	Boa e muita motivação.
14	Muito boas.
15	As melhores possíveis. Trabalhar bastante, levar o conhecimento de Jesus às pessoas.
16	
17	Medo da cobrança dos batismos.
18	Muito trabalho mesclado com aprendizado.
19	De crescimento.
20	Grandes.
21	Como fazer uma série de conferências. Aprender a fazer evangelismo dentro do distrito.
22	Ansiedade, pois não tinha trabalhado em um projeto puramente evangelístico.
23	Ter uma experiência que fosse edificante e me ajudasse na minha formação pastoral.
24	Era de ter uma experiência espiritual marcante.
25	Muito boas. Imaginava uma programação linda com muitas pessoas assistindo.
26	Grandes massas de interessados e muitas pessoas que aceitassem a Cristo. Aprender muito Com o evangelista.
27	As melhores possíveis. Muita animação.

28	Que seria um evangelismo grande, para milhares de pessoas, que seria dinâmico e que centenas de pessoas aceitassem a Cristo.
29	Um programa espiritual, com programas fortes e de repercussão marcante.
30	Ser bem sucedido, viver a experiência de levar pessoas a Cristo.
31	Positivíssimas. Queria confirmar se realmente tinha o dom do evangelismo. Pensava em algo grande e contagiante.
32	As melhores.
33	Que seria algo muito diferente com total envolvimento da igreja.
34	Nunhuma! Já havia participado de outras.
35	Adquirir experiência e desenvolver.
36	Boas.

2. Destaque um ponto forte no programa.

Respostas:

1	O envolvimento dos teologandos no programa.
2	Palestra dinâmica.
3	Conteúdo evangelístico (profético).
4	Conferência realizada na própria igreja. Desde o 1o dia não se escondeu a fé que professamos.
5	A organização.
6	O evangelista confiava totalmente em nós.
7	O ambiente espiritual que reaviva a igreja.
8	Organização da equipe.
9	O grande número de presentes nas reuniões.
10	A dedicação da equipe.
11	Testemunhos e experiências.
12	O envolvimento dos pastores jubilados.
13	O local e os meios visuais: "os recursos".
14	Mensagem do evangelista.
15	Apelo, conteúdo.
16	Apelo.
17	Prática.
18	A dedicação e vontade dos teologandos.
19	Visitação.
20	Contato pessoal com interessados.
21	Trabalho com o distrito.
22	Organização.
23	Organização.
24	O programa de recepção.
25	Recepção.
26	Recepção.
27	Recursos audiovisuais.
28	Alegria dos teologandos quando participavam, ou seja, poucas vezes.
29	A semana da colheita.

30	O grande apoio do presidente e administração, e do evangelista a nós teologandos.
31	Ter sido realizado na realidade de distrito. A semana da colheita.
32	A sua estrutura.
33	A comunicação com pessoas via TV.
34	A organização para tê-lo.
35	Suporte, organização.
36	A resposta dos membros e das pessoas interessadas. Muitos batismos.

3. Destaque um ponto fraco no programa.

Respostas:

1	A locomoção dos interessados para a igreja. Houve desorganização.
2	Os ônibus que precisavam vir os dois dias aqui não puderam vir por falta de dinheiro que haviam prometido e não deram.
3	Competitividade entre obreiros.
4	Poucos obreiros para visitar muitos interessados.
5	O local (falta de apoio local).
6	A igreja não estava preparada.
7	O pouco tempo para realizar um estágio completo.
8	A distância da família para os casados.
9	Deficiência na organização.
10	O relacionamento com o pastor da igreja local desgastou a equipe.
11	Envolvimento da liderança da igreja no programa.
12	Trabalho para conservar os conversos.
13	A falta de transporte para trazer os interessados para o UNASP.
14	
15	Distância (o campo de alcance da conferência de um extremo ao outro foi de +ou- 100 Km).
16	Nenhum.
17	Falta de apoio financeiro (associação).
18	A falta de organização e "profissionalismo" das conferências - o pastor não era adaptado ao Trabalho, por ser um distrital com pouco preparo para o evangelismo.
19	Assistência pastoral.
20	Estrutura do evangelismo.
21	Falta de atualização.
22	Pouco interesse pessoal dos membros em manter o trabalho.
23	Propaganda.
24	A data que começou. Poderia ser um mês antes.
25	Local não comportou a quantidade de pessoas.
26	Apresentação dos temas bíblicos.
27	Pouco envolvimento da igreja.
28	A didática do evangelista. Os seus métodos não foram os melhores.
29	As lições do seminário do Apocalipse.
30	A falta de preparo da igreja antes do evangelismo, que redundava em pouco acompanhamento depois do batismo.

31	Pregações muito extensas, fazendo o programa terminar muito tarde.
32	Nenhum.
33	Um relacionamento mais próximo com o evangelista.
34	Nenhum.
35	Acho que não teve.
36	A falta de envolvimento do pastor com os membros.

7. Como você percebe o evangelismo depois dessa experiência?

Respostas:

1	É muito importante, mas deve-se pensar em todos os detalhes para que tudo ocorra com Perfeição. Tive uma experiência muito boa em evangelismo.
2	Bom para o meu crescimento pessoal, pois percebo que muitas coisas no evangelismo público devem mudar, principalmente a ênfase em números e não na qualidade. E a falta de preparo antecipado da igreja é um ponto entoa de forma negativa.
3	Com certeza com melhores olhos. A experiência foi positiva; o contato com pessoas não adventistas e a oportunidade de abrir a Bíblia e estudar com elas fizeram muito bem pra mim, mesmo sem batizar muita gente, foi muito gratificante o crescimento pessoal, principalmente espiritual.
4	Superou minhas expectativas e na minha opinião é a melhor parte do curso de Teologia, pois coloca o aluno em contato com a ovelha.
5	Como algo muito importante para qualquer pessoa. Deve ser feito por pessoas que se apóiam em Deus somente.
6	O evangelismo é extremamente necessário, mas não poderia se concentrar em "campanhas", deveria estar diluído em tudo na igreja. Os membros não estão conscientizados dessa importância. Não levam a sério a continuidade... E ainda há um clima de cobrança por número de batismos em detrimento de qualidade dos estudos.
7	O evangelismo impulsiona a igreja a uma maior consagração (de todos), aumenta a espiritualidade, envolve as pessoas, diminui problemas internos e ajuda muito no cumprimento da missão.
8	Foi uma excelente experiência de aprendizado para o ministério.
9	Percebo que o evangelismo é essencial ao ministério. O pastor que não se envolve com o evangelismo cai no risco de perder o propósito do seu trabalho que é salvar almas e ensinar outros a fazê-lo.
10	Confesso que as únicas lembranças positivas em que me apego são: o batismo dos interessados e as amizades que desenvolvi com os irmãos da igreja local.
11	O evangelismo é fundamental para o pastor, e deve ser praticado tanto para trazer novos membros quanto para fortalecer os irmãos trabalhando.
12	Como uma obra de Deus. Visto que muitos pastores têm o dom de trazer, e outros de conservar, acredito que o evangelismo em conferências cumpriu o seu propósito.
13	É um pouco diferente do que imaginava. Só que pude aprender o que se deve fazer e o que não se deve. O evangelismo deve estar presente nas igrejas. Com o envolvimento dos membros.
14	O evangelismo é fundamental na vida do pastor e da igreja, deve acontecer a cada semestre em todos os distritos.
15	Minha experiência foi muito boa - fator de destaque: uma conferência grande dirigida pelo

	evangelista e uma conferência menor dirigida pelo aluno, duas experiências excelentes.
16	Um trabalho conduzido pelo Espírito Santo. O conhecimento acadêmico é importante, mas não transforma vidas.
17	Acredito ter sido chamado para este ministério.
18	Percebo que a qualidade de uma campanha evangelística depende do planejamento, da instrução, da verba, da localização da igreja/salão e da dedicação dos teologandos. Antes tinha uma idéia de que não importavam os fatores, tudo daria certo. Vejo que não é bem assim. Deus abençoa os estudos bíblicos, mas o trabalho precisa ser feito com ordem.
19	Não foi uma boa experiência. Ponto negativo.
20	Ele necessita de melhoria, principalmente por parte do pastor distrital.
21	O evangelismo é uma das prioridades do ministério, porém deve ser feito com organização, envolvimento da maioria dos membros e usando os recursos de atualização.
22	De maneira positiva, é uma das melhores maneiras de ganhar almas para Cristo, porém sempre podem haver correções.
23	Se houver um projeto de continuidade, é um ótimo meio evangelístico.
24	O evangelismo é um instrumento maravilhoso para o envolvimento da igreja e no agregamento de pessoas que deixaram Cristo em algum momento de sua vida, e principalmente de novos conversos para os braços de Jesus.
25	Uma poderosa ferramenta para ganhar pessoas para Cristo e também reavivar a igreja.
26	O evangelismo público deve ser bem planejado e não como se fez em _____. Eu tive uma má impressão do que é evangelismo.
27	Está em meu sangue. Plano e propósito de Deus para a Sua igreja.
28	É uma tremenda experiência, pois eu aprendi muito com os erros e com os acertos desta experiência que presenciei. Sinto-me mais útil à obra de Deus, e totalmente grato por Deus me dar essa experiência de poder levar pessoas à Cristo.
29	É um programa que pode dar certo, se feito de forma adequada com o envolvimento de todos.
30	
31	Maravilhoso. Mas precisa ser devidamente planejado.
32	Uma faceta necessária das atividades na igreja porque aviva os membros, os líderes e proporciona o crescimento da igreja.
33	Que é uma obra fundamental para o campo e o teologando.
34	A missão que Deus nos confiou. Envolve a igreja, os não adventistas, a missão de pregar o evangelho e o resultado de fazer novos conversos.
35	Agradável, é o melhor estágio do SALT. Resultado excelente para o meu crescimento espiritual.
36	Gostaria de trabalhar como evangelista.

Anexo E2 - Respostas dos Estagiários da UCOB

Segue respostas dos alunos que participaram da prática do Estágio de Evangelismo Público na UCOB, referentes às questões dissertativas do questionário. São elas: Questões 1, 2, 3 e 7.

Os números da coluna à esquerda se referem aos códigos em que são denominados os alunos nesta pesquisa a fim de preservar seus nomes.

1. Quais eram suas expectativas com relação ao evangelismo antes de acontecer?

Respostas:

37	Eram boas. Estava fazendo algo para Deus.
38	Aprender a gostar de evangelismo.
39	Boas.
40	Seria uma grande dificuldade.
41	Grandes. Bastante ansiedade.
42	Que seria duro mesmo, mas muito gratificante, pessoas batizadas.
43	Não era bom!

2. Destaque um ponto forte no programa.

Respostas:

37	As mensagens (sermonetes)
38	Pregações
39	O entusiasmo demonstrado por aqueles que participaram
40	A união do grupo
41	Carisma do evangelista
42	O louvor
43	A visitação

3. Destaque um ponto fraco no programa.

Respostas:

37	Membros da igreja não se envolveram tanto.
38	Músicas.
39	Os equipamentos às vezes nos deixavam na mão.
40	O evangelista deixou a desejar.
41	A ausência do evangelista em alguns dias. A acomodação. Ficamos na casa de um pastor.
42	Hora dos brindes.
43	O pastor _____ falava demais e cansava o público.

7. Como você percebe o evangelismo depois dessa experiência?**Respostas:**

37	Que é algo maravilhoso quando membros, pastores, e associação se empenham em realizar algo bem feito para honra e glória de Deus.
38	O evangelismo é uma expressão de amor.
39	Como algo necessário e de muita importância para o avanço da mensagem.
40	Estou preparado, em nome de Jesus para fazer este grande trabalho.
41	É uma experiência inigualável.
42	Excelente. Quero fazer muitas!
43	Foi uma coisa maravilhosa!

Anexo E3 - Respostas dos Estagiários da USB

Segue respostas dos alunos que participaram da prática do Estágio de Evangelismo Público na USB, referentes às questões dissertativas do questionário. São elas: Questões 1, 2, 3 e 7.

Os números da coluna à esquerda se referem aos códigos em que são denominados os alunos nesta pesquisa a fim de preservar seus nomes.

1. Quais eram suas expectativas com relação ao evangelismo antes de acontecer?

Respostas:

44	Esperava ter uma experiência marcante espiritualmente; um crescimento maior na prática pastoral.
45	Uma experiência que iria confirmar o chamado feito por Deus.
46	Melhor e maior aceitação das pessoas.
47	Esperava uma escola prática. Ter condições de realizar um evangelismo no futuro. Ter uma marcante experiência com Deus.
48	Muito trabalho, dedicação, alguns contra tempos e muita alegria ao ver pessoas se decidindo por Cristo.
49	Conseguir alcançar o alvo de batismo.
50	As melhores possíveis.
51	De encontrar uma seara pronta para colher, de viver parcialmente um momento do ministério e de salvar almas para o reino de Deus.
52	Aprender, evangelizar, tornar conhecido o meu trabalho.
53	Esperava batizar mais pessoas.
54	Que fosse bastante espiritual.
55	Grandes experiências espirituais, consagração e conhecimento prático.
56	Crescimento no conhecimento prático.
57	Insegurança quanto ao método de trabalho.
58	Imaginava ser fácil e mais simples, sem grandes custos.
59	Insegurança, expectativa.
60	Estava meio ansioso, pois nunca havia participado de uma conferência, mas também aguardava muito por esse momento.
61	Cheio de poder, um trabalho na linha de frente para Deus.
62	Estava muito ansioso, pois acreditei que era e é o ponto alto do curso de Teologia.
63	Que seriam o ponto alto de minha experiência no SALT.
64	As mais interessantes possíveis, pois iria realizar algo novo em minha vida.
65	
66	As melhores possíveis. Eu esperava um crescimento espiritual e uma grande experiência.
67	Aprender tudo possível sobre evangelismo e levar muitas pessoas à conversão.

68	Confirmação do chamado, alegria de levar o evangelho, satisfação ao ajudar as pessoas.
69	As melhores.
70	Realização de um bom trabalho.
71	De crescimento prático pastoral, de contribuição ao trabalho evangelístico e crescimento também espiritual.
72	Medo, ansiedade, achar que estava despreparado.
73	Muito bom.
74	Como seria o contato com os irmãos, a cobrança do evangelista, etc.
75	Que seria uma experiência muito abençoada e gratificante.

2. Destaque um ponto forte no programa.

Respostas:

44	Propaganda.
45	Planejamento bem feito.
46	Material: quantidade e qualidade.
47	Programa de manutenção dos interessados.
48	Organização muito boa.
49	Organização.
50	Interesse na salvação das pessoas.
51	A divulgação do evento.
52	Organização.
53	O planejamento.
54	Recursos audiovisuais.
55	Ajuda dos irmãos.
56	Palestras bem argumentativas.
57	Impacto na sociedade local.
58	A eloquência do evangelista.
59	Presenciar pessoas, com quem trabalhou, selando suas vidas com Jesus.
60	O modelo usado (tenda), foi algo que chamou bastante a atenção.
61	Envolvimento de todos, no programa (organização) igreja, obreiros, evangelista.
62	As experiências com as pessoas e a organização.
63	A "animação" do evangelista. Entusiasmo que se refletiu na programação.
64	A organização - início/ meio/ fim.
65	
66	Eu recebi o crescimento espiritual e experiência.
67	Muitos convites distribuídos.
68	Conteúdo evangelístico das mensagens.
69	Projetos.
70	Boa divulgação, lugar de realização, suporte.
71	Alta verba financeira e alojamentos.
72	As músicas e os vídeos.
73	Música e organização.
74	A participação dos membros auxiliando e enriquecendo a programação.

75	O trabalho em equipe e o envolvimento da igreja.
----	--

3. Destaque um ponto fraco no programa.

Respostas:

44	Conteúdo das mensagens.
45	Execução do planejamento em meu ponto de pregação - Igreja.
46	Programa de manutenção dos batizados.
47	Escolha do campo (bairro) do evangelismo.
48	Bairro de classe média.
49	Falta de planejamento do programa infantil.
50	Mudança do pregador no meio das conferências.
51	A dificuldade de unir as pessoas que estavam recebendo estudos bíblicos da igreja para a conferência.
52	Localização.
53	As prioridades (houve uma inversão).
54	Não houve.
55	Conservação das almas.
56	Troca do evangelista no meio da conferência.
57	Irrelevantes.
58	Palestras muito demoradas.
59	Promessas de brindes que não foram cumpridas.
60	Promessas não cumpridas.
61	A conservação que apesar de boa, não é a que para mim deveria ser, onde no evangelismo trabalharam obreiros na conservação apenas um.
62	Não teve.
63	Muitos "presentes" caros para os "alunos" da tenda.
64	A mudança do local evangelístico.
65	
66	Houve muitos atritos entre o Evangelista e os alunos, que desestimulavam o grupo. Não houve muita orientação.
67	Palestra sobre família antes da palestra sobre o cigarro.
68	Dificuldade na construção da igreja onde aconteceria a conferência.
69	Parte espiritual.
70	Tempo escasso, atraso no início do evangelismo (20 dias aproximadamente).
71	Liderança.
72	Ambiente para crianças.
73	O Evangelista.
74	De alguns membros não fazerem nada e só ficarem criticando.
75	Período muito curto.

7. Como você percebe o evangelismo depois dessa experiência?

Respostas:

44	Fundamental para o crescimento espiritual dos envolvidos e dos conquistados. Necessita maior preparação dos programas e continuidade.
45	Deus me confirmou o chamado mostrando-me que meu dom é ser pastor de Igreja e não pastor evangelista. O planejamento foi muito bem elaborado e executado na maioria dos pontos de pregação. A assistência aos teologandos foi excelente em todos os aspectos. A igreja a qual trabalhei prejudicou muito o resultado das conferências e a execução do plano de conservação dos batizados.
46	Algo difícil e que esperava mais tanto das pessoas, como dos resultados em números.
47	Um programa que não deve ser arquivado. Deve ser mantido e a este devem ser agregados novos métodos de evangelismo. Técnicas e programas paralelos.
48	Obra pela qual a palavra de Deus é apresentada e levada aos que ainda não O conhecem ou que não o aceitaram ainda. Portanto, foi muito bom de modo que se tivesse novamente teria o prazer e alegria em fazer.
49	Que é um programa indispensável dentro da igreja. É algo que fortalece espiritualmente tanto a igreja como o próprio pastor.
50	Meio eficaz de salvar pessoas para o reino de Deus.
51	Há um sentimento de realização pessoal e ao mesmo tempo uma vontade tremenda de logo estar trabalhando na causa do Senhor. Sem dúvida há um amor maior pelas almas e pelo evangelho de Cristo que restaura as pessoas.
52	Essencial para o crescimento da igreja, para o mantimento da doutrina e para o crescimento espiritual pessoal do pastor e dos membros.
53	Como uma obra com necessidade de reformas.
54	Como algo extraordinário.
55	Percebemos que as conferências é um bom estágio. Representa um marco para o teologando.
56	O mais importante de um evangelismo é o que ocorre antes e depois do mesmo.
57	Algo que bem feito proporciona resultados satisfatórios.
58	Incrível manifestação divina que deve ser usada dentro dos planos de Deus, com humildade de coração, pois Deus dará em sua misericórdia forte colheita.
59	Uma obra divina que tem sua importância e seu lugar, apesar de certas fragilidades que deve ser suprida com outras formas de evangelismo (não-público).
60	Pelo menos na conferência que realizamos, as pessoas recebiam o ensinamento de todas as nossas doutrinas, e os batismos não foram apenas um "banho" como alguns costumam dizer; porém percebi que é necessário um grande apoio pessoal, pois não são somente doutrinas que trazem pessoas para a igreja, mas também amizade, e alguns dos que não freqüentam mais a igreja saíram por esse motivo, não tinham mais aquele apoio, pois o número de batizados foi grande, porém apenas um obreiro ficou após o evangelismo e a igreja não sabia realizar esse trabalho.
61	O evangelismo é necessário, porém deve ser bem planejado e aplicado, como o que vimos em nosso estágio, onde uma igreja foi formada devido ao bom trabalho realizado pela associação, evangelista e obreiros teologandos.
62	Como uma forma importante e necessária para o desempenho de levar pessoas a Cristo. Vejo o evangelismo com saudades pois aprendi e cresci muito com essa experiência em minha vida.
63	Ainda vejo como uma obra muito especial de Deus, de resultado palpável, porém em diversas

	áreas me decepcionei e, se pudesse, faria diferentemente, mesmo percebendo que esse "ideal" não é o "ideal" da igreja em muitos locais.
64	1) Com uma amplitude maior. Hoje eu sei o que devo fazer e o que não devo fazer. 2) Consigo amar mais as pessoas que não conhecem a Jesus. 3) Faria de forma correta e coerente evangelismo no meu ministério, porque ajudará a atingir pessoas que de outra forma não atingiria, devido a pré-conceito, assim usaria os temas saúde, família, etc. para trazê-los a Jesus.
65	
66	Eu acho um trabalho fantástico, quando feito de maneira correta. Tem que dar mais atenção aos interessados depois de entrarem na igreja (continuidade).
67	Deve ser algo muito bem planejado. Uma vez iniciado, deve haver harmonia entre os obreiros e O evangelista.
68	Como uma obra que deve ser feita pela igreja como um todo onde todos participem e ajudem na propagação do evangelho.
69	Graças a Deus a obra é Dele e não de um só homem...
70	O evangelismo é uma ferramenta de Deus para levar o evangelho com poder ao mundo. Mas necessita de preparação, envolvimento da igreja, e principalmente de acompanhamento pós-batismo.
71	O evangelismo é o coração do objetivo e missão da igreja. Felizmente Deus nos deu oportunidade para observar os erros e dificuldades e aprender a realizar um trabalho eficaz na obra evangelística.
72	Como muito bom! Uma grande escola prática, que o deixa envolvido com a Bíblia e o trabalho do pastor. Ele é muito importante pois fortalece biblicamente a igreja pois é rever tudo que um dia estudaram. Todo pastor deve realizar!
73	Bom. Aprendemos bastante.
74	Para mim foi algo muito bom. Ao término do trabalho saí mais que realizado. Foi um trabalho muito cansativo, mas com o resultado de 47 almas para Jesus foi algo que realmente me fez querer mais ainda ser um pastor e trabalhar para o Senhor.
75	Que é uma experiência extremamente gratificante, mas que deveria ser acompanhada de um projeto de continuidade mais eficaz.